

Fúria LUPINA

AMÉRICA CENTRAL



ALFER MEDEIROS



FÚRIA LUPINA AMÉRICA CENTRAL

ALFER MEDEIROS

Edição Digital

2013

Capa: Silvio Medeiros
Ilustração da capa: Carolina Mancini
Revisão: Adriana Cabral

Copyright © 2012 Alfer Medeiros

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados no futuro, sem autorização prévia e por escrito do autor.

(I) FARO APURADO

No Rastro do Terrível "El Lobo"

Postado em 01 de janeiro de 2010 por dr-glendon

Olá, leitores do *blog*!

Hoje iniciaremos uma excitante caça ao lobisomem. Isso mesmo, você leu corretamente! Meu nome real não vem ao caso, mas pode me chamar de Dr. Glendon – adoro esse personagem (na dúvida, dê uma pesquisadinha no Google, o novo deus do século XXI). Eu sou um cara normal, nascido no México, que levava uma vidinha bem comum, até uma cadeia de acontecimentos me colocar em uma aventura investigativa que renderá muitos *posts* neste *blog*, depois um excelente livro e, quem sabe, até um filme de Hollywood! Se rolar mesmo, quero ser interpretado pelo Danny Trejo, mesmo ele sendo mais velho que eu. Ele é o meu herói! Assista Machete e entenderá o que digo. Ah, a trilha sonora pode ser do Howling Wolf.

Voltando ao material deste futuro filme... No ano passado aconteceram no México dois crimes que chocaram a sociedade e que somente foram veiculados em jornais sensacionalistas, daqueles que você torce e pinga sangue. Um maníaco estuprou e desfigurou duas mulheres de modo irracional. O estado no qual foram encontradas era tão lastimável que acharam que o indivíduo usava um cachorro para atacar as vítimas, um pitbull ou algo do gênero.

As duas foram encontradas com vida, mas acabaram morrendo no hospital. Uma permaneceu inconsciente todo o tempo e morreu uma semana depois do ataque. A outra estava consciente nas horas de vida que teve depois da violência sofrida. Fui atrás dessa aí, porque tinha bons motivos para isso (não citarei por ora, mas confie em mim, tenho minhas razões!) e consegui ter uma conversa rápida com ela após molhar a mão de um segurança e de um enfermeiro. Mesmo em estado de choque, ela conseguiu relatar o horror que sofreu. Por baixo de muita bandagem, curativo e gesso, pude ver em seus olhos arregalados a expressão máxima do medo.

Entre soluços e frases sem sentido, consegui extrair uma informação importante. Ela afirmava ter sido atacada por um lobisomem! Só foi uma pena a conversa ter sido tão curta, porque logo ela surtou e eu tive que ir embora.

Ao saber disso, tomei uma decisão radical. Ia largar meu trabalho na loja de veículos do meu tio e ir atrás desse cara que a mulher chamou de El Lobo. Eu tenho algumas economias que guardei para viajar pela Europa nas minhas próximas férias e, com elas, vou seguir o rastro desse maníaco.

Você deve estar duvidando da minha história, achando muito inverossímil um carinha largar sua vida tranquila para sair à caça de um bicho que nem existe. Espere um pouco

antes de me julgar, amigo! Ainda não contei tudo o que precisava para convencê-lo.

Em primeiro lugar, sou jornalista formado, mas o mais perto que cheguei de exercer essa profissão foi um estágio em um jornaleco do meu bairro, em uma função que era praticamente arranjar anunciantes entre os comerciantes locais. Um trabalhinho de merda, com o perdão da palavra. Depois de três meses, desisti do jornalismo e fui trabalhar com o meu tio. Apesar de ganhar bem no meu emprego atual, sempre ficou aquela vontade de ser repórter investigativo.

E foi essa inclinação à investigação que me levou a fazer algumas perguntas em algumas bocas quentes da periferia (prefiro não citar as cidades). Cinco corridas e três surras depois, fiquei sabendo que o tal do El Lobo existia mesmo, e era bem conhecido no submundo, apesar de que sempre que a palavra "lobisomem" era citada, alguém queria me expulsar do lugar ou me bater. Vi então que tinha o caso da minha vida em mãos. Iria atrás do maníaco, deixando tudo pra trás.

E aqui estou eu, indo para o nosso vizinho Belize, lugar para onde o rastro do maluco aponta. O ano começa com tudo e convido a todos a embarcarem comigo nesta viagem louca atrás do suposto lobisomem estuprador.

Não deixem de acompanhar o *blog*, porque postarei atualizações sempre que tiver novidades.

Vamos caçar El Lobo!

Tags: México, investigação, começo, lobisomem, estupro

Comunicado da Alcateia Global ao Agente Especial Casillas

Este documento tem a finalidade de expor as premissas da missão de resgate a se desenvolver em terras da América Central, com início nos primeiros dias do ano de 2010:

1) Objetivo principal

- Resgatar a criança chamada Nazaré, sequestrada na Amazônia brasileira no final do ano passado; o autor do crime é a ômega chamada Monica Chavez, membro de uma família criminosa que domina o submundo da América Central;
- Fênix, fêmea alfa aniquiladora, participará das ações por ordem direta de Bjornson, presidente da organização e também seu pai; teve contato direto com a criança por alguns meses e chegou a entrar em confronto verbal com a sequestradora;
- Dante, macho alfa farejador, fará parte do grupo como treineiro; há suspeitas de que seja um novo totem-vivo; as ações da missão servirão como catalisadores de suas novas habilidades especiais;
- A agente Caroline comandará o serviço de comunicação e inteligência da base no Brasil, apesar de sua recuperação da ação violenta na Amazônia, que a deixou impossibilitada de enxergar; este membro será responsável por receber todos os reportes de atualização da missão e também por guiar o grupo de ataque em pontos de ação; encontra-se atualmente bem adaptada a essa nova condição, tendo suporte de ferramentas tecnológicas que a auxiliam na operação do computador.

2) Pontos de atenção

- Território: totalmente hostil, com homens-lobo voltados a práticas criminosas e pouca comunicação com alcateias externas (consultar fichas individuais dos irmãos Chavez, comandantes de diversos países dentro do subcontinente);

- Nazaré: criança autista com dificuldades na comunicação verbal com outrem; humana comum com habilidades mentais de peeira, tem facilidade na comunicação não verbal com lobos e cães; possui alta capacidade de comunicação telepática com homens-lobo;

- Monica Chavez: telepata com habilidades apuradas de localização e comunicação; foi entregue a dois caçadores estadunidenses como moeda de troca quando da tentativa destes em adentrar território dos Chavez, após amplo extermínio de homens-lobo em Cuba; essa ação afastou os atacantes da América Central, conduzindo-os diretamente ao Brasil, onde acabaram mortos por agentes da Alcateia Global, auxiliados por forças locais; ao se ver livre de seus captores, Monica utilizou Nazaré - criança com fortes vínculos sentimentais com a agente Fênix -, como escudo humano para sua fuga da Amazônia brasileira, último lugar de onde há notícias de seu paradeiro; tudo leva a crer que a ômega retornou ao seu local de origem por ainda ter aliados lá;

- Fênix: muita cautela é necessária na condução das ações desta agente, dado o alto grau de envolvimento sentimental com o objeto da missão; está presente nas ações somente por ordens extraoficiais, o que demanda maior rigidez na sua condução, visto que não tem o perfil mais adequado às incursões em território hostil; apresenta quadro agressivo acima do normal, equiparando-se à fêmea em defesa da cria; é altamente aconselhável canalizar tal agressividade em ações que exijam mais força e menos estratégia;

- Dante: o brasileiro é um aleatório - não vem de família de homens-lobo -, e ainda não está totalmente seguro de seus dons; a suspeita de que seja um totem-

vivo apresenta-se como argumento para colocá-lo como participante em missão tão arriscada a despeito do indivíduo ser um agente novato; é recomendável evitar abordagens demasiadamente didáticas, deixando-o entregue ao autoaprendizado de poderes que virão nos momentos mais extremos da investida em território hostil;

- Agentes ômega: dada a alta taxa de mortalidade de nossos agentes infiltrados na América Central, há suspeitas de traição por parte do efetivo da organização; até segunda ordem, nenhum agente de campo já inserido na região deve receber informações sobre esta investida;

- Autoridades locais: o poder dos Chavez não está somente na força bruta; corrupção e manipulação de forças policiais e políticas de seu território também fazem parte dos planos de manutenção do seu império criminoso; por conta desse cenário, não podemos contar com apoio de aliados exteriores à Alcateia Global no andamento da missão.

3) Opções de abordagem

- Primária: atuar através de ações investigativas com o intuito de descobrir o paradeiro de Nazaré; a prioridade é trazer a criança para território aliado da Alcateia Global com o mínimo de danos à integridade física e mental desta; as primeiras ações devem ser baseadas em entrevistas a agentes da inteligência locados em territórios menos hostis, como Porto Rico e Haiti; apesar de remota, há a possibilidade de Monica estar atuando sozinha, sem ajuda dos irmãos;

- Alternativa 1: caso as abordagens investigativas não sejam suficientes para se chegar à criança, deve-se adotar ações de inteligência e contrainformação para desestabilizar os chefes do submundo da América Central, de modo a facilitar a atuação dos agentes de campo, deixando-os mais livres para agir; Caroline já estuda alternativas que façam os criminosos lutar entre

si, através de enfraquecimento de acordos e boatos sobre traições;

- Alternativa 2: se os cenários anteriores não fornecerem os elementos essenciais à conclusão da missão, será necessária a investida direta à família Chavez; havendo essa possibilidade, espera-se que as tentativas anteriores ajudem no que diz respeito a enfraquecer os oponentes e conhecer melhor seus pontos fracos; a integridade física dos agentes de campo neste cenário corre sério risco, visto que o efetivo é reduzido e os inimigos têm grande poder.

4) Meios de comunicação

- Utilização de *notebooks* e *smartphones* equipados com ferramentas de criptografia e esteganografia homologados pela Alcateia Global;

- Troca de informações através de arquivos criptografados e inseridos em imagens, anexados em e-mails cujas contas serão alteradas semanalmente em servidores rotativos, conforme regras da tabela do Anexo 1 deste documento;

- As informações de acesso a provedores de internet dos países da ação estão no Anexo 2 deste documento;

- Toda a retirada ou entrega de equipamento será feita através de lugares seguros denominados “postos de acesso”, espalhados pelo território da ação e identificados por números de 01 a 32 (consulte lista de postos de acesso no Anexo 1 deste documento);

- Conversas telefônicas de emergência devem ser curtas e codificadas.

LOBOS E CHACAIIS

– Aceitam uma bebida? – o homem franzino não parecia muito à vontade com a presença dos três visitantes. Eles formavam uma meia-lua à sua frente, sentados do outro lado da pequena mesa redonda.

– Não precisa se incomodar, Augusto – respondeu Casillas, o espanhol que claramente era o porta-voz do pequeno grupo. – Nossa conversa será breve, não é mesmo, amigos?

Dante e Fênix consentiram com acenos de cabeça. A norueguesa encarava Augusto de maneira pouco amistosa e o brasileiro mantinha seu costumeiro semblante inexpressivo.

"A que devo a honra da visita de três membros da Alcateia Global à minha humilde residência?"

– Não use comunicação telepática!

– Ela tem razão – falou rapidamente Casillas, com a mão no ombro da mulher à sua esquerda, sentindo a tensão dos seus músculos. – Não é seguro fazermos isso em território tão pouco amigável.

– Tudo bem, não há problema. Posso garantir que aqui é um lugar seguro para os de nossa espécie.

– Nunca se sabe, Augusto. As ações catastróficas em um passado recente mostram que a América Central é território hostil.

– Sim, sim. Como agente secreto ômega, senti na pele a selvageria dos lobos que comandam o submundo desta região. Mas estamos no Haiti, um país sem interesse para os Chavez.

– Correto. E é por isso que iniciaremos nossa missão aqui, com a sua ajuda – continuou o espanhol. – Uma irmã dos Chavez, a ômega chamada Monica, com certeza retornou para cá após fugir do Brasil. Você já deve saber que ela sequestrou uma criança, usando-a como escudo contra a fúria de minha companheira aqui presente. O que a sua rede de informantes sabe sobre isso?

– Será que ela conseguiu mesmo sair do Brasil? – retrucou Augusto, ainda incomodado.

– Conseguiu, e você sabe disso – Casillas encarava o agente de modo sério. – Fale-me sobre Rafael Chavez. Ela recorreu ao sobrinho para poder voltar, não é

mesmo? A conexão foi Honduras, ou algum local neutro?

– Como posso saber? – o nervosismo ficou mais evidente pela voz a assumir um tom mais agudo que o normal. – Eu coordeno os agentes ômega do serviço de espionagem, mas é muito difícil chegar aos Chavez sem levantar suspeitas. Eles comandam o submundo do crime em vários países, e isso acontece principalmente por serem muito ariscos.

Fênix sabia muito bem ler a mentira nas expressões e gestos de um homem e, no caso do interrogado, isso brilhava como um portentoso letreiro de neon. Ele sabia de algo e não queria falar. A norueguesa lembrou novamente de Nazaré, tão frágil e indefesa, nas mãos de uma pessoa sem escrúpulos como a perversa Monica. Sentindo a cabeça latejar de ódio, procurou se controlar. Despedaçar o infeliz na forma de loba não ajudaria no bom andamento de tão importante missão de resgate.

– O avião dos traficantes colombianos pousou em qual cidade de Honduras? Onde ela foi buscar abrigo?

Augusto se deu conta de que estava diante de um telepata poderoso. Ele conseguiu extrair tudo o que queria, em poucos segundos de conversa e sem levantar suspeitas. Será que havia conseguido trancar sua mente a tempo? Teria ele chegado a algo mais revelador ainda na sua cabeça?

– Sim, já sei da sua conexão com a máfia lupina que domina a América Central. É melhor colaborar conosco, ou terá de se entender com Dante e Fênix.

O homem, apavorado, lançou um breve olhar aos poderosos alfas à sua frente. Mesmo na forma humana, eles eram ameaçadores. A mulher alta de cabeça raspada sustentava um olhar assassino, era uma bomba prestes a explodir. O homem não demonstrava sentimentos, mas tinha uma aura quase palpável, sobrenatural. Ele assustava Augusto, mais que os outros. Um confronto direto estava fora de cogitação, a fuga era sua única chance neste terrível beco sem saída.

O único ato corajoso de um traidor é o de salvar a própria vida. Preparou os músculos das pernas para agirem repentinamente em um pulo até a janela, distante apenas um passo à sua direita. Tinha somente uma fração de segundo. A mulher começou a proferir ameaças, mas ele nem ouvia mais. Vagarosamente abriu as pernas, posicionando-se de maneira mais adequada sobre a cadeira, como se montasse um cavalo. Apoiou as mãos na mesa. Então veio a dor.

A faca pareceu simplesmente ter se materializado no seu peito, tamanha a velocidade com que foi arremessada pelo espanhol. Caindo lentamente sobre a mesa, Augusto pensou como ele podia entrar em sua mente sem ser percebido,

coisa que nenhum homem-lobo comum pode fazer. Morreu antes que sua testa tocasse a madeira gasta, sem saber que tinha diante de si o melhor telepata da Alcateia Global.

– Vamos embora. Eu consegui extrair dele tudo o que era possível.

Os três saíram sorrateiramente do barraco e ganharam a viela imunda. A missão de resgate de Nazaré havia começado.

– Estou angustiado – Dante, no banco de trás do automóvel alugado que os levava até Porto Príncipe, revelou aos companheiros. Casillas sabia, através de sondagens mentais, que a pessoa-chave para localizar Nazaré estava na capital.

– Você deveria ser mais forte para encarar a tarefa de agente de campo da Alcateia Global – respondeu Fênix, do banco do carona. – Eu não gostei nem um pouco de saber dos hábitos solitários e arredios do lobo-guará. Sendo esse o seu tipo de lobo, você herda essas características. Sempre fui contra a sua presença nesta incursão.

– Calma, Fênix – desta vez era Casillas a falar. Ele dirigia o carro. – Dante não nasceu em uma família de homens-lobo e ainda não alcançou a maturidade em relação aos seus dons. Devo dizer que você também não é a pessoa mais indicada a estar aqui, dado o seu envolvimento sentimental. Por isso, vou deixar as coisas bem claras mais uma vez: eu estou no comando, e vocês devem me obedecer!

– Dois alfas seguindo um ômega? – ironizou a mulher.

– Sim! Se não concordar, eu paro o carro e nós resolvemos isso de uma vez por todas! Não seria a primeira vez que eu imporia minha vontade à força a um licantropo.

– Calma, pessoal, brigas internas só vão tornar nossa vida mais difícil. Desculpem, mas é tudo muito novo pra mim. Há alguns meses, eu era um geólogo levando uma vida bem pacata. De repente, descobri que existem outros como eu. Desde então, tudo virou de pernas pro ar. E essa história de totem-vivo citada por muitos, o que quer dizer?

– Essa é uma jornada de conhecimento que você terá de fazer por conta própria, amigo – falou o motorista, mais calmo. – Sua presença nesta operação é parte disso. Na prática, perceberá alguns dons incomuns, revelados aos poucos, conforme for precisando deles. Se tivesse permanecido solitário no Brasil, poderia levar décadas até alcançar o caminho do totem-vivo.

– Fico profundamente irritada com a maneira didática como todos se dirigem a Dante. No pouco tempo que estive em Joanópolis após chegar da Noruega, notei que mesmo Caroline o trata como um aluno, e não como companheiro. Parecem estar passando lições a uma criança!

– Precisamos ter equilíbrio para trazermos a criança para casa em segurança. Além disso, somos agraciados pela presença de um totem, depois de séculos de ausência. Cabe a nós a tarefa de fornecer a ele o máximo de experiência que pudermos – Casillas olhou pelo retrovisor. – Dante, aproveite cada ação e saiba reconhecer em pequenos detalhes os passos da sua jornada. Nós tentaremos facilitá-la ao máximo, mas terá de andar com suas próprias pernas.

– Agradeço a ajuda oferecida e entendo o nervosismo de Fênix. A minha afirmação inicial pode ter parecido uma reclamação de alguém chocado com este território hostil, mas não é. Desde que chegamos ao Haiti, sinto um incômodo crescente, e agora virou uma aflição que não consigo controlar. Aprendi a captar a ameaça vinda de outros, mas agora é algo muito maior, uma coisa que me amedronta de verdade.

– Isso é incomum e não devemos ignorar seus instintos – Casillas olhou rapidamente para Fênix. – Você não sente algo do tipo? Nesse ponto não posso ajudar, pois fui agraciado somente com o dom da telepatia.

– Sinto apenas ódio e vontade de matar – foi a resposta direta da norueguesa.

– Controle esses sentimentos e ouça seus instintos. É essencial usarmos todos os recursos que temos neste território nada amigável. Será algum tipo de emboscada? Matamos um traidor hoje, mas o que ele pode ter arquitetado contra nós antes dessa ação?

– Apenas quero resolver logo isso – a mulher parecia pouco interessada na conversa. Olhava de modo distraído a pobreza do povo haitiano pela janela do carro. Lonas azuis de um acampamento e rostos sofridos eram as únicas coisas visíveis da estrada.

– Sinto algo no ar, um tipo estranho de eletricidade, uma pulsação que arrepia meus pelos e agride meus tímpanos. São golpes não palpáveis, sons inaudíveis. Pareço maluco falando isso?

– De maneira alguma, Dante. Fênix, por favor, ignore seu ódio e dê voz aos seus instintos de sobrevivência. Nossa integridade física pode depender disso – ela pareceu levar a sério o pedido, pois fechou os olhos e começou a respirar fundo, buscando acalmar-se. – E então? – questionou Casillas, após ela virar a cabeça e encará-lo com um semblante diferente.

– Talvez seja melhor sairmos daqui – o tom de voz soou menos rude. – Pode haver algo ruim se aproximando.

– Obrigado, Dante. Você nos alertou sobre alguma coisa muito perigosa que está para acontecer – Casillas mudou de direção, passando ao lado de um veículo militar das Nações Unidas.

– O que é, de fato, essa ameaça? – questionou o brasileiro, enquanto observava os homens com roupas militares e capacetes azuis, componentes da força de paz brasileira no Haiti.

– Não sabemos ao certo. Mas os instintos não devem ser ignorados. Vamos passar rapidamente no hotel e, de lá, iremos direto ao aeroporto.

– Dante, peço desculpas pela maneira rude com a qual o tratei durante nossa conversa no carro – falou Fênix. – Estou muito nervosa ao pensar no quanto uma criança indefesa como Nazaré pode sofrer nas mãos de alguém tão frio como Monica.

– Eu entendo, você tem todo o direito de estar assim. Não se preocupe comigo. Estou aqui para tentar ajudar o grupo da melhor maneira que puder.

– E o fará, com certeza. Na Amazônia você se mostrou um excelente farejador. Isso, somado ao que ainda vai surgir com a experiência, será muito útil na nossa missão.

Eles já estavam acomodados em suas poltronas no avião com destino a Porto Rico, onde estava a base de apoio do grupo. As últimas três horas foram ocupadas com as tarefas de juntar seus pertences no hotel e comprar passagens para o horário mais próximo possível – esta última tarefa a mais difícil, demandando pagamento de taxas extras pela urgência. Os minutos antes de deixarem o Aeroporto Internacional Toussaint Louverture foram calmos.

Depois de alguns momentos de silêncio do trio, Dante olhou para a poltrona à sua esquerda, onde Fênix se acomodava para dormir, e depois se voltou para Casillas, à sua direita, sussurrando.

– Vocês não podem mesmo me dizer o que é esse negócio de totem-vivo? Não me sinto muito à vontade com o silêncio de todos a respeito do assunto.

– Se contássemos, você não acreditaria – disse o espanhol, sorrindo. – Você deve vivenciar para crer. Se não for assim, não funcionará. Aproveite o tempo de

viagem para ler o material que Caroline nos enviou. O seu *notebook* já tem as ferramentas de criptografia e esteganografia?

– Tem, sim – Dante não estava satisfeito com a mudança de assunto. – Ainda não li os documentos sobre os irmãos de Monica. Vi apenas aquela nota sobre um *blog* de um mexicano que está caçando um... – ele olhou ao redor, desconfiado – uma criatura.

– A Caça ao Lobo, ou algo que o valha, não é? Parece mais um jovem da internet querendo aparecer. De qualquer maneira, nossa inteligência está monitorando esse *blog*. Caroline está fazendo um trabalho excelente, ela se adaptou muito bem à sua nova condição. Você deveria se orgulhar de ter uma guerreira como ela esperando um filho seu.

Dante concordou silenciosamente. Sua mente foi tomada pelas últimas recordações de Caroline: a força de vontade ao encarar o grande desafio que sua vida se tornou após ficar cega, as horas a fio a adaptar seus computadores para uma pessoa que não enxerga, os estudos para poder utilizar ferramentas tecnológicas especiais. Quando saíram de Joanópolis, a base de operações no Brasil, rumo à América Central, ela já estava integrada à rede de inteligência da Alcateia Global e fez questão de ser a responsável pela comunicação com os integrantes da missão em campo.

– Você ouviu o que eu disse? – perguntou Casillas.

– Desculpe, eu estava longe – respondeu Dante, sem jeito.

– Eu disse que, se encontrarmos esse caçador de lobos, perguntamos a ele se é mesmo verdade o que escreve.

– É. Se encontrar os lobos daqui, acho que não vai sobrar muito dele pra contar a história.

Os dois riram e o avião começou a taxiar na pista. Em poucos minutos, levantou voo. Casillas também se acomodou para dormir e o brasileiro seguiu com a leitura dos documentos sobre os Chavez no *notebook*. E assim, o trio conseguiu escapar do devastador terremoto que arruinou Porto Príncipe em doze de janeiro de dois mil e dez, uma sequência de abalos sísmicos que destruiu a cidade apenas um dia depois de terem deixado o país. Mas eles voltariam assim que possível, pois precisavam encontrar um informante para seguir com a busca por Nazaré.

BURACOS SUBURBANOS

Subúrbio de Manágua, uma construção abandonada no coração de um bairro pobre. Apelidada de *Paredes Muertas* pelas pessoas da região, o imóvel, outrora uma fábrica de calçados, hoje é apenas um depósito de almas perdidas. Almas que ainda habitam corpos castigados pela vida.

O retângulo de concreto desgastado e de janelas quebradas abriga no interior dos seus quatro pisos, famílias sem moradia, posses ou dignidade. Homens, mulheres e crianças lançados à própria sorte unicamente com a ânsia de sobreviver – muitas vezes, é somente o que lhes resta. Pessoas desprovidas de higiene, conforto e privacidade. Escudos humanos. Massa de manobra para confundir as autoridades.

O lugar serve como ponto estratégico para o tráfico de drogas local. Parte da droga e das armas é escondida entre as famílias pobres. Nas raras investidas da polícia no local, os homens do tráfico rapidamente se misturam aos miseráveis moradores e plantam evidências de modo a lançar a culpa sobre inocentes. As pessoas humildes do lugar nada podem fazer, pois é preferível ir para a cadeia a ver a família ser torturada e morta pelos bandidos, em represálias selvagens.

Para alívio dos pobres moradores honestos, as forças policiais parecem ter ignorado, nos últimos tempos, as atividades ilícitas aqui praticadas entre a imundície e a decadência humana. Os traficantes locais chegaram a um acordo com as autoridades, deixando mais tranquila a vida para o lado da lei, o do crime e também para as pobres vítimas nesse fogo cruzado.

A visão superficial de *Paredes Muertas* demonstra muito bem a miséria e sujeira que permeiam o interior de sua estrutura semidestruída. Ao nos aprofundarmos nas vidas de seus habitantes, verificamos que o sofrimento de cada uma daquelas almas vai muito além do imaginado. Há tormentos individuais ignorados pelos cidadãos comuns, dolorosamente reais para quem sofre na pele as intempéries da vida sem lei deste ambiente.

Carlos Daniel é um exemplo claro desses abismos pessoais. Nascido na área rural de Boaco, por toda a infância foi castigado pela fome e pelo trabalho duro. No início da adolescência, cansado das surras aplicadas pelo pai rude, decidiu abandonar a miséria dos campos e tentar a vida na cidade.

Analfabeto, só conseguia empregos desagradáveis na cidade. A frequente má remuneração nunca permitiu que vivesse em lugares mais confortáveis que pensões

decadentes do centro. O único alívio encontrado por ele para suportar tantas privações foi o álcool. Chegou à vida adulta com a saúde debilitada, franzino e tomado pelo vício. Não conseguia mais trabalho. Acabou tendo como teto uma marquise no centro de Manágua, exposto à chuva, ao descaso e à violência. Em meio a esse inferno urbano, conheceu Paola.

Nascida na parte mais pobre de Rivas, saiu cedo de casa por causa do padrasto, um bandido trazido à sua convivência pela mãe insensível ao sofrimento dos seis filhos pequenos. Ele estuprava, espancava e ameaçava as duas meninas maiores, Paola e sua irmã. A primeira decidiu ser melhor encarar o mundo lá fora do que viver sob o jugo do monstro depravado e sua companheira conivente. Sua irmã mais nova não teve coragem para tal, preferindo manter-se sob a violência já conhecida. Morreu esfaqueada pelo maníaco aos quinze anos de idade. Foi enterrada como indigente após ter seu corpo abandonado em um terreno baldio. As investigações do crime nunca levaram ao culpado.

Jogada à própria sorte em uma cidade grande e cruel, Paola acabou por adotar a prostituição como meio de vida. Esqueceu-se do significado da palavra dignidade, virou um pedaço de carne vendido por migalhas. Mal nutrida e com a saúde debilitada, perdeu os dotes físicos que atraíam clientes. Tornou-se um esqueleto vivo jogado na sarjeta, a pele ressequida e maltratada pelo passado a receber o carinho rude das calçadas.

Por instinto, duas misérias individuais se entrelaçaram em busca de conforto. Uma semivida apoiada em outra, buscando completitude sôfrega, a última cartada dos desesperados. Carlos e Paola se uniram em um matrimônio abençoado pela rudeza das ruas, sob um véu de imundície e abandono se beijaram. A lua de fel celebrada em um efêmero esgar de prazer entre mendigos, sob uma ponte cheirando a urina e bebida barata. Um banquete de núpcias colhido dos restos no lixo e da rara bondade alheia. Dois contra o mundo. Mãos calejadas e sujas em um aperto de companheirismo para seguir em frente.

A partir daí, foi um pouco menos difícil suportar a violência, o descaso, a fome, a falta de se sentir um ser humano de verdade. Vieram os filhos, e por causa deles, decidiram deixar o coração necrosado do centro urbano e buscar algo melhor nos subúrbios. Chegaram então a *Paredes Muertas*, onde disputaram com unhas e dentes o espaço miserável que têm hoje.

Habitam uma sala do subsolo, fétida e repleta de ratos, pulgas e insetos. Um lugar terrível para se viver, porém, livre da presença dos bandidos que infestam os cômodos melhores, espalhando truculência e abusos diversos. Uma parte da parede lateral ruiu, expondo os encanamentos de água e esgoto que por ali tomam o rumo

das galerias subterrâneas. Carlos tentou tampar o rombo com papelão e madeiras velhas, mas foi um esforço em vão. As ratazanas roeram a barreira improvisada com dentes poderosos, ameaçadores. Durante o sono das crianças, pai e mãe se revezavam na vigia, afastando os roedores a golpes de pau e pedra.

Final de tarde. Paola ouve com o coração partido o pequeno Juan chorar. A pobre criança sofria de terríveis diarreias nos últimos dias e as assaduras alcançaram o estágio de tornarem-se feridas extremamente doloridas. A mãe, desesperada, tentou acalmá-lo sem nunca perder a lembrança de seus outros filhos mortos antes dos dois anos de idade, vítimas de doenças e subnutrição. Olhou com tristeza para as filhas pequenas, deitadas sobre um cobertor imundo esticado no chão ali perto. Por conta desse abismo pessoal, não enxergou a ameaça ao redor.

Começou com chiados inquietos ao longe e foi evoluindo para um arranhar nervoso nas ripas de tábua colocadas naquele dia sobre o rombo da parede. Carlos, temendo pela sua família, agrupou-os no canto mais afastado do cômodo. Empunhou um pedaço de madeira e tomou a dianteira, postando-se entre a origem do barulho horripilante e seus protegidos. Os ratos estavam cada vez mais barulhentos, o som era infernal.

Então, de uma só vez, o bando medonho irrompeu em meio a fragmentos de madeira e guinchos insanos. Na linha de frente vieram os ratos maiores, do tamanho de gatos domésticos. Corriam e saltavam insanamente. Logo atrás veio um oceano de pelos acinzentados e olhos brilhantes. Ratos de todos os tamanhos formavam uma massa ameaçadora que avançava em todas as direções, como se fosse um jorro líquido titânico após o rompimento de uma represa. O homem golpeava insanamente as feras que pululavam ao alcance do seu bastão improvisado, mas não conseguiu livrar seus protegidos do toque frio e infecto dos roedores. A mãe tentou colocar as quatro crianças sob a proteção do seu corpo franzino, e mesmo assim centenas de patas com unhas afiadas feriram seus corpos frágeis.

A cacofonia dos gritos desesperados, guinchos ensandecidos e do tropel infernal enlouqueceriam qualquer pessoa que testemunhasse tal cena. E, após alguns segundos, o pai imaginou ter mesmo enlouquecido. Os animais haviam deixado o recinto – os que podiam se locomover. O homem, coberto de sangue e arranhões, largou sua arma sobre as dezenas de cadáveres de roedores a seus pés e virou-se para seus familiares. As crianças choravam descontroladamente, cobertas de urina de rato e ferimentos, porém, todos vivos. Aqueles seres abjetos não tiveram a intenção de atacá-los, eles apenas fugiam.

Não houve tempo de acudir os pequenos ou formular qualquer outro questionamento a respeito do acontecimento bizarro ali ocorrido. A ameaça real apresentou-se sob a forma de demônios peludos que passaram pela abertura da parede sobre quatro patas e, sem parar, seguiram pela porta de saída do cômodo sobre as patas traseiras, máquinas de matar sob a forma de amálgamas lobo-homem. O pobre humano apenas recuou, tomado pelo mais profundo pavor, quase pisando na esposa e nos filhos. A pouca luminosidade permitia ver apenas sombras ameaçadoras com mais de dois metros de altura a passarem ao lado de Carlos sem tomar conhecimento da sua presença.

Sons terríveis de gritos desesperados já surgiam dos quatro cantos da construção quando o último dos invasores chegou e virou a cabeçorra lupina para encarar a triste família. Os olhos terrivelmente humanos do lobisomem traziam uma frieza amedrontadora. Nesse momento, Carlos Daniel soube que tudo estava acabado, e nos últimos instantes de sua vida deixou de sentir medo e desespero. Sua pobre alma abraçou a sensação de alívio e a esperança de existir outra vida após esta, mais digna. Ajoelhou-se de cabeça baixa e estendeu seu braço direito sobre a mulher e os filhos que se encolhiam, chorosos, ali ao lado. Queria ter tempo de proferir uma última oração, ato que não fazia há muitos anos. Não teve. O próprio Julio Chavez, líder da matança, arrancou sua cabeça com facilidade e massacrou rapidamente o restante da pobre família.

Vidas foram ceifadas por todo o prédio em poucos minutos, um balé macabro coreografado em vermelho-sangue. A ação dos lobisomens foi rápida e mortífera, trabalho de profissionais acostumados a trabalhar em grupo e com selvageria incontida. Todos os bandidos da construção foram trucidados, juntamente com outros inocentes. Os poucos que conseguiram escapar com vida dessa incursão inesperada eram moradores outrora tidos como escudo humano, que ficavam nas proximidades do portão de entrada e puderam correr do horror lupino no interior do prédio.

Depois disso, o local virou um depósito de restos humanos esstraçalhados, um lugar amaldiçoado que nunca mais recebeu vivalma em seu interior e virou sinônimo de medo e superstição. O bairro esvaziou-se e deixou de ter traficantes fora dos círculos de influências dos Chavez, e o rei licantropo do submundo diminuiu mais uma vez a concorrência, como vinha fazendo por muitos anos sangrentos.

Reporte da Alcateia Global – Julio Chavez

1) Resumo pessoal

- Nascido em Porto Rico em 1951, aproximadamente 1,80m de altura e 135 quilos;
- Atualmente, o filho mais velho da linhagem de Lugano Chavez;
- De todos os irmãos, o que mais preza a unidade da família e a atuação em grupo; possui a alcateia mais numerosa e organizada da América Central;
- Nos últimos anos, tem evitado estar à frente da ação, prefere agir nas sombras, apenas administrando seu império e comandando remotamente seus filhos e lobos de confiança;
- Muitos dizem que vem perdendo a fibra de líder alfa;
- Volta à frente de batalha apenas em casos raros, quando sua mítica presença se faz necessária;
- Utiliza sua ampla rede de negócios legais para encobrir e auxiliar as atividades criminosas sob sua administração;
- Permite a atividade de outros criminosos no seu território, desde que estes não prejudiquem consideravelmente seus negócios;
- Utiliza os rivais menos poderosos como bodes expiatórios, lançando-os nas mãos das autoridades mais resistentes, que não cedem ao seu trabalho de corrupção.

2) Área de atuação

- Nicarágua: residência oficial de Julio, de onde comanda suas operações e gerencia os territórios sob o comando dos filhos;

- Honduras: país entregue a Rafael Chavez, o filho mais velho de Julio; de todos os domínios dessa grande alcateia criminosa, esse é o país que dá mais trabalho ao lobo alfa por conta do descuido e preguiça de Rafael, que delega muitas responsabilidades aos seus generais e é pouco presente em ações importantes;

- El Salvador: comandado por Bruno, o outro filho, é um território pequeno e bem administrado, precisando de poucas intervenções do comando central; ao contrário do irmão e do pai, Bruno faz questão de estar em todas as grandes ações e administra de perto todos os segmentos do crime sob sua responsabilidade.

3) Atividades

- Distribuição de bebidas;
- Coleta de lixo;
- Transporte de valores;
- Segurança privada;
- Tráfico de drogas;
- Assassinato de aluguel;
- Contrabando.

4) Vínculo com Monica Chavez

- Sempre manteve um relacionamento frio com a irmã, culpando-a por ser a única ômega em toda a linhagem direta de Lugano;
- Monica vivia em um dos imóveis de Rafael no interior de Honduras; com ela, moravam outras duas irmãs beta: Marília e Juliana;
- Rafael teve a ideia de oferecê-la como farejadora aos caçadores estadunidenses quando os homens de Julio souberam pelas conexões de Cuba que os exterminadores de lobos pretendiam explorar a América Central;
- Julio, não querendo mais confrontos desnecessários além dos já existentes, aceitou a proposta e enviou

mensageiros humanos para negociarem com os caçadores sua não-presença na América Central; Monica foi retirada à força do seu local de moradia e seguiu com os americanos para a América do Sul.

5) Informações adicionais

- Este amplo território que engloba Nicarágua, Honduras e El Salvador é extremamente perigoso e organizado; uma abordagem direta está fora de cogitação, enquanto houver outras alternativas;
- Muitos mensageiros da Alcateia Global foram brutalmente assassinados durante as primeiras tentativas de contato; a ação de agentes de elite também se mostrou infrutífera no passado, resultando em diversas baixas na organização;
- Recomenda-se explorar os domínios de Julio Chavez somente em último caso, se a menina sequestrada estiver realmente nesse território; dada a experiência passada entre ele e a irmã sequestradora, é pouco provável que isso aconteça.

A VIDA SOB PRESAS AMARELAS GOTEJANTES

Ah, a dor...

Ele a abraçou mais uma vez, como uma velha amiga que vinha visitá-lo trazendo agrados e festejos. No começo foi como um tremor, ele vibrava em uníssono tal qual a corda mais grave de um violoncelo sob o ataque de um arco manipulado por mão habilidosa. Calor incomum brotou em suas entranhas, uma explosão a espalhar lampejos de fogo através de insanas pulsações rítmicas. O peito ardia, as costas se curvavam. Braços e pernas receberam jorros que pareciam rios de lava inundando veias e artérias. A cabeça inchou, os olhos arderam, o rosto ficou quente a ponto de dar a sensação de derretimento.

O corpo começou a se moldar à força, a brutalidade do lobo rasgando a fragilidade humana durante segundos de pura agonia. O coração palpitante era o centro desse processo incomum que desafiava a física, a química e a biologia que conhecemos. Pulsava insanamente, querendo saltar do peito cada vez mais largo, irrigando veias mutantes a envolver uma superfície corporal em pleno crescimento, a cada instante mais forte.

O couro grosso encobriu a epiderme humana, pelos castanhos irromperam por boa parte dessa nova superfície viva. Músculos poderosíssimos saltaram e se dilataram sobre tendões e ossos quase inquebráveis. Garras pronunciaram-se vigorosamente de mãos inumanas, armas mortíferas somente comparáveis às ameaçadoras presas a brotar da boca que esticava e se alongava até formar o focinho de uma fera assassina.

Era difícil respirar, impossível emitir algum som vocal. Somente o corpo falava através de encaixes impossíveis, estalos terríveis, sequências rápidas de fraturas, cortes, distensões e curas instantâneas.

Perto do final da horrível transição entre homem e monstro, a dor insuportável foi se tornando simplesmente intensa. Isso permitiu começar a provar as novas sensações originadas nos sentidos mais apurados. Pálpebras peludas se abriram para permitir aos olhos vislumbrar o mundo em tons de cinza com mais luminosidade e clareza. Orelhas enormes se levantaram e ajudaram a captar uma miríade de sons impossíveis ao ouvido humano, com alcance ampliado. O olfato navegou por espirais de cheiros que preenchiam o oceano de ar ao redor.

Apenas três segundos foram necessários para moldar o lobo a partir do homem. No momento em que se viu livre da agonia, apoiado sobre as patas

traseiras de um colosso com dois metros e meio de altura, repleto de brutalidade e vigor, a fera celebrou o dom da metamorfose com um uivo prolongado e intenso.

Perto dali, uma criança nascia. Para lá o homem-lobo caminhou com passos calmos e decididos, as narinas a sorver cada lufada de ar carregando consigo a indicação de qual caminho seguir. Não que fosse difícil localizar onde estava aquela frágil vida recém-chegada a este mundo. O choro era estridente, um protesto pelo abandono do útero materno.

O lobisomem seguiu pelo espaço subterrâneo, abandonando o corredor escuro onde se deu a sua transformação. Paredes de tijolos expostos ladeavam o caminho de cimento rústico imerso em penumbra. Após uma curva do corredor úmido, uma pesada porta de ferro foi aberta pelo licantropo confiante.

O choro do bebê, que antes era abafado, passou a agredir a audição da fera com pontadas agudas. Uma grade de ferro foi transposta e um novo corredor surgiu iluminado precariamente por lâmpadas incandescentes penduradas no teto baixo. Um conjunto de celas trancadas apresentava-se dos dois lados do corredor. Nelas, adolescentes de ambos os sexos permaneciam deitados em seus catres, seus corpos cobertos por trapos, isolados fisicamente.

Na cela mais afastada estava a garota que acabava de dar à luz uma criança perfeitamente saudável. A parteira a aprontar o bebê, limpando-o e colocando-o sobre o peito da mãe exausta. O contato materno foi a segurança que a criança reivindicava, o calor daquele toque reconfortante a acalmou.

A presença do homem-lobo indicou o momento da mulher deixá-lo a sós com a mãe e sua criança. A criatura tomou o recém-nascido sob garras ameaçadoras, analisando sua cria mais nova. Uma menina. A segunda que a fêmea beta de dezesseis anos trouxe ao mundo. Outra fêmea que levaria pelo menos treze anos para alcançar a fase de procriação. Um tempo que o raivoso lobo alfa não achava viável.

Não houve um ocupante sequer das outras celas que não tenha se encolhido em um canto e tampado os ouvidos. Os urros inumanos foram terríveis, porém, não tão desesperadores quanto a cacofonia doentia de ossos e carne humana destruídos sob a pressão das presas amarelas gotejantes.

Sob prantos silenciosos, as jovens presentes rezaram para não serem os próximos alvos da fúria de Cesar Chavez, o terrível escravizador de lobisomens.

Reporte da Alcateia Global – Cesar Chavez

1) Resumo pessoal

- Local e data de nascimento desconhecidos – acredita-se que tenha nascido no início da década de 70;
- Aproximadamente 1,98m de altura e 120 quilos;
- Filho mais novo de Lugano Chavez;
- Matou o pai e o irmão mais velho (Alessandro Chavez) em uma disputa de poder dentro da família, quando tinha 19 anos de idade;
- Seus irmãos alfa juraram-no de morte, fato que o forçou a um exílio de alguns anos; quando novamente se teve notícias do seu paradeiro, no final dos anos 1990, já fixava residência no Panamá, separado do território da família pela Costa Rica, terra das perigosas bruxas amazonas;
- Macho alfa conhecido pelo vigor físico e ferocidade.

2) Área de atuação

- Panamá;
- Cidades fronteiriças na Costa Rica e na Colômbia.

3) Atividades

- Casas noturnas;
- Tráfico de drogas;
- Suposto negócio de lutas clandestinas (ainda sob investigação).

4) Vínculo com Monica Chavez

- Não há registro de relacionamento com a irmã.

5) Informações adicionais

- Abomina seus iguais; no início dos anos 2000, chegou ao nosso conhecimento a carnificina que propagou no Panamá, exterminando todos os homens-lobo que encontrou;
- Seus aliados são todos humanos;
- Tem fortes conexões com o narcotráfico da Colômbia;
- Incursões nos seus domínios somente devem ser feitas caso seja estritamente necessário, pois ele é o mais selvagem na preservação do território;
- O serviço de inteligência trabalhará mais intensamente no Panamá para coletar mais informações a seu respeito, mesmo sendo grande a incidência de baixas de agentes da Alcateia Global nesse local.

SEXO PREDATÓRIO

Cícero chegou ao prostíbulo no início da noite, horário de pouco movimento. Homem robusto e rude, logo chamou a atenção dos presentes: dois seguranças, cinco prostitutas e o *barman*. Ele não gostava de ser percebido nos lugares aonde ia. Preferia viver no anonimato, como uma sombra.

Algumas vezes, porém, seus instintos falavam mais alto e ele precisava sair para caçar. Esta noite, pretendia achar seu objeto de prazer no local de quinta categoria no centro da capital da Guatemala, um buraco de rato com letreiro de neon. *Sweet Little Sixteen* era o nome. Escolheu uma mesa do canto, onde poderia se acomodar com as costas contra a parede, tendo uma visão completa do lugar.

O salão de quarenta metros quadrados, banhado de luz vermelha e música alta, agredia seus sentidos, mas ele não se importava. Pediu uma cerveja barata e analisou as fêmeas que por ali desfilavam.

Uma garota, de no máximo dezenove anos, com um vestido muito curto e apertado, veio conversar com ele. Ficou enjoado com o cheiro do perfume vagabundo e com seu hálito desagradável, um misto de cigarro, chiclete velho e fluidos masculinos. Dispensou-a rapidamente, dizendo não ser o seu tipo, magra demais para o seu gosto.

Mais um gole na cerveja, mais uma sequência de músicas ruins. Uma veterana veio tentar físgá-lo, com seu *top* denunciando a presença de uma barriga protuberante e flácida, aliado a um *short* tão apertado que parecia prestes a explodir. Pernas repletas de varizes moviam-se em passos compassados, uma tentativa de sensualidade que somente conseguiu agredir mais ainda a visão de Cícero, expondo quilos a mais a escapar por entre roupas demasiadamente curtas para aquela forma física.

– E aí, grandão, vamo dá uma brincadinha hoje? – disse ela, puxando uma cadeira para perto do homem.

– Por enquanto eu tô só tomando uma cerveja – ele tentou não deixar transparecer o desgosto na sua voz.

– Ah, que é isso. Deixa eu te mostrar do que sou capaz – ela começou a alisar a coxa do cliente.

"Você é que não vai gostar de saber do que eu sou capaz", pensou ele, tentando afastar a perna. "Além disso, não vou de carne de segunda hoje". Ela

agarrou repentinamente seu pênis por cima da calça jeans e Cícero pulou como um boneco de mola.

– Preciso mijar – foi apressado ao banheiro.

O cheiro era terrível. Tinha como opção um vaso sanitário imundo e entupido ou um mictório envolto por uma lagoa de urina com bitucas de cigarro boiando. Decidiu despejar a bexiga na pia mesmo, achando engraçada a cena no espelho trincado. Fechou a calça e ajustou o cinto. Tirou um dos sapatos e retirou um papelote de cocaína de dentro dele. Consumiu a droga meio sem jeito, com o pó na palma da mão por não ter uma única superfície plana e seca disponível. Sentindo-se um pouco melhor, voltou para a mesa.

A velha meretriz que o atacou já lançava seus tentáculos hediondos sobre um moleque, integrante de um grupinho com outros três da mesma idade. Eles dançavam com as prostitutas do lugar em uma área com luzes piscantes próxima ao bar, que os donos tentaram conceber como uma pista de dança.

Cícero pensou consigo se aguentaria mais um pouco com a dose de "incentivo extra" consumida. Tinha esperança de ver outras funcionárias chegarem para o trabalho mais tarde. Precisava muito de uma fêmea grande e forte para com ela cometer algumas maldades. Depois disso, poderia seguir seu caminho.

Após duas cervejas, o grandalhão amaldiçoava sua falta de sorte. As mulheres eram horríveis, a bebida estava quente, novos clientes chegavam a todo o momento. Ambiente pouco propício para sua ação. Decidiu caçar em outro lugar, lamentando a má escolha do lugar.

Pagou a conta e saiu para a rua, sentindo o cheiro do gás expelido pelos escapamentos dos carros. A cacofonia de conversas, buzinas e motores o incomodava. Saiu da avenida e pegou uma ruela lateral, instintivamente buscando um lugar para achar a mulher que desejava.

Andou dois quarteirões até começar a ver profissionais das ruas, mulheres mais apresentáveis do que as do *Sweet Little Sixteen*. Diminuiu o passo e começou a analisar com mais calma cada uma, conforme ia passando por elas. Olhos de predador perscrutavam corpos femininos com roupas provocantes e anos de experiência na arte do meretrício.

A loura meio rechonchuda fumava e o cheiro de cigarro sempre atrapalhou seus atos. A de cabelo tingido de vermelho berrante tinha marcas de picada de agulha nos braços, e de drogado bastava ele. A negra era magra demais, ele não apreciava esse tipo de compleição física. E assim seguiu na análise, um carnívoro voraz a examinar pedaços de carne expostos em um grande açougue a céu aberto.

Vindo do interior de um hotel e recostando-se na porta, uma mulher acabou chamando sua atenção, em primeiro lugar por ser a única a não tentar fisgá-lo como um marlim-azul. Parecia estar beirando os quarenta, mas tinha um corpo fenomenal e seu rosto, se não era belo, ao menos era agradável. Era outro nível de fêmea, dava para ver só pelo olhar.

– Oi, você tá disponível prum programa? – disse Cícero, parando ao lado dela.

– Olá, querido estrangeiro – ela chegou bem perto e quase tocou seu nariz no dele. Estava praticamente da altura do homem, por causa dos grandes saltos de seus sapatos. – Esse sotaque é do Brasil?

– Sem beijo, faz favor – afastou-se um pouco, passando as costas da mão sob o nariz. A droga de má qualidade já havia perdido o efeito. – Meu passado não interessa. O que importa é o presente, e agora quero um programa com você.

– Com certeza. Sou um pouco cara, mas verá que vale a pena. Você é exatamente o meu tipo, sabia?

– Porra, então faz de graça pra mim.

– Ai, amor... – ela riu. – Não posso, eu vivo disso. Você não quer me ver magra e fraquinha, quer?

– De jeito nenhum. Eu pago o seu preço. Só que o negócio é o seguinte: gosto de coisa intensa. Quero ir prum lugar aonde ninguém venha bater na porta do quarto pra perguntar o que tá acontecendo. Também não gosto de altura, então o quarto tem que ficar no térreo ou, no máximo, primeiro andar – ele sempre imaginou todas as possibilidades, e não abria mão de ter pontos de fuga acessíveis.

– Uau, quantas exigências – ela tinha um ar descontraído. – Uma noite com você deve ser inesquecível. Isso me lembrou uma piada – apesar dele mostrar-se contrariado com o rumo da conversa, ela prosseguiu. – Um cara foi a um prostíbulo e abordou uma puta, oferecendo o equivalente a dez vezes o valor do programa, mas avisando que gostava de bater. A garota, seduzida pela quantia, foi até uma colega que tinha saído com o mesmo cara na semana anterior. "Ele bate muito?", perguntou. "Não", respondeu a amiga, "só até você devolver o dinheiro dele" – e riu da própria piada.

– Vamos ou não? – desconversou o homem, ainda sério.

– Claro, meu anjo. Neste hotel mesmo tem tudo o que você precisa.

Valores foram negociados – ela cobrou extra pela "intensidade" pretendida por ele – e os dois entraram no *Hotel Maybelline*.

"Nossa, que mulher apetitosa!", pensava Cícero, deitado na cama de casal que rangia levemente a qualquer movimento. "Não vou conseguir segurar a onda por muito tempo." Ela acabava de tirar suas meias, últimas peças de vestuário sobre o corpo do homem.

Com uma ereção sólida e dolorida, observava a mulher a ziguezaguear ao pé da cama, também ela livrando-se das suas roupas. A pele morena era perfeita, sem cicatrizes, estrias ou veias à mostra. Cabelos longos cacheados acariciavam costas e ombros de maneira suave. Pernas bem torneadas ostentavam em uma extremidade lindos pés com unhas pintadas de vermelho, e na outra se uniam a um quadril largo, perfeitamente redondo, que ia afunilando-se até chegar à cintura finíssima. Seios rijos, grandes e belos apontavam seus mamilos negros para o macho hipnotizado. E o olhar? Aquele olhar meio de soslaio, transbordando luxúria, fazia o predador quase desistir de cometer maldades com a mulher. Porém, essa incerteza durou apenas alguns segundos.

– Estou prontinha, querido. Quer usar o afrodisíaco antes da gente começar?
– ela apontava para o papelote de cocaína tirado por ele do sapato, repousado sobre o criado mudo.

– Você já é um afrodisíaco e tanto. Olha só como eu já tô – sentou-se na cama e segurou o próprio pênis.

– Ah, mas se você curte um estímulo a mais, tem que usar também. Quero te ver aproveitando ao máximo esta noite comigo.

– Porra, cê tá brincando com fogo, mas tudo bem. Vou dar uma cheirada nisso aqui. Cê pode ir tomando um banho rápido enquanto isso – ele odiava cheiro de suor.

– Tá bom.

Ela entrou no banheiro e encostou a porta. Cícero preparou duas carreiras de cocaína sobre o criado mudo, ajeitando-as com um cartão de crédito roubado. Pegou a nota de dinheiro mais nova que tinha no bolso e fez um canudo com ela. Uma narina aspirou a primeira fileira de pó, seu cérebro estalou. Outra narina entrou em ação, seu coração disparou.

Estava pronto para a ação. Pretendia, em primeiro lugar, transar loucamente com aquele monumento feminino, aliviar a tensão logo de cara. Depois, seria possível explorar aquele corpo da maneira que mais apreciava. Tentaria deixar o rosto intacto, em homenagem à beleza dela.

Finalmente, depois de tanto tempo fugindo das autoridades em meio à clandestinidade de países desconhecidos, sobrou tempo para dar uma relaxada e extravasar. Precisava muito disso, estava a ponto de explodir.

– Gata, cê vai ter uma trepada inesquecível hoje – disse ele, com uma voz rouca, pouco mais alta que um sussurro.

Caminhou lentamente até o banheiro, olhos vidrados, cabeça pulsando como um tambor, respiração ofegante. Mais uma vítima para o seu terrível currículo. Seu corpo inteiro doía, a ansiedade o dominava. Hora da ação!

Um filete de vapor escapou do banheiro quando a porta foi aberta lentamente pelo assassino ensandecido. Ele enxergava tudo em tons vibrantes, sua mente racional havia sido deixada para trás. Restou somente o predador, pronto para cometer atrocidades indizíveis com a mulher. Apenas uma cortina de plástico o separava da prostituta. A única coisa audível era o cair da água do chuveiro sobre o chão do banheiro. Passos silenciosos o deixaram próximo do local da carnificina. Alucinado, sentia sua cabeça quase tocando o teto, invencível, impune. Músculos poderosos se preparavam para o ataque.

A cortina foi afastada para o lado por uma mão inumana, com garras afiadíssimas e pelos acinzentados a cobrir o local onde, há poucos segundos, havia apenas pele humana. Em seus últimos instantes de vida, a vítima conseguiu ver em detalhes a palma negra com uma espécie de superfície acolchoada repleta de rugas e calos, cada vez mais próxima de seus olhos.

Garras poderosas se fixaram dolorosamente sobre o rosto congelado em uma máscara de pavor, trazendo a presa para perto dos dentes mortíferos que facilmente dilaceraram o pescoço.

Sangue e água se misturaram em um insano gotejar sobre o chão de ladrilhos velhos. O licanthropo segurou pelos braços a vítima espasmódica e agonizante, conduzindo-a para o quarto. Uma trilha macabra de sangue diluído em água marcou esse deslocamento. Sobre a cama, o tórax humano foi aberto com facilidade pela fera, como se fosse papel de presente rasgado por uma criança ansiosa na manhã de Natal. Mas, em vez de um brinquedo, o prêmio revelado foi um coração em inútil tentativa de prosseguir com sua pulsação vital.

A criatura fechou vagorosamente seus dedos sobre o órgão, apreciando seus últimos instantes de movimento. Repentinamente, arrancou-o e o levou à bocarra. Com imenso prazer, sentiu o coração explodir sob a força de suas presas, espalhando um gosto singular de sangue e fibras, uma textura lisa, rígida.

A fera ainda ficou alguns minutos sobre o cadáver, lambendo prazerosamente todo o sangue que se apresentava em profusão. Sangue delicioso, com um conteúdo alucinante. Saciada a sede macabra, era hora de sair dali. Não era bom demorar muito. Dores intensas e uma horrível sensação de encolher marcaram a transição da forma lupina para a humana. Tomar banho, vestir as roupas, olhar no espelho se algum detalhe denunciava seus atos. Olhos arregalados, efeito da cocaína. Tudo perfeito. Antes de sair, uma última olhada no corpo dilacerado e uma ligação telefônica.

– Pablo, mande a equipe de limpeza para o quarto treze, por favor – falou Maria, com a naturalidade de quem pede toalhas limpas. – Providencie remoção completa de tapetes, jogo de cama e colchão. Pelo menos uma semana de interdição do quarto.

Saiu do hotel, uma de suas muitas propriedades, e entrou no carro com motorista. Já podia mudar de cenário.

Um homem extasiado descansava sobre a cama *king size*, em uma das diversas suítes do prostíbulo de luxo. Era um empresário chileno velho, obeso e cheio de dinheiro, em uma viagem de negócios pelo país. Somente pessoas com esse perfil financeiro são capazes de ter a honra de contratar os serviços de Nadine, a imperatriz do prazer na Guatemala.

Ele nunca pensou que uma mulher poderia proporcionar tantas sensações prazerosas a um homem como ela fez. Foi intenso, incomum, insano. E que corpo! Nunca se esqueceria daqueles momentos.

Mal sabia ele que, uma hora antes dela escolhê-lo como o privilegiado que a possuiria naquela noite – mesmo tendo de pagar uma pequena fortuna por isso – ela havia rasgado um homem robusto como se fosse feito de papel. A mão forte que dominava um império, ora dilacerando carne humana com garras lupinas, ora acariciando corpos suados e sedentos de prazer com pele de veludo. Um caminhar no fio da navalha que resume muito bem o que era a vida de Maria Chavez.

Reporte da Alcateia Global – Maria Chavez

1) Resumo pessoal

- Nascida em Porto Rico em 1968, aproximadamente 1,70m de altura e 70 quilos;
- Irmã mais velha entre as quatro fêmeas da linhagem principal de Lugano Chavez, a única alfa entre elas;
- Rompeu relações com os irmãos após a morte do pai (mais detalhes na ficha de Cesar Chavez);
- Migrou para a Guatemala na segunda metade dos anos 1980, onde entrou na vida de prostituição e rapidamente estreitou relações com figuras políticas locais;
- Ainda recebe facilitações legais e relaxamento de fiscalização, graças à influência que exerce sobre políticos do alto escalão;
- Domina prostíbulos de todos os portes, desde os quartos miseráveis à beira da linha do trem no lugar chamado La Linea até as mais luxuosas casas de prostituição do país;
- Mantém esquema de tráfico de mulheres (adolescentes, em sua maioria) vindas principalmente do México, Nicarágua e Costa Rica;
- Aparentemente não possui vínculos com os irmãos, sejam afetivos ou comerciais; algumas ligações telefônicas das irmãs beta foram interceptadas pela inteligência, mas não se sabe ao certo qual é a frequência e o teor real do seu relacionamento com elas;
- Não possui uma necessidade clara de expandir seu território, parece se contentar com seus negócios exclusivos na Guatemala;

- Possui acordo de respeito de fronteira com os lobos do México, não havendo histórico de conflitos entre essas alcateias.

2) Área de atuação

- Todas as grandes cidades da Guatemala e seus subúrbios mais próximos.

3) Atividades

- Casas de prostituição;
- Redes hoteleiras de várias categorias;
- Casas de show.

4) Vínculo com Monica Chavez

- Não existe histórico de hostilidade entre elas;
- Também não há registro de contato entre Maria e Monica nos últimos anos, o mesmo acontecendo com o restante das irmãs.

5) Informações adicionais

- Ao que parece, Maria Chavez consegue tudo o que deseja através da sua rede de influência, não sendo dada a ações violentas para atingir seus objetivos;
- A abordagem no seu território deve ser duplamente cautelosa, visto que, apesar da aparência pacífica de suas ações, é pouco provável que uma pessoa com tanto poder no país não faça uso da violência;
- Não há registro de organização com outros de mesma espécie na Guatemala, o que leva a crer que suas ações são muito bem mascaradas.

PENSAMENTOS DE UMA CRIANÇA

A dor de cabeça passou e a quentura tá bem melhor. Não aguentava mais tanto frio. Minha mãe está segurando minha mão forte demais, dói um pouquinho. Não, esta não é realmente minha mãe. Acho que me lembro, mamãe foi embora. Quem é esta mulher, então? Será que é aquela loba de pelo bonito, cor de nuvem de chuva e de terra? Não, não se parece com ela. Ela fala na minha cabeça, mas não daquele jeito bondoso que a loba fazia. Ela parece má, mas me dá comida e água, não me bate. Deve ser boazinha, então. Ela arrumou um doutor pra me ajudar quando eu tava doente. Ele picou um negócio no meu braço, falou que era sangue pra eu ficar boa. Eu lembro da roupa branquinha dele quando eu estava voando nas nuvens. Ele falou o nome do aparelho que estava levando a gente pelas nuvens, acho que era *anvinhão*. Ou será que eu só pensei? Ou foi outra pessoa que me contou? Às vezes eu não sei se só imaginei algo, ou se aconteceu mesmo. É difícil sair de dentro da minha cabeça e olhar lá fora. Depois de ter ficado ruim de febre, está difícil entender o que os outros falam, as palavras estão enroladas. Não sei se é de verdade ou se é coisa que só passa na minha cabeça, que nem quando eu estava com febre e dor. Acho que a mulher fez mal para o doutor que cuidou de mim. Depois que o *anvinhão* parou, não o vi mais, mas lembro dos homens levando ele embora, gritando. Eu gostava dele. Aqui é tão triste, sem mato e com pouco bicho. Quando eu cheiro, meu nariz dói. Estou sempre com tosse e minha garganta dói. Acho que vou dormir mais um pouquinho, pra ver se acordo em um lugar mais legal...

EXPERIMENTOS CRUÉIS

O lobisomem exausto permanecia pendurado pelo pescoço sobre os mais de cem metros de uma queda livre que o separava do solo rochoso. Com correntes apertando pulsos, pernas e dorso, ele sabia que, caso voltasse à forma humana, conseguiria se desvencilhar dos implacáveis grilhões. Porém, se o fizesse, a corda grossa ao redor de seu pescoço finalmente cumpriria sua mortífera missão. Somente a contração extrema e dolorosa dos músculos do pescoço lupino o estava salvando da morte.

– Quarenta minutos – falou um rapaz de óculos escuros e sobretudo verde. – É, acho que não rola matar lobisomem enforcado.

– Verdade – respondeu seu colega com roupas de *cowboy*. – Vou dar um fim nisso – ajeitando o chapéu, ele fez mira com sua espingarda.

– Cê tá louco? Não é pra matar o bicho a tiro, não!

– Não esquentá, que eu sei o que faço. O velho me passou as coordenadas deste experimento – mirou novamente na direção da corda retesada na vertical, única coisa que sustentava a vida do licanthropo.

Um estampido ecoou no ambiente rochoso e deserto naquele final de tarde. Nada aconteceu. Meio sem jeito, o rapaz preparou-se novamente para romper a corda grossa com um tiro. Deu a volta pela estrutura metálica parecida com um guindaste, montada na beira do precipício para ser o suporte do enforcamento, e preparou-se para puxar o gatilho novamente, desta vez sem a interferência dos raios avermelhados do sol na sua visão. Novo estampido. Nova falha.

– Puta que pariu! Você atira mal pra cacete!

– Vai à merda! Esta espingarda tá torta.

O lobisomem observava a cena de seu desconfortável camarote suspenso a alguns metros de distância da dupla. Procurava não perder a concentração na difícil tarefa de se manter vivo, enquanto buscava desesperadamente um ponto de fuga. Pensou em se balançar e lançar suas pernas na direção do suporte da corda, mas este estava muito distante. Eles haviam planejado tudo de maneira a não permitir escapatória. O nó da força e o aperto das correntes ficavam cada vez mais dolorosos.

Antes que o *cowboy* frustrado pudesse recarregar a arma, seu colega de óculos escuros tentou arrancá-la de sua mão. Iniciou-se então um arremedo de luta

baseado em movimentos circulares de braços, com mãos e olhos fechados, cada golpe com o poder levemente superior ao de um empurrão de criança. Os dois pareciam nadadores inexperientes a se afogar. A cena vexatória foi interrompida por um bater de porta do furgão estacionado ali perto, seguido de braços fortes a separar os lutadores inofensivos.

– Ei, vamos parar com isso, seus crianças do caralho! – foi uma garota quem os fez encerrar o conflito. Ela tinha a cabeça raspada, usava uma calça camuflada e camiseta preta sobre o corpo musculoso.

– Ele que começou...

– Cala a boca, porra! – continuou ela. – O Johnny tá esperando a gente concluir aqui pra prosseguir com a parte dele. Cês querem passar a noite inteira neste lugar de merda?

Reconhecendo a pergunta retórica, os rapazes sequer esboçaram uma resposta. Limitaram-se a observar a companheira de missão ir até o veículo e retornar empunhando um machado. Instintivamente eles recuaram, como se o próprio Jason Vorhees estivesse ali.

– Como eu não sou uma porra de um escoteiro, vou pelo jeito mais fácil – a garota levantou o machado e desferiu um golpe vigoroso na superfície tensa da corda, logo após o conjunto de nós que prendia sua outra ponta à estrutura.

O alívio no afrouxar do nó da força foi tão grande, que o homem-lobo nem estranhou a incômoda sensação da aceleração insana de mais de trezentos quilos em queda livre, levando-o de encontro ao seu destino final.

"Graças a Deus o sofrimento acabou" – foi seu último pensamento, antes de abraçar a morte em um encontro destruidor entre pedras, aço e carne inumana.

– Caralho! Espirrou sangue em mim! – gritou um rapaz postado a mais de dez metros da queda fatal.

– Este aqui tá mais morto que o Elvis! – falou, sorrindo, um jovem com roupas pretas e uma caveira estampada no peito.

– E quem falou que o Elvis tá morto?

Eles se aproximavam da massa sangrenta formada por fragmentos de um outrora corpo lupino, que agora tentava voltar à forma humana original. A cena era aflitiva: um burburinho insano de ossos pulverizados a mudar de forma; órgãos internos espalhados pelo chão em contorções macabras enquanto se remodelavam;

tendões, músculos e pedaços irreconhecíveis de carne contraindo-se, tremendo, como se cada naco sangrento ainda carregasse vida.

– Ficam com esse papo sobre o Elvis Presley, olha a porra do defunto se mexendo aí! Deviam ter mais respeito pelo Rei – falou Johnny, o terceiro homem presente e também o mais velho. Ele virou as costas para a cena horrenda e puxou um caderninho de notas do bolso, acompanhado de uma caneta. – "PROTOCOLO NINHO DE COBRA – TÁTICAS DE EXTERMÍNIO. Queda de grandes alturas: OK. Enforcamento: NOK. Quebrar ossos com uma marreta: NOK".

– Vai atualizar o Dossiê Caipira de Caça ao Lobo Mau? – o rapaz se dirigiu ao idoso com ar sarcástico.

– Vamos parar com gracinhas, que eu ainda consigo chutar esse seu traseiro cheirando a talquinho da mamãe! – a resposta do homem robusto cumpriu seu papel de silenciar os jovens insubordinados. – Vamos logo para o ponto de encontro, que o furgão já deve estar chegando!

(II) GARRAS AFIADAS

A Bruxa dos Lobos

Postado em 15 de janeiro de 2010 por dr-glendon

Já há alguns dias estou pisando as terras do Belize, após ter cruzado a fronteira por Chetumal. Vaguei pelo norte do país tentando encontrar o rastro de El Lobo, mas o cara parece que evaporou logo depois de ter chegado aqui. Em vez de procurar o maluco pelo apelido, decidi buscar indícios de lobisomem, de um modo geral. Algumas conversas em restaurantes, bares e comércios locais citavam uma figura em comum: a Bruxa dos Lobos.

Acho que nunca viram a tal da bruxa, porque cada um dava uma descrição física diferente dela. Mas todos concordavam em uma coisa: era melhor deixá-la lá no seu lugar de isolamento. Diziam que ela tem poderes maléficos, que comanda um grupo de lobos e cães selvagens. Alguns afirmaram que ela também se transforma em lobo através da bruxaria.

Minha busca tem sido tão infrutífera aqui em Belize que decidi ir procurar a tal da bruxa. Com muita insistência (e algumas notinhas de dinheiro passadas às suas mãos), um policial aposentado disse que me levaria até ela.

No início da tarde, sacolejamos no seu carro velho até um cafundó de Orange Walk, onde ele parou num trecho feio da estradinha de terra e me deixou à beira de um matagal. Mandou seguir uns quinhentos metros em linha reta, até encontrar um pequeno curso de água e segui-lo na contracorrente, e assim acabaria encontrando a cabana da figura.

Fiquei desconfiado, mas acabei indo de qualquer jeito. Ele me disse que voltaria para me pegar em três horas. Acreditei no trato, peguei minha mochila e segui pelo caminho indicado. E não é que o velho me ensinou certinho?

Vinte minutos, dez picadas de mosquito e um tornozelo quase torcido depois, encontrei o casebre. Era uma construção precária caindo aos pedaços sobre algumas palafitas. Aquele pedaço deveria inundar ou ter cobras e jacarés, ou tudo isso junto. O clima era bem sinistro! Ali batia pouco sol, por causa das árvores altas. Coisa de filme de terror mesmo.

O filme Bruxa de Blair não saía da minha cabeça, e isso não era nada agradável. Mesmo assim, subi até a entrada e bati na porta. Silêncio. Olhei ao redor, torcendo para a bruxa não aparecer de algum lugar oculto na mata, me fazendo passar a vergonha de tomar um susto e gritar como uma menininha.

Finalmente eu ouvi uma movimentação lá dentro e a porta se abriu. Confesso que não era bem o que eu esperava. Uma mulherzinha de um metro e pouco de altura, quase

uma anã, apareceu e me mediu de cima a baixo. A cor da sua pele era estranha, um tom meio doentio, quase verde. Tinha duas orelhas grandes, uma testa bem servida, meio enrugada, e poucos cabelos, todos eles brancos.

Mostrava certo ar de desconfiança, mas acho que sua curiosidade a impedia de ser hostil. Além disso, não deveria receber muitas visitas. Eu diria que ela tava até curtindo nosso papo. Levei uns dez minutos para convencê-la a me deixar usar o gravador. Só não me deixou tirar uma foto dela (queria muito mostrar para vocês a figura!).

No MP3 abaixo está o áudio desse bate-papo. Depois dou minhas impressões finais sobre ela. Vou falar um negócio pra vocês – essa voz baixa e rouca ainda me dá arrepios.

Ah! Depois coloquem nos comentários do post o que acharam da minha condução da entrevista! Eu tava meio nervoso e não sei se saiu natural...

Conteúdo do arquivo bruxa_belize.mp3

- Já estou gravando. Primeiramente, muito obrigado pela sua disponibilidade.
- Bom garoto você.
- Qual é o nome da senhora?
- Meu nome real importância não tem. Do povo cigano eu vim. Maga dos Lobos me chamar pode.
- Qual é o motivo desse apelido?
- Na mata com lobos corro. Sua pelagem meu corpo toma.
- A senhora se transforma em lobo? Isso acontece nas luas cheias?
- Para tomar nova forma da lua não careço. Só de pele de lobo e magia.
- A senhora apontou para aquela pele de lobo pendurada no gancho da parede. Ela é enfeitiçada?
- Apenas matéria prima a pele é. Por cântico e magia transformação acontece.
- E existem outros como a senhora? Pessoas que conseguem fazer essa metamorfose?
- Alguns comigo falar vêm. Muitos espalhados por aí estão.
- A senhora conhece um homem chamado El Lobo?
- Macho selvagem ele é. Muitas fêmeas ele deseja. Em lugar nenhum ele para.
- Já esteve aqui? Já conversou com ele?
- Sua maldade em mim tentou praticar.

- *Putá Madre! Não há problema em prosseguirmos com a entrevista? Tudo bem mesmo? OK, como ele é fisicamente?*
- *Olhos fundos na cara larga ele tem. Lobo preto riscado de branco. Como a noite sem lua sua alma negra é. De longe as fêmeas fareja.*
- *Ele é alto, baixo, magro, gordo?*
- *Forte como o lobo alfa, fraco como o homem sem princípios. Que uma árvore mais alto é, mais baixo que a cobra rasteja.*
- ...
- ...
- *Mas... Ele tem algum traço particular, alguma característica marcante que facilite a sua identificação?*
- *Crueldade.*
- *Bem... Eu me refiro fisicamente...*
- *Por cada poro a malvadeza transpira. Em cada gesto o mal se apresenta. Lobo mau ele é.*
- *Esteve aqui recentemente?*
- *Três dias de você dianteira tem. De fome saciada aqui esteve. Pelo caminho vítimas fez.*
- *E para onde foi?*
- *Impossível de prever seu destino é. Do seu passado algo eu sei. Na capital de Verapaz cemitério deve procurar.*
- *Essa região fica aqui em Belize?*
- *Em nosso vizinho ao sul procurar deve.*
- *Na Guatemala?*
- ...
- *É na Guatemala que fica a cidade do tal cemitério?*
- ...
- *Você está me ouvindo? Por que está olhando lá para fora? Chegou alguém?*
- *Partir deve agora.*
- *Mas por quê?*
- *Na mata hoje lobos correrão.*
- *A senhora fará o ritual de transformação? Eu posso assistir?*

- *Se vivo permanecer quer, partir agora deve. Meu trabalho devo começar.*
- *Vai usar a pele? Essas misturas fazem parte do ritual?*
- *Hmmmmmmmm... Mmmmmmmuuuuuuuuurrrrrrrggggggg...*
- *Senhora?*
- *Mmmmanarrrrrrrr... Grrrrrrroooooaaaaaa*
- *Para registro: ela parece estar preparando algum tipo de mistura. O cheiro é horrível. Ela me virou as costas e parece estar me ignorando.*
- *Shballah... impetus... monesh... klatu... cutralla...*
- *Colocou a pele sobre os ombros. Parece estar em transe. Essa porra é bem sinistra... Senhora? Senhora?*
- *Morrrrr... lupu... verata... narshbark.. lupus... nictu... canistre... cruciarius...*
- *Putaquepariu! Não vou ficar aqui, não!*

—

Peço desculpas pelos últimos segundos do áudio, repletos de um linguajar esquisito e barulho de cadeira caindo, porta batendo, madeira rangendo. Tá, eu confesso, me borrei de medo.

Imagine uma mulher com uma pele de lobo sobre a cabeça e os ombros, parecendo aqueles velhos xamãs que a gente vê em algumas ilustrações por aí. Ela começou a entoar uns cânticos macabros, enquanto misturava uns líquidos de cheiro horrível numa vasilha suja. O resultado foi uma gosma marrom-avermelhada, que foi passando na cara e nos braços. Aquilo me embrulhou o estômago! Pra piorar, ela começou a virar os olhos e babar, sua voz ficando mais cavernosa e baixa. Um vento estranho soprou lá fora e o casebre começou a estalar em tudo que era canto.

Eu tinha curiosidade de ver se ela se transformava mesmo em lobo. Mas eu também tinha um puta medo que isso acontecesse. No fim das contas, levantei e fui embora. Correndo. Acho que não aguentei nem um minuto da cena bizarra. Os barulhos finais do áudio sou eu esbarrando em coisas dentro da casa, abrindo a porta e correndo pela mata. Só depois de certo tempo me lembrei de desligar o gravador.

Sempre me vinham à cabeça os filmes *Bruxa de Blair* e *Um Lobisomem Americano em Paris*. Na minha mente amedrontada, eu imaginava meu próprio filme: *Uma Bruxa Lobisomem no Belize*.

Cheguei à estradinha e não quis esperar a carona que eu nem sabia se ia aparecer. Andei apressadamente um bom tempo, sempre olhando pra trás. Cada barulhinho me assustava, nunca pensei que a mata emitisse tantos sons ameaçadores. Finalmente

consegui pegar uma carona de carroça e cheguei em segurança ao meu hotel barato, onde vi a lata velha do meu guia passando na rua. Será que foi lá me buscar? Não sei.

Lendo agora, parece tudo muito emocionante, mas na hora não foi bom, não. O pior é a dúvida cruel que ficou: será que ela fazia mesmo tudo o que dizia? Não sei, e não vou voltar lá pra tirar a prova. Pelo menos ela me deu uma pista de El Lobo...

Agora vou curtir um pouco antes de botar o pé na estrada rumo à Guatemala. Como este não é um blog de turismo, pode ser que eu fique um bom tempo sem postar aqui. Assim que tiver novas informações de El Lobo, eu atualizo. Fiquem de olho!

Tags: Belize, bruxa, magia negra, lobisomem, cagaço

Comunicado da Alcateia Global

Nº20100115-2

- Nova investida ao Haiti preparada;
- Retirar passagens e passaportes no posto de acesso nº17;
- Grupo principal atuará sob disfarce de trio de voluntários europeus em auxílio às vítimas do terremoto;
- Agente ômega destacado como motorista para fornecer transporte do aeroporto ao ponto de abordagem em Porto Príncipe;
- Armas disponibilizadas para retirada no posto de acesso nº03.

AGONIA ENTRE ESCOMBROS

– Meu Deus, eu sinto o sofrimento das pessoas deste lugar...

Com olhos vidrados a fitar os restos de um bairro residencial em Porto Príncipe, Dante sussurrou a última frase mais para si do que para os companheiros.

– Conseguiu detectar algo? – Fênix questionou friamente Casillas, parecendo indiferente à destruição ao redor.

– Nada – foi a resposta do espanhol. – Mas isso não quer dizer que ele não esteja por aqui. Só consigo captar mentes que estejam em comunicação ativa ou com seus donos na minha presença. Talvez o informante tenha permanecido entre os poucos prédios ainda de pé. Ele é um beta, e não acredito que morreria tão facilmente.

Os três colocaram suas mochilas sobre o chão da rua destruída. Ao que parecia, estavam sozinhos naquele lugar imerso na escuridão da noite. Todos temiam as madrugadas após o terremoto, pois a frágil segurança já existente tornou-se um caos povoado por bandidos, saqueadores e estupradores. As autoridades não conseguiam dar conta do número de ocorrências nas áreas abaladas. Mesmo sob o risco de desabamento, prédios e casas em ruínas ainda eram mais seguros do que as ruas e os acampamentos de desabrigados.

– Dante, não adianta ficar impressionado com esta catástrofe – a voz da companheira de missão era uma tentativa de soar menos fria que o normal. – Somente um golpe de sorte nos colocará na trilha do informante em meio a tanta destruição. Temos de procurar qualquer indício do seu paradeiro, e bem rápido. Ainda há pessoas vivendo aqui, sinto o cheiro delas.

– Eu farejo apenas sangue e medo. Vocês não ouvem os gritos de socorro? Sinto até dor física, como se eu mesmo estivesse soterrado – o incômodo do brasileiro era visível, coisa rara no seu modo impassível de ser.

– Ignore isso, foque apenas no que buscamos – Casillas se voltou para os companheiros. – Fênix, procure entre aquele conjunto de casas mais adiante. Dante e eu iremos até os dois prédios ainda de pé do lado direito. Eles estão quase desabando, então as pessoas devem estar no térreo, o que vai facilitar a busca. Precisamos ser rápidos na revista! O primeiro que encontrar o homem com as características do informante manda um aviso mental.

Os outros dois membros da missão concordaram – uma contrafeita e outro inseguro – e seguiram para seus destinos estabelecidos, deixando as mochilas entre os escombros na rua. Apesar de ser uma tarefa com pouca probabilidade de êxito, naquele momento era a única alternativa. Em poucos segundos, a norueguesa não era mais vista.

– Aguento firme, Dante. Eu imagino o que deve estar sentindo, isso faz parte de seus novos dons. É em momentos de tensão como este que eles se manifestam com mais intensidade.

– Tenho vontade de desistir de tudo isso e voltar para Caroline e nosso bebê. O tempo todo me sinto como um aluno burro, que nunca aprende o que precisa. Parece que vocês me conhecem mais do que eu mesmo, e isso me deprime profundamente.

– Não se preocupe. Não se vira um totem-vivo do dia para a noite. Além disso, nossa motivação é encontrar a menina sequestrada. Vamos conversar com aquelas pessoas deitadas perto da porta de entrada.

A conversa inicial com os moradores assustados e arredios do lugar foi infrutífera. Mesmo se soubessem do paradeiro do homem procurado, não o revelariam. Os quarenta minutos de buscas e perguntas nos dois prédios abandonados foram pura perda de tempo. Ao que parecia, Fênix também deveria estar com dificuldades na sua área de ação.

– Não aguento mais! – finalmente explodiu Dante. – Eu sei que tem gente viva embaixo desses escombros, e vou ajudar o máximo que puder!

– Calma, você vai acabar assustando as pessoas – Casillas, entendendo a intenção do colega, tentava dissuadi-lo de se transmutar.

– Desculpe, mas vou fazer algo de útil pela primeira vez nesta viagem! – o brasileiro tirou a camisa e correu na direção de um monte de entulho próximo.

Após certificar-se de estar fora do campo de visão dos presentes, Dante tirou o resto da roupa e iniciou a transformação. Em poucos segundos, o lobisomem-guará já escavava o que outrora havia sido um pequeno prédio residencial. Seus braços fortes arrancavam concreto, aço e pedra com a facilidade que somente um guindaste poderia proporcionar. Nas ruínas ainda habitadas, pessoas assustadas empreendiam fuga pela madrugada. Os haitianos conheciam bem as histórias sobre os lobisomens locais, e isso foi o suficiente para seus instintos de sobrevivência lançá-los no caos da cidade devastada, abandonando sua precária proteção. Casillas apenas acompanhava de longe a movimentação do companheiro de missão, imaginando se Fênix lograva melhor sorte.

Nem dois minutos haviam decorrido desde o início do trabalho de salvamento, e um homem já era içado de uma cratera feita pelo lupino. Estava sujo, ensanguentado, fraco pelos três dias de privações que sofreu sob os restos de sua moradia.

– Por favor, poupe minha vida – implorava o pobre sobrevivente, entre acessos de tosse.

Dante apenas colocou-o em um lugar reto nas proximidades, com todo cuidado para não agravar ainda mais as fraturas já presentes no corpo do ferido. Feito isso, partiu rapidamente para abrir caminho na direção de outro coração pulsante. Podia sentir cada fagulha de vida ali presente em meio à podridão da morte. Nunca havia experimentado sentidos tão aguçados. Dessa vez precisou ir mais fundo, evitando por duas vezes novos desabamentos, amparando os destroços com seu corpo esguio. Quando alcançou a criança que chorava em meio às trevas, Casillas emitiu um alerta mental:

"Reagrupem! Sinto a aproximação de um grupo de lobos totalmente irracionais em plena corrida!"

Dante hesitou por um momento. Seria prudente levar a criança para a superfície? Quantos oponentes encontraria lá fora? Desvencilhando das mãos pequenas que se agarravam ao seu braço forte, o lobisomem-guará saiu sozinho dos destroços, pronto para a luta. Antes de ver os inimigos, sabia que eram oito, e que já se aproximavam de Casillas e do homem que acabou de salvar. Soltou um uivo retumbante, o prenúncio da batalha.

Quando Fênix chegou ao palco da luta, já na sua forma de loba, precisou definir uma estratégia rapidamente. Uma pessoa que não conhecia era devorada viva por dois lobisomens com pelagem cinza e negra, esguios como coiotes; outra dessas criaturas confrontava Casillas, que tentava bravamente confrontá-la apenas com uma faca de caça na mão; por último, Dante, mostrando uma ferocidade incomum ao lobo-guará do qual carregava características, lutava contra cinco oponentes irracionais e sedentos de sangue.

Para ela, a opção de ataque passou a ser óbvia. Com um grande salto, Fênix deslocou-se agilmente até o lobo que rodeava o espanhol sobre quatro patas, preparando nova investida. As garras poderosas de pelagem marrom e cinza seguraram a pata traseira e a dianteira do lado esquerdo do animal, e rapidamente a poderosa mandíbula da norueguesa fechou-se sobre a barriga macia do metamorfo. O lobisomem ainda tentou revidar debilmente, pego de surpresa. Moveu suas

presas até um dos braços da sua atacante, mas era tarde demais. Com um insano balançar de cabeça, a norueguesa flagelou mortalmente o inimigo. Visceras desabaram no solo irregular, banhadas pelo sangue de veias rompidas e outros órgãos internos destruídos.

O lobo atacado voltou à forma de um homem negro, alto e magro, que entre gemidos terríveis manuseava os próprios órgãos expostos, tentando trazê-los de volta ao abdome. Fênix piscou algumas vezes, tentando melhorar a visão em meio ao sangue que encharcou sua cabeça lupina. Percebeu que naquele momento Dante estava próximo à porta de entrada de um dos prédios abandonados. Lutava contra sete oponentes, porque os dois que devoravam a outra pessoa haviam abandonado a pilha sangrenta de ossos, após saciar a fome, atraídos por ele como mariposas pela luz. O foco dos inimigos estava todo no colega brasileiro, e ela sabia o porquê. Andando sobre as patas traseiras, colocou Casillas sobre o ombro e pegou sua mochila. Era preciso deixá-lo em lugar seguro e tratar dos seus ferimentos, que não eram graves, mas precisavam de atenção imediata. Dante precisaria resolver seus problemas sozinho, e isso não era fácil.

O brasileiro recuava cegamente na direção do interior do prédio em ruínas. Mantinha as pálpebras cerradas, pois era selvagemmente atacado na cabeça por garras desesperadas. Mordia com firmeza o pescoço de um inimigo e sabia que era questão de tempo até que ele morresse. Já tinha matado um deles com um golpe certeiro no coração e cegara outro em um movimento ágil de garras. Apesar disso, ainda estava em desvantagem, afinal outros quatro inimigos continuavam em plena forma para atacar. Mesmo sem captar mensagens mentais reconhecíveis por parte deles, uma estratégia instintiva foi adotada pelo bando: cada braço de Dante tinha um lobo com unhas e dentes cravados, enquanto outro visava suas pernas a fim de derrubá-lo, além do quarto que investia contra cabeça e pescoço.

A selvageria da cena era chocante. Em meio à dor inimaginável, Dante ainda mantinha sanidade suficiente para ficar impressionado por ainda não ter tombado sem vida. Como uma maldição, seus sentidos se ampliaram, aumentando ainda mais seu tormento. Podia sentir cada rasgo na pele, cada rosnado das feras, cada golpe titânico sobre seu corpo. Não havia gota de sangue ou saliva que deslizesse sobre si e fosse ignorado. Soltou o inimigo morto e com isso liberou sua bocarra para um ataque cego e desesperado. Nesse instante, percebeu que o chão sumiu momentaneamente sob suas patas. Pelas escadas que levavam ao subsolo, uma bizarra bola de pelos e sangue rolou.

Fênix chegou em louca disparada a tempo de ver o companheiro coberto por inimigos a despencar para o nível embaixo da terra. Um dos lobos gigantes

destacou-se do grupo, permanecendo sobre quatro patas no alto dos degraus. Farejou o ar e olhou ao redor, como se tivesse percebido a presença da mulher-lobo. Parecendo cego, virou-lhe as costas e seguiu pelos degraus rumo ao estacionamento subterrâneo. Isso foi a prova final de algo que Fênix apenas suspeitava. Se tivesse de enfrentar aquele bando selvagem, poderiam levar a noite inteira. Não tinha esse tempo. Ela decidiu que a resolução daquele imprevisto deveria ser rápida, pois Casillas estava muito vulnerável, tratando dos próprios ferimentos em uma rua escura a dois quarteirões dali. Encontrou as vigas de sustentação do local, uma seriamente deteriorada, outra denotando ser a única base sólida para toda a construção. Ali estava a chave para o fechamento de tal impasse.

A dor era cada vez mais intensa e Dante não entendia o motivo de ainda permanecer vivo. Desejava intensamente o toque reconfortante da morte. Por causa disso, foi com alívio que ouviu os golpes no piso acima que fizeram o chão tremer, sabendo ser esta uma ação de sua poderosa aliada. Alguns segundos depois, sentiu o efeito da gravidade sobre as vigas deterioradas e agora destruídas. As toneladas de concreto desabaram sobre ele, e por uma fração ínfima de tempo, sentiu a vida de cada inimigo desvanecer e apagar-se de maneira brusca. A dor foi insuportável. Difícil respirar. Impossível se mexer. Escuridão profunda.

O HOMEM E O LOBO

Um bar sujo e mal iluminado no subúrbio de Puerto Cortez, Honduras. O dono arrumava algumas garrafas de aguardente na prateleira atrás do balcão, enquanto acompanhava o jornal local pela velha televisão em um suporte na parede lateral. O comentarista esportivo falava sobre a preparação da seleção hondurenha de futebol às vésperas da Copa do Mundo da África do Sul.

– Acho que a gente vai longe nessa Copa. Fazia tempo que Honduras não tinha uma equipe tão boa. Sabia que foi convocado um jogador do nosso time da cidade, o Platense? – o homem barrigudo e com a barba por fazer, atrás do balcão, tentava puxar conversa com o cliente silencioso ali perto.

O jovem de vinte e cinco anos, negro, muito magro e com roupas simples, sentado em um banco alto sem encosto, também assistia ao programa televisivo, mas não respondeu. Tinha um cotovelo apoiado sobre a superfície de madeira gasta e úmida, onde também repousava uma garrafa de cerveja e um copo vazio. A outra mão afastava as moscas que insistiam em voar ao redor da sua cabeça.

À frente do balcão espalhavam-se sete mesas com cadeiras de vários tipos, posicionadas de modo caótico e desleixado. No canto mais afastado, próximo à parede oposta àquela onde se encontrava o televisor, estava um homem na casa dos trinta, alto e magro, com cabelos negros lisos presos em um rabo de cavalo. Parecia totalmente concentrado em seu telefone celular, no qual digitava algo.

Um jovem de cabelos louros, alto e forte, usando calça camuflada, coturno e regata verde, entrou no bar e olhou ao redor. Decidiu, de última hora, alterar seu trajeto e, em vez de ir até o balcão, caminhou calmamente até a mesa ocupada pelo homem do celular.

– Dê o fora daqui! – a fala do desafiador foi em inglês, mas seu tom e seu gesto apontando a saída deixavam clara a sua intenção.

O sujeito com rabo de cavalo levantou a cabeça para poder ver melhor quem o estava importunando. Em um segundo de observação captou as vestimentas, o corpo musculoso, o penteado esquisito, a pele branca e os olhos azuis que denotavam uma fúria assassina. Um gringo encrenqueiro. Notando o barril de pólvora ambulante que tinha diante de si, decidiu sair dali o mais rápido possível. Guardou o telefone celular no bolso, pediu licença e foi embora.

Satisfeito com a colaboração do estranho, o estrangeiro baixou a porta de aço pelo lado de dentro, até que ficasse a meio metro do chão. Isso evitaria novas

visitas indesejadas. Foi até o balcão e parou de frente para o jovem sentado de lado, posicionando-se entre ele e a televisão. As narinas do recém-chegado dilatavam-se enquanto ele saboreava os odores ao redor: cigarro impregnado em tudo, misturado aos vapores de bebida barata; o fedor do banheiro e dos petiscos velhos; o cheiro de suor do homem que encarava de uma posição mais alta, a poucos centímetros de distância, com olhos insanos de predador.

– Ei, o que acha de irmos até os fundos conversar? – ele continuava a falar em inglês. O outro rapaz fitava-o visivelmente receoso. – Tenho algo para falar com você, sem interferência do *cabron* aqui – apontou para o atendente.

O rapaz sentado olhou para o estrangeiro, se perguntando que tipo de encrenca procurava. A última coisa que queria era chamar atenção, e aquele espécime com jeito de paramilitar tinha todo o jeito de querer frustrar seus planos.

– Quem mandou você? – respondeu em um inglês sofrível, torcendo para ser compreendido.

– É melhor você vir comigo – o outro, apesar da calma na voz, tinha um olhar assassino.

– Ei, gringo, não quero confusão no meu bar – o atendente não disfarçava o manuseio de uma arma de fogo sob o balcão.

– Então fala pro negro aqui fazer o que eu mando. Temos uma parada a resolver, e você não vai querer isso dentro do seu bar.

– Eu vou embora – disse, repentinamente, o desafiado, suando frio, levantando-se virado para a saída.

Nesse momento, duas ações ocorreram ao mesmo tempo: o agarrar de colarinho pelo americano e o apontar de revólver pelo dono do bar. O alvo do primeiro gesto foi o cliente ameaçado, o do segundo foi o estrangeiro briguento.

– Por causa de uma briga no mês passado, quebraram todo o bar. Ainda tô pagando as mesas e cadeiras que tive de comprar. Cês não vão me dar mais esse prejuízo. Se é mulher ou droga o motivo da briga, foda-se, não quero nem saber! Vão resolver suas diferenças lá fora!

– É um mal-entend...

– Estou farejando seu rastro há um bom tempo – interrompeu o americano. – Temos um assunto a resolver e você não vai escapar disso.

– Qualquer confusão dentro ou na frente do meu bar vai atrair um enxame de homens fardados pra cá – em nenhum momento tirou o estrangeiro da mira do

revólver. – Depois dos banheiros há um corredor que leva a um beco lá nos fundos. Vocês vão sair, vou trancar a porta e foda-se o que acontecer com os dois. Andem!

– Você vai mesmo me sacanear? – questionou em espanhol o rapaz ameaçado.

– Não tenho nada com isso – respondeu o do revólver, no mesmo idioma. – Se não quiser encarar o gorila aí, pode tentar pular a cerca dos fundos do terreno.

– O que vocês estão tramando, porra? – novamente o inglês passou ao idioma oficial na tensa conversa, saindo da boca do estadunidense.

– Chega de papo! – o dono do bar contornava o balcão, mantendo os dois sob a mira do revólver. – Saiam!

O rapaz com roupas negras tomou a dianteira, caminhando a passos largos para o local indicado. Era uma máquina de matar pronta a abater mais uma vítima. Logo atrás, forçado pelo cano da arma nas suas costas, seguia o outro lutador, arrastando penosamente seus chinelos de dedo, tremendo sob a calça de agasalho e a camiseta larga de algodão.

Ao atravessar a porta dos fundos e ouvi-la ser trancada, o rapaz percebeu que havia se metido numa grande confusão. Estava em um grande espaço triangular formado pela parede do bar às suas costas, um muro de aproximadamente três metros de altura a dez passos à sua direita e um alambrado que se estendia diagonalmente entre as pontas mais distantes do muro e da parede, uma cerca de pelo menos quatro metros de altura, segundo seus cálculos. Estava preso em uma arena mal iluminada junto de uma fera sanguinária. No bar, uma música em alto volume começou a tocar, com certeza uma maneira de abafar os sons da luta e não levantar suspeitas. Tudo o que o rapaz amedrontado queria era sair vivo e incógnito dali.

O sujeito louro tirou a camisa e começou a fazer movimentos com o pescoço e os braços a alguns passos de distância, causando estalos no seu próprio corpo. O mais fraco, notando certa distração do seu oponente durante tal ato, preparou uma fuga desesperada. Saltou na direção da cerca abandonando seus chinelos. Imediatamente, iniciou a escalada sem se importar em ferir mãos e pés contra os losangos de arame.

Quando estava quase no topo, foi puxado novamente para baixo através de um agarrão forte em um dos tornozelos. A queda foi violenta a ponto de rasgar sua camiseta e fazer sua cabeça sangrar. Ainda zozinho, recuou até um canto, sentindo que perdia as calças nesse débil arrastar. Desejava afastar-se o máximo possível da

ameaça ali presente. Encolhido no chão áspero e imundo, presenciou a metamorfose.

Em apenas três segundos, viu mãos perfeitamente humanas alongarem-se e virarem patas enormes e peludas, dotadas de garras mortíferas. Um novo corpo moldou-se a partir da forma do que antes era um ser humano; nova anatomia, um híbrido de homem e lobo, rompeu as frágeis roupas, incapazes de conter o corpo descomunal que se delineava.

Um salto ágil colocou o lobisomem sobre sua presa, um colosso de dois metros e meio de altura. O humano, sem condições de confrontar tamanha ameaça, gritou por ajuda a plenos pulmões. Tentou usar os braços como proteção, somente para vê-los ser dilacerados por golpes poderosos de garras lupinas. Sangue jorrou, tendões e músculos foram rasgados facilmente, pedaços de pele pendiam como tiras de pano velho.

– Onde estão vocês, porra? – a presa chorava e gritava descontroladamente sob urros da fera que, apesar de transbordar em fúria, procurava se controlar.

O homem ensanguentado caiu de costas no chão. O lobisomem de pelagem marrom, andando sobre as quatro patas, aproximou-se lentamente e, em seguida, envolveu o pescoço da vítima com dedos meio humanos, meio lupinos. Ajoelhado sobre a barriga, começou a estrangulá-lo.

Inconscientemente, os instintos da fera clamavam pela fuga e o homem-lobo decidiu seguir sua intuição, pois esta nunca o traiu. Largou a vítima e saltou sobre o alambrado, chegando facilmente ao topo onde ficou empoleirado. Quando se preparava para um segundo salto na direção do terreno baldio, um atirador com rifle surgiu das sombras próximas ao licantropo.

Quatro tiros de tranquilizantes foram lançados na trajetória em arco que o lobo descreveu no ar, ao saltar para o matagal que serviria como ponto de fuga. Nenhum deles atingiu a fera. Ao iniciar sua corrida rumo à liberdade, o lupino ouviu gritos vindos da direção oposta ao atirador. Homens discutiam. Em seguida, captou um clique e algo voou de um ponto do terreno mais ao fundo. Quando percebeu do que se tratava, era tarde demais, não teve tempo de desviar da granada. A explosão do artefato causou sérios danos ao seu corpo poderoso. Arrastando-se sobre o ventre numa débil tentativa de prosseguir, o homem-lobo deixava para trás um rastro de sangue e pedaços de sua carne. Tal rastro bizarro manchou a terra por poucos metros.

– Bom trabalho, Justiceiro. O bicho quase fugiu – falou uma mulher robusta com roupas marrons em estilo militar. – Se dependêssemos do imbecil do Tex e

seus tranquilizantes, estaríamos fodidos.

Outros dois rapazes juntaram-se a ela ao redor do lobisomem caído, vindo da origem do lançamento da granada.

– O bicho é rápido demais! – desta vez falou um rapaz magro, trajando calças jeans, botas, uma camisa amarela e chapéu de *cowboy*. Ainda trazia o rifle junto de si.

– Você é burro demais, seu caipira do caralho! – exclamou o homem alto com roupas pretas. – Ainda não sei por que o Johnny teima em mantê-lo no grupo de caçadores.

O lobisomem ainda agonizava sobre o terreno. Sangue saía em profusão pelo focinho e ele respirava com dificuldade, emitindo um aflitivo gorgolejar. Deitado de lado, tinha alguns órgãos internos expostos. Um dos membros inferiores foi arrancado na explosão e, visivelmente, chegava aos seus últimos instantes de vida. O instinto animal, porém, falou mais alto.

Reunindo suas últimas forças, girou repentinamente e mordeu a perna do rapaz com roupas de *cowboy*. Prendeu firmemente as presas e sacudiu a cabeça para os lados, dilacerando a panturrilha e derrubando o caçador. O esforço causou imensa dor ao lobo, e as balas de grosso calibre que trespassaram sua cabeça na sequência foram recebidas com alívio. Sem saber, os caçadores calaram o informante procurado pelo trio de agentes da Alcateia Global que, como eles, deixara o Haiti antes do terremoto.

A terrível mandíbula só se soltou da perna do infortunado caçador porque o lobisomem voltou à forma humana após a morte. Com cautela, seus colegas levaram-no até o furgão escondido entre a vegetação ali perto, não sem antes checarem o estado do quarto membro daquela atuação catastrófica. Guile, como era chamado o jovem musculoso de penteado esquisito, já estava morto, olhos arregalados e braços em retalhos. Quem diria que aquele rapaz magro e aparentemente pacífico parado junto ao balcão do bar se transformaria em uma besta tão destrutiva?

Perdendo Tempo

Postado em 26 de janeiro de 2010 por dr-glendon

Às vezes a gente quer dar ouvidos aos outros e só se ferra.

Recebi a dica de que em Puerto Cortez (Honduras) eu encontraria alguma informação interessante sobre lobisomens, porque na cidade funcionava o maior porto da América Central, onde tinha todo o tipo de gente. E lá fui eu desviar minha rota (se você olhar no mapa, vai ver que Verapaz fica no sentido oposto), à procura de algum bichão que valesse o esforço.

Chegando ao porto, encontrei um parente distante, desses louções que se metem a fazer um monte de coisa, sabe? Então, esse meu primo de segundo grau trabalhava naquele momento de estivador, com ele consegui algumas dicas da cidade, e também uma pista quente de um sujeito que poderia dar uma boa história.

Era um cara fugido do Haiti que meu primo viu chegar ao porto meio escondido num rebocador. Segundo ele, o fujão tinha conexões com o chefão do crime de Honduras, um tal de Rafael. Trabalhava de informante, parece que era um agente duplo em alguma organização que queria tomar o poder no país, não entendi direito essa parada.

Até aí tudo normal, isso existe em qualquer lugar do mundo. O que me fez prestar mais atenção à história foi o fato de todo mundo acreditar que os caras do crime organizado da área são lobisomens, inclusive esse haitiano, que tinha passe livre por toda Honduras. O negócio era ir atrás desse maluco, e ver o que dava para descobrir através dele.

O máximo que meu primo conseguiu me passar foi que esse cara frequentava uns botecos pestilentos do subúrbio, e que era bom ir logo, porque o informante estava pra sair dali, não sei por qual motivo. Aliás, percebi que esse meu parente estava bem antenado com essas paradas do submundo, e preferi não ser muito visto em sua companhia. Nunca se sabe, né?

Passei algumas noites atrás do cara em lugares sujos e mal frequentados, seguindo as descrições físicas passadas pelo meu primo. Para minha sorte, acabei encontrando o haitiano num bar vazio, onde seria tranquilo conversar com ele. Vi o cara no balcão, tomando uma cerveja numa boa. Sentei numa mesa mais afastada, pedi um refrigerante e fiquei de olho, só pra ter certeza de que era ele mesmo.

Tive medo, lógico. Se o maluco era bandido metido com os chefões locais, qualquer papo torto poderia resultar num tiro na minha cabeça. Pra não dar muito na cara que eu

tava vigiando, peguei o celular e comecei a jogar Tetris, esperando o momento certo de abordá-lo.

O dono do bar tentava puxar conversa com ele, parecia ser daqueles sujeitos bem enxeridos. Eu ia esperar o fofoqueiro dar uma vacilada, e puxaria conversa com o fugitivo. Papo rápido, só para ver se ele tinha algo de útil a me fornecer.

Foi aí que chegou o loirão. Era tão estrangeiro que até brilhava. Passou pela porta todo arrogante, passando o pente num cabelo feio pra cacete, que parecia um abajur. Usava roupa de militar e tinha a bandeira dos Estados Unidos tatuada no braço. Ianque filho da puta! Devia ser algum maluco da base americana na Ilha de Guanaja, ou até da base de Soto Cano, que é bem maior. Os malditos intensificaram sua presença na América Central depois do Onze de Setembro, essa era a desculpa que precisavam para reforçar seu efetivo nesta região novamente. Fizeram valer o velho apelido da América Central, “o quintal dos Estados Unidos da América”!

Peço desculpas pelo pequeno surto de protesto contra os imperialistas. Voltando ao gringo, pisando duro, ele parecia ir direto para o balcão, mas me viu e veio pro meu lado. Não preciso nem dizer que me caguei todo de medo! Um soco desse cara me desmontaria inteiro! Eu não sou bom de briga, nem de corrida, então minhas chances eram nulas contra o homem das cavernas ariano. Fingindo estar fazendo algo superimportante no celular, procurei disfarçar o puta medo que eu estava sentindo. Ele foi direto: chegou e mandou que eu desse o fora. Ufa! Alívio! Nem precisou falar duas vezes: vazei dali sem nem pagar a conta e deixei os infelizes do bar para trás. Eles que se acertassem com o gringo!

Saí sem nem olhar pros lados, e só parei de andar rápido quando peguei um ônibus até a pousada onde estou hospedado. Vou fechar minha conta hoje mesmo e seguirei novamente para Verapaz. Só dei um tempo por aqui para postar este acontecimento pra vocês. Não gostei nada da minha estada em Honduras. O clima aqui ainda é estranhão, depois de toda aquela encrenca com a deposição do Zelaya e a posse do Lobo (notaram a coincidência do sobrenome do novo presidente ser tão parecido com o do objeto da minha investigação?). Não sou chegado em governos de direita, e saber que tem um monte de repórter sendo assassinado por aqui me deixa mais cabreiro ainda. Posso ser facilmente confundido com um deles!

Ainda pensando no cara do bar, será que ele ia me dar umas dicas boas? Não sei não, o infeliz deve ter tomado o maior cacete do ianque folgado. Só sei que não quero encontrar mais nenhum brutamontes como o loirão. Que puta perda de tempo, viu? Esta pequena estadia só valeu para eu saber desses rumores de lobisomens no submundo do crime e também pelos dias de sol que consegui curtir aqui (as praias daqui são bacanas, recomendo). Mas nada compensou o medo real que senti nesta porra de lugar. Mesmo se os lobisomens existirem, não sei se eles são a maior ameaça neste país.

O negócio é sair correndo daqui. Em breve, novidades sobre Verapaz. Até mais!

Tags: Honduras, furada, treta

PROTOCOLO NINHO DE COBRA

O furgão negro seguia a toda velocidade pela estrada de saída da cidade. No volante, a mulher com roupas militares. Ao seu lado ia Justiceiro, com as botas apoiadas no painel, escrevendo em um caderno grosso.

– Ei, dirija com mais cuidado! Desse jeito, nem eu vou entender os garranchos que tô escrevendo no meu diário de guerra.

– Precisamos chegar logo ao QG, porque o Tex tá muito ruim. Isso sem falar do Guile, dentro do saco preto de plástico, lá atrás perto dos restos daquele outro cara. Como vamos reportar essa merda toda pro Johnny?

– Não esquentar. Na guerra, sempre há baixas, por melhor que seja a campanha – a motorista deu uma guinada brusca para tomar uma estradinha secundária de terra, o que fez com que o rapaz de roupas pretas derrubasse a caneta e batesse a lateral da cabeça no vidro da porta. – Porra, cuidado aí, B.A., senão o esquadrão não vai chegar ao destino!

– Já falei que não gosto desses apelidinhos que vocês ficam inventando. Se já não fosse suficiente aguentar o Tex choramingando, deitado no banco de trás, você ainda vai ficar falando besteira?

– O *cowboy* vai ficar legal – após novo solavanco, o ferido gritou mais uma vez. – Lá no QG a gente tem tudo o que precisa pra ele ficar novinho em folha: uma cama e uma sala blindada.

– Ele precisa é de um hospital!

– E estragar toda a operação que a gente tá fazendo na surdina? Nem pensar! O Chip tá fazendo lá as paradas de *hacker* dele, passando as coordenadas certinhas pra gente aqui. Até agora ele não errou uma, aquele rato de computador filho da puta! Tudo bem que ele é o sobrinho esquisitão do chefe, e só por isso eu o suportava no grupo, mas ele tá mandando bem mesmo. Até começo a me arrepender das surras que eu dava nele na escola. Essa primeira dúzia de bichos que a gente caçou em Porto Rico e na Jamaica foi só o começo, só treino. Mesmo mandando bem, a gente não pode vacilar. Além disso, só dançaram hoje aqueles que foram incompetentes. Se tivessem seguido o meu plano, estaria todo mundo vivo e numa boa.

– Até parece que você não conhece o Johnny. Ele deixou bem claro que só devemos atacar pessoas com a certeza de elas serem lobisomens. O sobrinho dele

deu a dica das evidências naquele bairro, e todas as informações coletadas por ele levavam ao suspeito. Mas até o infeliz virar bicho, não tínhamos certeza.

– E é claro que o valentão do Guile quis mostrar o quanto era macho, servindo de isca. Já na última operação o idiota quase deixou o lobisomem enforcado cair na cabeça dele – apontou para frente. – Olha o buraco!

O salto violento do furgão confirmou que a mulher não havia conseguido desviar a tempo. Tex caiu no assoalho do veículo, gritando e chorando como louco. Na parte traseira, o corpo do colega morto ficou preso por baixo da caixa de armas, em uma posição bizarra, amontoado com o outro saco preto contendo o corpo do alvo da operação. Mesmo assim, eles continuavam sua corrida na noite.

– Presta atenção! Se você estragar o furgão do Hitman, ele te mata!

– A estrada tá muito ruim. Sem iluminação, dependo somente dos faróis pra enxergar o caminho, e às vezes isso não é o suficiente. Você nem dirigir sabe, então cala a boca.

– Aguenta mais um pouco, que a gente tá quase chegando – Justiceiro tentava acalmar o colega histérico. – Não esquenta com a perna, porque eu pus bandagens suficientes pra mumificar três faraós – virou-se de novo para frente. – Voltando ao assunto da cagada: o rifle de tranquilizantes ficou logo com o Tex, o pior atirador do grupo.

– Ele não é tão ruim assim. Além disso, eu e você ficamos na contingência com as armas de fogo, caso alguma coisa desse errado – ela deu uma freada brusca para não atropelar um cachorro que cruzou o caminho, e por um segundo pensou na ironia daquele ato. Já haviam matado uma dúzia de homens sem pestanejar.

– E não adiantou porra nenhuma! O imbecil do Guile tirou o *cowboy* do grupo e mandou a gente contornar o bar pelo lado errado. O tempo que levamos fazendo o trajeto maior, pelo labirinto de vielas até o terreno, fez toda a diferença. Só o Tex tava no lugar certo na hora da ação. Fizemos tudo ao contrário!

– Chegamos. Já que está tão calmo, você explica tudo para o Johnny. Eu estou uma pilha de nervos!

– Deixa comigo, Alice.

– Alice o caralho! Meu nome é Annie, porra!

Johnny tentava relaxar tomando o seu *bourbon*, sentado na cama. Ele ocupava sozinho o maior dos três dormitórios da casa, deixando outro para os

rapazes e o último para a única mulher do grupo. A cada novo dia de trabalho daquela tropa, ele sempre pensava consigo "você está velho demais pra isso, amigo". E isso é verdade.

O robusto estadunidense tinha setenta e dois anos de idade, saúde – e força – de um búfalo. Seus subalternos estavam todos na casa dos vinte, um bando de delinquentes de classe média, indicados pelo sobrinho para se juntarem a eles na caçada. Não por amizade, muito pelo contrário: foram seus algozes na época do colégio. Porém, eram os maus elementos disponíveis no pouco tempo que tinham para iniciar as atividades. Como Albert (ou Chip, como os moleques adoradores de apelidos o chamam) ficaria longe da ação por ser o *hacker* que roubava informações das quais eles precisavam, permaneceu em casa, nos Estados Unidos, dando apoio ao grupo apelidado por Johnny de "os filhotes bastardos de Vansing". Todo dia o velho pensava no amigo e no legado deixado por ele.

Protocolo Ninho de Cobra era o codinome do plano arquitetado pelo caçador de lobisomens, um conjunto de papéis manuscritos deixados pelo velho companheiro, com o intuito de dar prosseguimento ao seu trabalho, caso algo de ruim lhe acontecesse. Todas as suas experiências cruéis dissecadas e devidamente registradas, oferecidas a uma nova geração de caçadores.

A pessoa com a incumbência de tal missão era o único homem em quem Vansing confiava: Johnny Griswold. Um legado que o atual líder dos caçadores só assumiu em nome de uma amizade antiga, porque ele odiava esses jovens arrogantes e inconsequentes. Somente foram recrutados por já saberem utilizar armas de fogo e por ser fácil tirá-los dos EUA sem levantar suspeita das suas famílias.

Os documentos eram enviados por Vansing via correio de tempos em tempos, para a residência de Johnny. Este arquivava as folhas em fichários e depois guardava tudo em uma caixa selada no porão. Batia os olhos no conteúdo e ria das besteiras escritas: resistência dos lobisomens, suas vulnerabilidades, modos de matá-los e coisas do tipo. Sabia que Vansing e Guent eram dois malucos com muitas armas e pouco caráter, autointitulados "caçadores de cães do inferno". Imaginava-os por aí a matar andarilhos, indígenas, drogados e outros párias, usando a desculpa de serem lobisomens. Os dois não prestavam, mas eram bons de caça, copo e carteados.

Guent sempre aparecia com umas conversas sobre política e sociedade, e acabava falando um monte de besteiras, porque inteligência e bom senso não eram o seu forte. Já Joe Vansing era um bronco com cérebro, se é que esse termo é possível. Era bom em tudo o que se metia a fazer, capaz de assimilar qualquer

assunto que fosse do seu interesse. Sabia levar as pessoas na conversa, falava difícil quando queria, mas apresentava um desvio de personalidade: não tinha escrúpulos. Isso, além de uma inclinação à psicopatia. Seria um homem de sucesso em alguma área de negócio, não fosse a maldade que sempre o arrastou para o caminho da clandestinidade. Quando teve a oportunidade de abandonar a vida de golpes e contrabando e se tornou um assassino de aluguel (matando feras sobrenaturais, segundo ele), comemorou como se tivesse ganhado na loteria.

O idoso encheu mais um copo de *bourbon* e o dedicou às memórias de Joe Vansing, seu melhor amigo, e Ted Guent, um sujeito do qual não gostava muito, mas suportava em nome da parceria com o seu chegado. Um brinde aos dois sacanas que morreram deixando uma conta gorda nas Ilhas Virgens Britânicas e o meteram numa tremenda enrascada! Johnny preferia estar curtindo a aposentadoria em sua terra natal, mas estava ali, fazendo coisas que achava uma grande perda de tempo, tudo isso em consideração ao sujeito tido por ele como o melhor amigo que já teve.

Uma batida na porta arrancou-o das suas lembranças.

– Entre – gritou, após esvaziar o copo de uma só vez, apreciando o efeito do álcool sobre o corpo.

– Com licença, Johnny – era Annie Melnitz, a única pessoa do grupo com a qual simpatizava, além do sobrinho. – Já arrumamos tudo. Você vem?

– Claro – levantou-se e seguiu com a subalterna. Queria ver como aqueles moleques pretendiam corrigir o erro cometido.

– Você tem certeza do que está dizendo? – Johnny demonstrava um misto de desconfiança e desgosto. – Não gostei nadinha do que me falaram ao chegar.

– Que é isso, Johnny – respondeu Justiceiro, apaziguador. – Há males que vêm para o bem.

– Claro. É um tremendo bem a bomba atômica que vocês acabam de enfiar no meu rabo!

– Calma, Johnny, o que ele tem a dizer faz sentido – desta vez foi Hitman a falar. O rapaz alto e magro de cabelos arrepiados mantinha as mãos nos bolsos do sobretudo verde.

– Tire essa porra de óculos escuros! – o líder apontava um dedo ameaçador a Hitman. – Já é noite, estamos dentro de casa. Você não precisa disso.

– É que esse *cosplayer* incompetente precisa se esforçar bastante pra parecer com o Hitman de verdade – disse o colega, estufando o peito e deixando à mostra a caveira estilizada da camiseta.

– Vamos parar com essa merda! – esbravejou Johnny, dando um tapa forte na cabeça de Justiceiro. – Vocês estão sempre perdendo o foco da nossa missão! Só falam em videogame, gibi e filme! Não largam essas bugigangas eletrônicas! Porra! Não conseguem se concentrar em algo sério por mais de cinco minutos? Geração maldita, essa de vocês!

O velho ficou vermelho de raiva e bufava como uma fera, os olhos injetados a fuzilar os dois jovens de pé na sua frente. Todos baixaram a cabeça e permaneceram em silêncio. Annie apenas balançava a cabeça em reprovação aos colegas. Não era agradável ver um homem de dois metros de altura e cento e cinquenta quilos bravo daquele jeito. O silêncio incômodo foi quebrado por um gemido de Tex.

– Ele precisa mesmo ser acorrentado na cama? – o mais velho voltou a falar, acalmando-se.

– Com certeza – respondeu o dono da teoria. – Nós o sedamos, mas é bem provável que, quando acordar, se transforme imediatamente em lobisomem.

– E os ferimentos?

– Totalmente curados. Vansing deixou extenso material a respeito desse fator de cura acelerado das criaturas.

– Mas não constava nos documentos que um ferimento causado por lobisomem transformaria um humano normal na fera – Johnny continuava desconfiado.

– Sim, mas vale lembrar que os caçadores pioneiros nunca tentaram fazer essa experiência, por nunca terem uma vítima de ataque de lobisomem viva em mãos. É como a transmissão da raiva: mordeu, pegou. Algumas pesquisas que eu mesmo fiz me encorajam a acreditar que isso acontecerá – intimamente, Justiceiro lembrou-se de todos os filmes de lobisomem que já assistiu, e pensava que o cinema não podia estar errado quanto a isso.

– Eu li tudo o que o Vansing escreveu sobre o vírus da raiva nesses bichos, e não constava nada disso. Mas tudo bem, vou pagar pra ver. Enquanto aguardamos mais informações do Albert, vocês três se revezam nos cuidados e na vigilância do doente. Vou ver o que faço com os corpos do Stantz e do negro lá no furgão.

– Acho que posso dar algumas ideias em relação a formas de não identificarem os cadáveres, caso os encontrem – ofereceu-se Hitman, meio receoso. – Não fique bravo, Johnny... É algo que vi em um filme. Já assistiu Cova Rasa?

– Jesus Cristo, lá vem mais merda! Vamos ver o que você tem para nós, senhor Bill Venkman.

Annie iniciou seu turno de vigilância de Harold Spengler, nome real do companheiro de ações atacado. Ele estava febril e delirante. A garota, sem nunca desgrudar do fuzil *Kalashnikov*, olhava fixamente para o rapaz, sentada em uma cadeira perto da porta. Imaginava que tipo de criatura ele viraria, lembrando-se de alguns comentários de Hitman e Justiceiro a respeito de uma série de filmes de lobisomem chamada *Grito de Horror*. Falaram sobre licantropos com orelhas compridas, como se fossem coelhos monstruosos; outros, com a aparência do *Chewbacca* de *Star Wars*; chegaram até a citar lobisomens marsupiais, com bolsinha abdominal e tudo.

Arrepiada, ela torcia para Tex não acordar no seu turno. Ele era o único do grupo que não debochava dela. Os outros sempre insinuavam que era lésbica e a chamavam de Alice, em referência à personagem do desenho animado do Popeye, por causa da sua compleição física avantajada e musculosa. Uma vez Guile riu dela, dizendo que tinha mais ombro que quadril, mais bíceps que glúteos. Eles partiram para as vias de fato, e o jovem ganhou um olho roxo e um dente quebrado. Nunca se deve agredir a vaidade de uma mulher, mesmo que ela vista roupas militares e cace lobisomens para viver.

Ela só estava nessa pelo dinheiro oferecido por Johnny. Estava desempregada há mais de um ano e esse emprego como mercenária veio bem a calhar. Não aguentava mais a mãe alcoólatra que vivia num fundo de poço depois da morte do pai, militar morto pelo câncer, e também pela crise imobiliária dos Estados Unidos, que tirou o teto das duas e lançou-as em um inferno de mendicância de moradia entre parentes e conhecidos. A única satisfação pessoal era imaginar que o pai aprovaria suas ações, disciplinadas, dedicadas e precisas, coisas que todo bom militar apreciava.

Do lado de fora, nos fundos do terreno onde começava uma mata densa, os três outros integrantes do bando trabalhavam freneticamente. Havia manobrado o furgão até ali e tirado os corpos dos sacos, colocando-os sobre o chão. O velho

usou todo o seu autocontrole para não vomitar e sair correndo, tamanho era o estrago apresentado no corpo de Guile. Johnny segurava a lanterna enquanto Ernie Zeddemore, o Justiceiro, decepava as mãos dos cadáveres com um machado, e Venkman aguardava sua vez com um martelo. Quando foi chamado à ação por gritos do líder, suas mãos tremiam, um suor gelado escorria incomodamente pelo seu rosto e Hitman finalmente chegou à conclusão de que as coisas são mais fáceis nos filmes.

Segurando o choro e tentando disfarçar seu desespero, destroçou as arcadas dentárias com golpes hesitantes de martelo, entre um jorro de vômito e outro. A parte mais difícil foi desfigurar o colega que, naquela mesma manhã, discutiu com ele sobre as vantagens de se escolher o *Zangief* e como chegar ao final de *Street Fighter 2* jogando com esse personagem. Terminada sua tarefa macabra, correu para a casa e passou a ser assombrado pela cena por muitos dias depois disso. Ele nunca mais foi o mesmo.

Johnny e Ernie cavaram covas rasas para acomodar os restos mortais. Justiceiro, em sua mente perturbada e insensível, achou graça da ironia em relação ao nome do filme que deu origem às ideias do colega desesperado. As mãos foram jogadas aos cães de guarda famintos, no canil da propriedade. Para o mais velho, a experiência foi algo que prometeu nunca mais fazer em meio a contrações nervosas involuntárias no rosto e uma taquicardia desagradável. Para Justiceiro, era mais um capítulo no seu diário de guerra. Voltou para a casa e fez um lanche, impassível.

Harold Spengler, o Tex, sonhava. Um sonho febril, vívido, aflitivo. Estava em meio a uma floresta virgem, milenar, com árvores imensas e um clima quente, úmido, opressor. Corria sobre a relva, mesmo sem o querer, fazendo um grande esforço para lembrar-se quem era, o que fazia ali. Estranhava o ponto de vista incomum, enxergando tudo bem próximo do chão, com faro apurado a captar o ambiente, todo o corpo arrepiado. De repente, surgiu a presa.

Um animal grande, talvez um veado ou até mesmo alce. Nada de pensamentos coerentes, somente instintos, músculos e uma corrida desenfreada. O alvo de seu ataque tentou desorientá-lo com saltos de lado e mudanças bruscas de direção, mas ele era um predador nato e nunca se cansava. Foi apenas uma questão de tempo alcançar a vítima. Salto, garras sobre couro e carne, dois corpos pesados a rolar sobre a vegetação.

Ele despertou ainda com o cheiro da floresta em suas narinas. Uma compressa gelada era posta sobre sua testa, trazendo pequeno alívio ao fogo da febre que o consumia. Algo metálico feria seus pulsos e tornozelos. Tentou falar

algo, mas a língua parecia enrolada dentro da boca, um gosto ruim agredia seu paladar. A perna ferida latejava e doía terrivelmente, os lençóis raspavam sua pele sensível. Com muito esforço levantou as pálpebras, de início vislumbrando apenas pontos luminosos irreais, depois conseguindo ajustar parte do foco. Isso foi o suficiente para conseguir diferenciar uma silhueta debruçada sobre a cama à qual estava preso. Guile? Não, Guile estava morto. Deus do céu, morto de verdade! Atacado por uma fera demoníaca, mortífera. O mesmo ser que se agarrou à sua perna e tentou arrancá-la. O lobisomem que o confinou naquela prisão de lençóis e correntes.

Sua atenção se voltou novamente para a pessoa em sua companhia. Outra compressa. Um brilho prateado insinuou-se dentro de um... Coldre? Sim, era isso. Uma pistola *Desert Eagle*, com certeza. Hitman. Com outro esforço, virou a cabeça levemente para o lado, sentindo mais dores. Era realmente o colega de corpo magro. Somente ele usaria aqueles óculos escuros.

As pálpebras pesaram e ele piscou. Quando abriu os olhos, via tudo diferente, mais nítido, a visão periférica ampliada. Sua companhia havia mudado. Era Annie, com roupas de enfermeira, tomando seu pulso. Repentinamente, sentiu suas pupilas dilatarem em um olhar inumano, e presas imensas despontaram da sua boca, em um escancarar ameaçador. Sem se dar conta, avançou sobre o pescoço da garota, dilacerando-o facilmente. Ele não queria fazer aquilo, mas o sangue quente na sua bocarra afogava o grito de desespero preso na garganta. O coração acelerou, os músculos retesaram-se anormalmente, uma dor imensa invadiu seus órgãos internos. Sentiu-se expandir. Foi assaltado pela agonia, presenteado com o alívio. Insensibilidade e escuridão.

Tex faleceu três dias depois do ataque que o jogou naquela cama do quarto blindado à prova de lobisomens. Seus últimos instantes foram tomados de delírio e inquietude. O arquivo de Vansing recebeu nova informação: vítimas feridas por um lobisomem não se transformam em tal fera, apenas morrem de infecção generalizada. Johnny esbofeteou o infeliz que apareceu com a ideia idiota de não levar o garoto ao hospital e lhe deu um ultimato, prometendo espanca-lo até a morte, caso cometesse outro erro.

Se os humanos tivessem o conhecimento milenar dos homens-lobo, saberiam que a capacidade de metamorfosear é um dom, não uma doença transmissível. Mas os caçadores inexperientes não sabiam disso até descobrirem da pior maneira possível, em uma manhã chuvosa que abalou a confiança do grupo em sua missão.

(III) PELOS ERIÇADOS

Carnaval na Estrada

Postado em 16 de fevereiro de 2010 por dr-glendon

E aqui estamos nós de novo, para mais um capítulo da emocionante caçada a El Lobo!

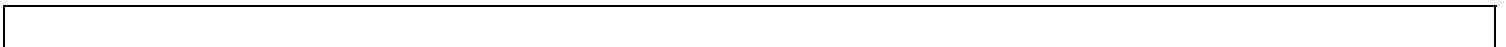
Tive de trabalhar em pleno Carnaval (época do ano que para mim é mais sagrada que o Natal e o *Dia de Los Muertos*). Não porque eu esteja tão dedicado à busca pelo lobisomem a ponto de largar folia, mulheres e bebida, nada disso. O problema foi a implicância de um informante que tem interesses em relação a El Lobo. Mas isso não importa agora.

Ainda estou seguindo a dica da bruxa, e vi logo que teria problemas ao seguir essa indicação: existem duas regiões na Guatemala com o nome que ela falou, Alta Verapaz e Baixa Verapaz. Cheguei ao destino mais próximo, Alta Verapaz, e comecei a investigar sobre os cemitérios de sua capital, Cobán. Tudo o que consegui foi um monte de cavadores de covas rindo da minha cara, além dos já habituais guardas carrancudos com ameaças. Quem não achava que eu era necrófilo, desconfiava que eu era ladrão de sepulturas.

Em uma dessas investigações, uma dupla de coveiros, com ar divertido, fez a indicação de um caso de licantropia na área rural próxima. Informaram que eu poderia, inclusive, falar com o tal do lobisomem, passando endereço e tudo.

Voltei para o hotel e analisei no mapa onde ficava essa localização. Era apenas um pequeno desvio do caminho para Baixa Verapaz, onde eu precisaria ir em seguida, então decidi pagar para ver se a dica era quente ou não. Cheguei ao tal do vilarejo de agricultores e não foi difícil encontrar o *señor* Pepito, o suposto lobisomem, porque ele parece ser uma espécie de celebridade local. As pessoas, sempre risonhas, inclusive afirmando que ele era mesmo uma criatura da noite, indicaram sua morada, um casebre miserável caindo aos pedaços, um pouco longe do resto das habitações e plantações.

Ao, finalmente, encontrá-lo, me arrependi do esforço para ir até lá. Tratava-se de um homem sujo e desdentado, muito enrugado, que morava sozinho. Sua idade eu não sei precisar, mas o aspecto dá a entender algo entre sessenta e cento e vinte anos (brincadeira, mas ele estava bem estragado mesmo). Era maneta e cheirava a suor, cigarro de palha e álcool, e era pirado. Sim, só pela cara do sujeito dava para ver que ele não batia bem, e a conversa com ele só serviu para confirmar isso. Mas, para não perder a viagem, acabei gravando nosso papo rápido, e o resultado é o arquivo de áudio que você pode acessar pelo link abaixo:



Conteúdo do arquivo caipira_louco.mp3

- O senhor poderia repetir o que acabou de falar, por gentileza?
- Fiz coisa co'a mulinha.
- Um pouco antes, senhor Pepito.
- Antes de fazê as coisa, eu dô um bocadinho de açúcar, pra agradá a bichinha...
- Não, não. O lance de ter virado lobisomem.
- Intão, eu já falei pro sinhozinho, foi praga do seu Jaime. Quando eu era moleque, ele me pegou cubrindo a mulinha dele lá nos fundo do sítio e virou o diabo!
- Prossiga, por favor.
- Ai, ai. As voiz da noite falaro pr'eu num contá pras pessoa disso, sinão o bicho vortava.
- Continue, por gentileza. Garanto que o bicho não volta.
- Intão... ispero que num vorte memo... num vô guentá passá por isso tudinovo... o véio Jaime ficô possesso da vida e tentô mi acertá com o bacamarte dele, mais errô. Memo assim, antes di eu cunsigui corrê pra mata, ele mi jogô uma praga.
- Que praga foi essa?
- Praga de lubisômi... cruiz-credo! Só eu sei o qui passei...
- Então o senhor começou a se transformar em lobisomem depois disso?
- Só nas quaresma. Virava bicho cumedô de cocô de galinha e de criança sem batizá. Rolava nas bosta de cavalo e vaca, e acordava sempre fidido e cum gosto ruim na boca. Dispois di muito tempo, quando tomei uns remédio e as voiz da noite vinhero mi ajudá, cunsigui mi livrá da maldição.
- O senhor pode explicar como foi isso?
- As voiz cumeçaro quando...
- Não, Pepito, o fim da maldição!
- Ah, intão é isso. Foi fáci, memo seno dolorido. As voiz falaro qui'eu pircisava rancá fora a mão isquerda. No dia da festa do Paabanc, andei um tantão até chegá na linha do trem. Levei umas bibida pra tomá corage e botei o braço isquerdo no trilho, quando o trem tava vino, virano numa curva. No começo pareceu um coice de mula no braço, e só dispois qui vi o istrago. Dava inté pra vê os ossinho do braço e as veia qui ispirrava o sangue. Dispois disso eu apaguei. Os home qui mi socorrero falaro qui'eu quasi qui morri. Ninguém quis percurá minha mão que sartô pro mato, nem eu vortei lá. Agora fica mais difíci pra carpi as prantação, mais valeu a pena. Não viro mais bicho, não sinhô.

- *Tudo bem, muito obrigado, senhor Pepito.*
- *O sinhô moço já tá ino? Num qué tumá um cafezinho e conhecê a mulinha Genoveva?*
- *Pode ter certeza que não! Adeus!*

Bem, pessoal, é isso. Eu tive de cortar um monte de coisas sem sentido que o maluco falou no meio dessa entrevista, porque era pura doideira caipira. Também tirei as milhares de vezes que ele me ofereceu café e tentou me apresentar a sua mulinha (não, não é a mula do seu Jaime, essa já morreu, pelo que ele me contou). Deixei só esse diálogo final, para fazer uma graça.

Mais uma vez, muito se falou de lobisomem e nada se viu. Conversando na vila, os moradores afirmam que ele existiu, por conta dos uivos durante as noites da quaresma e pela movimentação na mata ao redor. Ninguém morreu no processo, segundo eles por sempre prenderem bem os bichos e se trancarem em suas casas. Estou começando a pensar se acredito mesmo nessa história de lobisomens, desconfio que seja só fruto da credence desse povinho supersticioso e ignorante. Mas, já que estou com o pé na estrada, vamos até o final. El Lobo, me aguarde!

Tags: Guatemala, caipira, louco, será?, zoofilia

SEXO E PENSAMENTOS

Morales urrava sobre a cama. Ajoelhado de pernas abertas, segurava firmemente as coxas da mulher deitada de costas, mantendo-as separadas pelo seu tronco suado. Seu quadril seguia em um movimento cada vez mais frenético, cada vez mais faminto. As ancas dela faziam movimentos circulares que o enlouqueciam, os gritos agudos eram música para os ouvidos do macho que dominava aquele ato.

A mulher se apoiou em um dos cotovelos e com a outra mão segurou com firmeza a nuca dele, facilitando assim a aproximação dos seus rostos. A língua quente e úmida correu sedenta em direção aos lábios semiabertos do homem.

– Beijo não, porra! – incomodado, o cliente se desvencilhou do seu abraço e tirou a cabeça da profissional de perto de si, aumentando a força das investidas ao corpo escultural e rígido. Buscava o clímax que coroaria o melhor momento íntimo que já tivera com uma mulher.

– Vem, garanhão, eu sei o que você quer!

– Você é boa nisso!

– Vem! Isso!

– Gostosa!

– Tá curtindo?

Apenas um resfolegar acelerado como resposta.

"Tá gostoso?"

– Tá!

"Tá gostando, seu safado?"

– Você é que é uma...

"Fala!"

– ... uma...

"FALA!"

"Uma puta safada!"

O orgasmo veio acompanhado de um soco bem colocado no queixo barbudo. Inconsciente, ele pouco pôde aproveitar daquele ápice de prazer.

É estranho acordar depois de sofrer um nocaute tão repentino, a pessoa esquece que sofreu um golpe. Morales, com a visão ainda turva, se perguntava onde estava a prostituta, aquele corpo ardente sobre o qual se refestelava. Retomando os sentidos aos poucos, sentiu o piso frio nas costas e percebeu que estava deitado no chão, sem roupa. Levantou a cabeça, ainda sem entender o que acontecia ali, e deu de cara com a fera próxima aos seus pés.

“Já acordou, seu omegazinho de merda?”

Em uma ação de puro reflexo, apoiou mãos e pés no chão, iniciando um recuo desesperado. Bateu a nuca e as costas na parede que separava o quarto do banheiro. Não havia escapatória.

“O próximo movimento brusco que você fizer será a sua sentença de morte.”

Com os olhos arregalados, temeroso até de respirar, permaneceu sentado de mau jeito, a cabeça dolorida, a observar a aproximação da mulher-lobo sobre quatro patas. Ela abriu a bocarra a centímetros do seu rosto e Morales sentiu a baba espessa e quente escorrer pela sua barriga e seu órgão sexual. A enorme língua inumana dançou pelo rosto tenso e suado, insinuando-se entre lábios cerrados. A sensação da presa era uma mistura de horror e nojo.

“Não quer beijo, machão? Vou lhe mostrar agora quem está no comando.”

O amálgama de mão humana e pata lupina deslizou até o pênis flácido do homem paralisado por puro pavor. O toque daquela palma negra, almofadada e áspera, associado ao leve arranhar das garras parcialmente recolhidas, mostrou-se um tormento somente suplantado pelo suplício de ter o órgão fortemente agarrado pela fêmea inumana. Vagarosamente, para estender ao máximo o tempo de tortura, as presas se fecharam levemente sobre seus testículos, que pareceram encolher ante tal ameaça.

“Seria tão prazeroso devorar suas bolas enquanto você assiste...”

– Por favor... – ele já chorava, o rosto de lado e os olhos fortemente fechados.

“Linguagem de lobo, seu ômega sujo!”

“Por tudo que é mais sagrado, não faça isso...”

“Você é agente da Alcateia Global.” – os dentes afiados aumentaram discretamente a pressão sobre os testículos do interrogado, arrancando dele um soluço desesperado.

“Não é nada pessoal contra você, apenas estamos atrás de uma criança sequestrada!”

“Não lido com sequestro. Meu negócio é outro, como você bem notou.” – garras penetravam a pele das coxas, demonstrando a impaciência de Maria Chavez.

“Ela foi levada pela sua irmã Monica. É cria adotiva da filha do chefão, que fará qualquer coisa para recuperá-la. Por favor, não me machuque. Queremos apenas levar a criança para casa.”

Agarrado pelo tornozelo, o agente foi arremessado contra a parede oposta do quarto, após um ágil levantar sobre as patas traseiras e um girar do tronco lupino. Desorientado, o homem despencou sobre uma mesinha lateral junto com um quadro arrancado da parede.

“Vista-se e suma daqui!” – a mulher-lobo fixara os olhos sobre o trapo humano sob seu jugo. – “Apenas vou deixá-lo vivo para que possa levar um recado à sua organização: do meu território cuido eu! Se essa ômega inútil estiver por aqui, eu irei achá-la. Saiam do meu país, senão eu mato a criança e qualquer um dos seus que eu encontrar!”

– Tudo bem – já vestido, o agente recuava na direção da porta de saída, sem tirar os olhos da fera à sua frente.

“Espero que você seja mais competente em levar um recado do que em conduzir uma investigação de campo. Suma da minha frente!”

Ainda com o coração aos saltos, Morales deixou o quarto e seguiu rapidamente pelo corredor, arrasado. Falhou miseravelmente em sua missão de reconhecimento por um simples deslize de não ver problema em misturar trabalho e diversão. Se já estava em um prostíbulo, por que não aproveitar os seus serviços entre um levantamento de informações e outro? Nunca desconfiou que viesse a cair na armadilha da própria Maria Chavez, que estava acompanhando seus movimentos havia algum tempo. Agora, restava apenas levar a mensagem aos seus superiores e aceitar a punição que lhe coubesse.

A ARENA

Danceteria Blue Moon. Conseguir uma indicação do submundo do crime para ter acesso à área VIP deu certo trabalho. Muitas atividades ilícitas no decorrer da sua vida fizeram-no ganhar pontos entre os malfeitores do Panamá. O pagamento de seiscentos e sessenta e seis dólares na entrada da casa noturna foi a deixa para uma pergunta-chave por parte do funcionário, respondida pelo visitante com uma frase secreta fornecida somente aos clientes realmente muito especiais. A apresentação de um comprovante de transferência bancária de mais trinta mil dólares, seguido de uma conferência rápida no *internet banking* através do computador do balcão de entrada, selou mais uma fase desse reconhecimento minucioso.

Após receber um cartão de identificação com cor diferenciada, o cliente preferencial ansioso foi conduzido pelo segurança até uma porta de isolamento sonoro que, ao ser aberta, despejou sobre ele todos os decibéis de música eletrônica contidos no interior de uma das mais badaladas boates do país. Milhares de pessoas se agitavam no imenso ambiente, composto por uma pista de dança que ocupava praticamente todo o piso térreo, coroado por um extenso mezanino com centenas de mesas com iluminação discreta. Seguindo por uma escadaria até o primeiro andar, outro ambiente se apresentava, menor e dominado pelo *pop rock*, com mais dois bares e mesas reservadas. Ali predominavam os casais.

O cliente VIP lembrava-se muito bem das instruções passadas anteriormente por um mensageiro: procurar a garçonete oriental, confirmar a reserva e pedir uma dose do *Lobo Selvagem*, o *drink* mais caro da casa que não constava no cardápio. Após quinze minutos de espera, bastava perguntar onde era o banheiro e entrar na porta indicada. Nesse banheiro vazio, deveria procurar a porta reservada a deficientes, entrar e aguardar instruções. Ele não poderia negar que estava ansioso, sentia-se em um filme de espionagem. Depois de aguardar aproximadamente sete minutos, a parede atrás do vaso sanitário se deslocou e um homem de terno preto e cara de poucos amigos chamou-o pela abertura.

Foi conduzido por um corredor mal iluminado até uma espécie de vestiário, onde teve de tirar toda a roupa e guardá-la com seus outros pertences em um armário de aço. Passou por uma máquina de raios-x e teve de parar em um quarto totalmente escuro, onde foi farejado dos pés à cabeça por um animal de proporções maiores que as de um simples cão de guarda. Recebeu um roupão e um par de chinelos, sendo em seguida conduzido a um elevador todo espelhado. Ali, o segurança o deixou só após apertar o andar desejado – sexto subsolo. O cliente

olhou-se no espelho, achando-se ridículo com aquelas vestimentas, envergonhado pelo que lhe foi imposto. Era bom que o espetáculo valesse tudo aquilo.

A porta do elevador se abriu, expondo um ambiente mais rústico. Uma passarela de concreto áspero conduzia à área reservada ao público, uma grande arquibancada redonda que cercava toda a arena. Poderosos holofotes iluminavam o grande círculo manchado de sangue, cercado por muros de cinco metros de altura, encimados por farta quantidade de arame farpado e cercas eletrificadas. Ao redor, era possível ver a rocha escavada para dar lugar àquela espécie de domo da morte. O visitante se sentou em uma das centenas de cadeiras disponíveis, distante dos quase duzentos homens de roupão que aguardavam o início do espetáculo com ar pouco à vontade.

Um atendente veio pegar seu pedido – as bebidas e petiscos eram infinitamente mais caros ali embaixo – e afirmou não ser necessário cartão de consumo, pois suas digitais já haviam sido coletadas no cartão que deixou no armário do vestiário. Uma demonstração de eficiência no atendimento e também uma forma de intimidação, afinal eles tinham recursos para identificá-lo – o que encorajava os frequentadores a manterem total discrição sobre o que seria visto ali.

Quase uma hora se passou até que as luzes da arquibancada se apagaram e os telões (postados na direção dos quatro principais pontos cardeais) foram ligados. No centro da arena surgiu um homem alto, moreno, de aspecto ameaçador. Cheio de adereços de ouro – relógio, pulseiras e correntes – e trajando roupa esporte que destacava muito bem seu físico avantajado, empunhou um microfone sem fio que fez sua voz grave ecoar pelas caixas de som espalhadas pelo recinto subterrâneo. Cesar Chavez sempre apresentava o início das atividades de sua arena sangrenta. Após um rápido “boa noite” e um resumo do que veriam ali, o espetáculo incomum teve início.

De uma abertura lateral à esquerda, o homem viu surgir uma cabra, totalmente desorientada em meio à arena. Quando o animal se posicionou próximo ao centro, outra abertura, dessa vez no lado oposto, cuspiu dois outros animais, que demandaram mais tempo para serem reconhecidos. Da altura de uma pessoa mediana, os animais de pelo sujo pareciam estar famintos. Apoiando-se sobre as patas traseiras, os dois empreenderam uma corrida frenética na direção da presa servida para saciar sua fome feroz. Seres lupinos descontrolados saltaram sobre o caprino amedrontado, cuja corrida não foi suficiente para se livrar daquela fúria assassina. Os lobisomens devoraram-no em menos de um minuto.

Incomodado, porém sem tirar os olhos da cena sangrenta, o visitante olhou ao redor e viu reações que iam do mal-estar à excitação desmedida, vinda dos seus

colegas de arquibancada. Entre eles, conseguiu reconhecer duas dezenas de pessoas, entre chefes do crime organizado e empresários bem sucedidos do país. Após o repasto selvagem, um homem surgiu na arena, usando capacete e cota de malha. Trazia na boca um cilindro metálico similar a um apito e nas mãos uma lança longa com uma espécie de arma de choque na ponta. Ao que parecia, ele ativara o apito, que serviu de comando para que os lobisomens se retirassem pelo mesmo lugar que entraram. Assim que a abertura dos lobos foi fechada após seu retorno, dois outros homens retiraram os ossos do animal abatido.

Na sequência, diversos outros animais enfrentaram as bestas lupinas, como cães da raça *pitbull*, um touro e até mesmo um urso. Todos tiveram o mesmo destino da presa que abriu o festival de carnificina. Isso era apenas um aquecimento, pois aquelas criaturas mostraram-se predadores impiedosos. O ponto principal era realmente o confronto entre os lobisomens. Uma hora após o início das atividades, as lutas começaram.

Cada licantropo era solto na arena por uma extremidade e rapidamente os dois oponentes se digladiavam numa demonstração explícita de selvageria através de presas e garras afiadas. Ao perdedor restava o simples fato de permanecer vivo, sendo privado de comida no cativeiro por até uma semana. O vencedor, mesmo sendo igualmente cativo, tem o efêmero oferecimento de comida e água entre grades solitárias. O público delirava com o banho de sangue oferecido. Poucos foram os que se retiraram antes do término das atividades.

Na última luta da noite, um lobisomem muito maior que os que haviam se apresentado até então adentrou o círculo da morte, imponente, ameaçador, soberano. Enfrentou outros dois oponentes lupinos que, apesar de tentarem oferecer resistência, sucumbiram em menos de cinco minutos.

Ao contrário do que aconteceu até então, os homens-lobo foram executados sem piedade. Os espectadores não sabiam, mas aquela era uma situação rara, uma lição de Cesar Chavez aos seus escravos que tentavam se rebelar contra seu jugo cruel. Já mortos, os dois lobisomens retornaram à forma humana, revelando rapazes com não mais de vinte anos de idade, repletos de cicatrizes. O lobo dominante, com a pelagem castanha salpicada de sangue, arrancou a cabeça de seus inimigos derrotados e entregou-as aos guardas com malhas de aço. Os troféus macabros seriam exibidos por muito tempo na ala dos cativos, para servir de exemplo.

Enquanto outros homens levavam os restos mortais para fora da visão do público, Cesar voltou à forma humana, não demonstrando qualquer embaraço em exibir sua nudez em meio aos clientes privilegiados. Solicitou o microfone.

– E agora, senhores, um encerramento em grande estilo, que pouquíssimos tiveram a sorte de presenciar – dizia ele, orgulhoso, girando sobre os próprios calcanhares para poder encarar todo o público. – Como todos sabem, temos um pacto de confidencialidade a respeito deste espetáculo. Vez ou outra, algum imbecil pensa que pode mostrar ao mundo o que é destinado a poucos escolhidos, e decide levar para fora desta arena informações do que aqui acontece. Quando isso ocorre, temos de agir rápido e de maneira exemplar.

Dois homens foram conduzidos ao centro da arena, debatendo-se em meio aos quatro guardas que os levavam à força.

– Este lixo humano que vocês veem é composto por dois filhos da puta que tentaram revelar o que acontece aqui. Isso gera para mim um gasto extra, para calar algumas bocas com dinheiro e outras com a morte. A raiz desse mal deve ser extirpada sem misericórdia, pois isso é inconcebível. Sem mais, apreciem o fechamento do *show* e lembrem-se disso quando a tentação de falar mais do que devem se manifestar no futuro.

Os guardas bateram em retirada e deixaram os dois homens à mercê da fera que já retomava a forma lupina. Durante alguns segundos terríveis, os únicos sons audíveis em todo o local eram os suspiros da plateia, os urros da fera e os corpos dos infelizes na arena a se partir sob golpes precisos e poderosíssimos. Pedacos humanos foram lançados às arquibancadas por um Cesar insano: membros, órgãos, cabeças e outras partes sangrentas e inidentificáveis. O público, apavorado, fugiu com a certeza de nunca revelar o que presenciou ali. Todos, menos um.

– Eu quero aumentar o preço pelas minhas informações – dizia o homem, seis horas depois da sua visita à arena dos lobisomens.

– Ei, chapinha, você tá brincando com fogo. Além da grana que a gente ofereceu ser ótima, você ainda deve um favor pra organização – falou um estrangeiro no quarto de hotel da Colômbia. – Desembucha!

– Pelo menos me arrumem uma conexão segura para a Europa. Estou me cagando de medo, cara! Você não faz ideia do que fizeram com os caras que tentaram entregar o jogo!

– Quanto a isso, pode ficar tranquilo. A gente embarca daqui a pouco para Amsterdã. Tem um lugar sobrando, e pode ser seu – um tapinha no ombro do bandido desejoso por uma mudança de vida ajudou a aliviá-lo parcialmente de seus temores. – Você pode, inclusive, passar o relatório completo no caminho.

– Fechado!

CARRAPATOS GORDOS

Na madrugada de uma terça-feira quente, três carros de luxo blindados quebravam o silêncio no bairro decadente da periferia de San Salvador. Uma *van* e outro blindado já aguardavam no estacionamento fechado do grande galpão que o trio de automóveis acabara de adentrar. Um homem recepcionou os recém-chegados.

– Tudo OK por aqui? – falou o passageiro do primeiro carro.

– Tranquilo e limpo – respondeu o vigia. – As mulheres já chegaram, foram revistadas e aguardam o pessoal lá em cima, com mais três dos nossos.

– Elas estão OK mesmo? E na *van*, alguma coisa?

– Nada. E garanto que a revista geral que fizemos foi bem detalhada – um sorriso malicioso marcou o rosto do homem.

– Perfeito. Vamos fazer a transferência, então.

Os quatro ocupantes do primeiro carro, armados, desceram do veículo e trancaram o portão do imóvel. O lugar ficava em um bairro feio, mas acima de qualquer suspeita, pois ninguém conseguiria se esgueirar pelas ruelas decadentes dali sem chamar a atenção dos vigias, já devidamente posicionados em pontos estratégicos da construção.

Dos outros carros saíram os homens que eram o motivo de toda aquela movimentação: Arnoldo e Silvestre, dois chefões do contrabando em El Salvador, rivais dos Chavez no país. Após terem acesso a informações privilegiadas que lhes entregaram de bandeja, conseguiram infligir duros golpes nas operações de contrabando de Bruno no último mês. Incriminaram o rival em algumas colaborações para a polícia e passaram à frente de diversas negociações com a China e o leste europeu. O último mês havia sido muito rentável para a dupla, outrora adversários, agora unidos contra um inimigo comum. Em comemoração a isso, decidiram fazer uma festa particular com oito prostitutas e toda a droga e álcool que pudessem consumir.

Ao todo foram destacados quinze dos seus melhores homens para cuidarem da segurança do evento privado. Em poucos minutos, tudo estava sob controle. Os chefões confortavelmente instalados no primeiro andar da construção, onde os escritórios foram transformados em um local de muita luxúria, com camas, mulheres nuas, mentes entorpecidas, cumbia e salsa em alto volume. Uma mesa lateral oferecia ampla gama de bebidas e drogas, além de *tortillas* e *tamales* para

saciar a fome. Os homens armados fizeram uma formação impenetrável para quem tentasse invadir o local.

– Ei, Silvestre, passe uma garota das suas pro lado de cá. Eu fiquei com uma bonita e três feias, porra! – brincou Arnaldo, tomando um comprimido de Viagra, sentado em uma das camas.

– Aí serei eu o prejudicado. Só tem duas bonitas pra mim, aquelas que foram até o banheiro dar uma cheirada. Olha que bichas feias são estas aqui – respondeu o outro chefe, dando um tapa na cara de uma das mulheres sentada ao seu lado na cama e puxando pelos cabelos a segunda, que fazia sexo oral nele.

– Esta remessa veio defeituosa! Você pediu para aquele cafetão amigo seu?

– Ele mesmo! Vou encher a cara dele de porrada! – Silvestre puxou novamente os cabelos da mulher. – Mas antes vou me divertir espancando essas putas aqui!

A mão grande do criminoso tomou impulso para atingir em cheio o rosto da mulher de olhos fechados, que antecipava o golpe. Essa mão, porém, nunca atingiu o seu alvo, nem continuou a fazer parte do corpo de Silvestre. A mulher-lobo surgiu do banheiro como um raio, fechando suas terríveis mandíbulas sobre o braço do agressor da colega. Antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, seu peito foi mortalmente ferido pelas garras da mesma criatura. Arnaldo tentou gritar pelos seguranças, mas, imediatamente, recebeu das suas acompanhantes golpes no pescoço e no rosto, desorientando-o tempo suficiente para a outra lupina surgir e arrancar sua cabeça.

Toda a ação seria imperceptível, caso eles estivessem totalmente envolvidos nos atos libidinosos aos quais se propuseram. As mulheres infiltradas, porém, não eram realmente prostitutas de luxo, e isso levantou as suspeitas que fizeram a ação se desenrolar de forma prematura. Os dois vigias postados na porta do escritório entraram no cômodo de armas em punho no momento exato da decapitação do chefe. Antes que as seis mulheres restantes pudessem concluir suas transformações, quatro delas foram mortas com tiros na cabeça e no peito, disparados pelas pistolas automáticas dos experientes atiradores.

Os tiros chamaram a atenção dos homens posicionados no térreo e nos postos de vigia. Rapidamente, ganharam as escadas e foram na direção do barulho. Os três primeiros do grupo de apoio foram instantaneamente executados no topo da escada por feras assassinas que já haviam acabado com a vida dos dois colegas de armas. O resto do bando freou sua corrida escadas acima, o que deu tempo para a ação de duas mulheres-lobo, permitindo-as executar saltos ágeis sobre os capangas

fortemente amados, uma investida de garras mortíferas que ceifou a vida de mais quatro deles. Elas, porém, não tiveram chance de repetir a estratégia.

Os bandidos da retaguarda, na posse de fuzis, lançaram uma saraivada de projéteis de grosso calibre sobre as atacantes. Em poucos instantes, os corpos nus de duas mulheres jaziam sem vida sobre os degraus, perfurados em diversos pontos. Sem pensar duas vezes, um dos sobreviventes lançou uma granada para o alto, buscando causar estragos no espaço além das escadas. Seis homens correram de volta para o térreo, em busca de proteção da explosão que se seguiria, e também para tentarem armar algum tipo de estratégia naquele momento de crise.

– Quero dois *snipers* vigiando a saída das plataformas laterais no primeiro andar! – ordenou o homem que havia recebido o grupo na entrada do galpão, minutos antes. – O resto se agrupa de costas para o portão trancado enquanto eu chamo reforço pelo rádio.

Como bons profissionais, os homens rapidamente assumiram seus novos postos. Um silêncio estranho imperava no interior do galpão vazio e somente a voz do homem pedindo ajuda era audível. Mal desligou o rádio, os portões do imóvel foram escancarados energicamente. Duas silhuetas imensas, de pelagem arrepiada, caíram sobre os mais próximos. Os atiradores posicionados no alto começaram a disparar insanamente contra os lobisomens invasores, obtendo resultado diverso do que desejavam: os sobreviventes da primeira investida das feras foram rasgados pelas balas do fogo amigo.

Um dos lupinos arrastava-se pelo chão, sangrando, enquanto o outro correu para o lado e saltou agilmente até as estruturas de metal que sustentavam uma das plataformas onde se posicionava o atirador mais próximo. Na outra ponta do galpão, o homem com o fuzil decidiu eliminar primeiro o lobisomem agonizante, pois percebeu ser mais seguro evitar atirar na direção do colega. A criatura lá embaixo começava a se levantar novamente, mas já estava na mira. Só não foi morto pelo atirador porque, surgindo de uma janela do alto, uma mulher-lobo saltou sobre o bandido, matando-o rapidamente. Ela escalou a parede externa após escapar pela janela do escritório, um segundo antes da explosão que matou sua última companheira de missão ainda viva.

Do outro lado da construção, o homem que fugia tropeçou e caiu da plataforma, aterrissando sobre encanamentos de metal que o mataram empalado. Após confirmar a morte deste último, o homem-lobo maior voltou-se aos dois companheiros ainda vivos.

“Precisamos sair já daqui. Os reforços deles logo chegarão. Peguem os corpos dos nossos e coloquem na *van*”.

Com força e agilidade, os lobos executaram rapidamente esta última incumbência, com exceção do indivíduo ferido, que aguardou na *van*, ainda sob a forma lupina. Depois, já na obesa forma humana e vestido, na direção do veículo que abria fuga na madrugada, o líder apurava os resultados da ação:

– Sofremos muitas baixas, isso não deveria ter acontecido.

– Apesar de termos muitas pessoas agindo na missão, eles se mostraram muito bem preparados para o revide – falou a mulher, com lágrimas nos olhos.

– Bem, o que está feito, está feito. Meu filho Bruno ainda está ferido, mas em breve estará plenamente recuperado. Eliminamos os elementos-chave que eu queria, e isso já é um grande ponto a favor. No resto nós damos um jeito.

“O que o senhor acha que está acontecendo?” – questionou Bruno, que viajava na parte de trás da *van*, ao lado dos corpos das companheiras de missão.

– Não sei dizer, mas estou farejando merda no ar. Os bandidinhos rivais nunca representaram perigo real para nós, mas ultimamente esses filhos da puta abusados estão começando a me irritar, como se fossem carrapatos gordos que não querem largar o couro.

“Estou ficando velho demais para essa merda!” – pensou o lobisomem que dominava quase metade da América Central com sua alcateia numerosa e o convívio comedido com os outros bandidos da região. Como lobo velho que sabe farejar traição de longe, não se sentia à vontade com o desenrolar dos fatos ao seu redor.

“Mas eu vou descobrir que porra que está acontecendo aqui, ou meu nome não é Julio Chavez!”

PENSAMENTOS DE UMA CRIANÇA EM FUGA

Minha perna dói muito. Eu queria parar, mas não lembro como falo com a mulher que me carrega. Falar com bicho é muito mais fácil que falar com gente. Eles explicam tudo certinho e o que eles falam é sempre verdade. Tem gente que não fala a verdade. A mulher que anda comigo não fala sempre a verdade. Quando eu tento falar na cabeça dela que não pode fazer isso, ela manda eu parar de falar de cabeça, que isso é perigoso e que coisas do mal vão pegar a gente se eu falar desse jeito, sem a boca. Eu fiquei tanto tempo sem falar com a boca que já esqueci como faz. Eu não queria, mas esqueci. Fico tão triste que quero até chorar, mas não consigo também. O cachorrinho da rua me falou que os lobos daqui são todos maus. Eu consegui achar alguns lobos no meio das casas altas, cor de nuvem de chuva, mas eles eram estranhos. Todos meio doidos, ninguém era que nem a loba que eu conheci na mata, perto de onde eu morava. Ela nunca mais apareceu. Eu queria tanto vê-la de novo... Nem lembro mais da cara dela. Tudo é tão triste que eu só saio da minha cabeça para procurar algum bicho pra conversar sem a boca. Ah, pra comer e beber também. É bom, faz a barriga parar de doer e a garganta parar de coçar. A mulher que me carrega é boazinha, ela me dá sanduíche e água. O nome dela é Monica, eu lembrei. Ela briga com as pessoas. Ela briga até com o amigo dela. Ele passeia com a gente. Ele pede uns negócios pra ela, eu não entendo direito o que eles falam. Eu queria parar e morar num lugar só. Vou esperar a Monica achar esse lugar pra gente. Estou cansada. Vou voltar pra minha cabeça e deixar ela achar o lugar certo pra gente parar. Ela sabe o que está fazendo. É boazinha, me dá comida e me leva com ela.

O Coveiro Banguela

Postado em 24 de Fevereiro de 2010 por dr-glendon

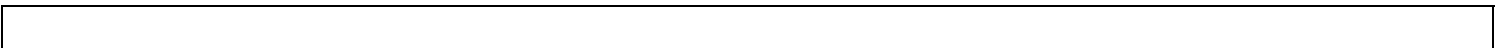
Pense num cara que andou como uma barata tonta por uma cidade desconhecida, procurando cemitérios, falando com coveiros e funcionários, sendo visto como um doido varrido. Esse sou eu.

Não pensei que a dica da bruxa dos lobos fosse me dar tanto trabalho! Se soubesse, teria seguido o roteiro definido no início da minha jornada atrás de El Lobo, batendo cabeça pela América Central por conta própria. Pelo menos, se eu fizesse alguma cagada, seria por conta própria. Mas tudo bem, no fim das contas acabei encontrando uma pista boa.

O tal do "guardador de mortos" que a velhota citou era um coroa desdentado, mirradinho, que trabalha de coveiro em um cemitério no meio do nada, em uma área rural da cidade. Aliás, gente velha e estranha é tudo o que consigo quando encontro alguém disposto a falar de lobisomem. Será que os filmes sobre o tema fizeram a galera mais nova desacreditar da existência do bicho? Será que a vida moderna está matando essas crendices? O que sei é o seguinte: quanto mais no cu do mundo ficar o lugar, mais o pessoal acredita em lobisomem.

E aqui não foi diferente. Se não fosse a ajuda de outro informante, nunca teria chegado ao lugar desejado, porque ele fica em um bairro afastado, um buraco que não consta em nenhum mapa. Depois de muito penar, cheguei ao meu entrevistado. O velho coveiro me recebeu com um sorrisinho faltando pelo menos metade dos dentes. Nem disfarçou o fato de me farejar o tempo todo e de me encarar com olhos assustadores, que pareciam nunca piscar. Lembrava um cachorro velho e louco, que a qualquer momento poderia avançar e morder insanamente.

Sinceramente? Eu tava com um puta medo do cara. Além de todas as descrições já passadas, ele tinha uma pele enrugada e vermelha, queimada de sol; um bafo dos infernos, podre mesmo; uma voz de gelar a espinha do mais macho dos caras, rouca, baixa, como se as cordas vocais estivessem em frangalhos. Quer conferir? Ouça o áudio da entrevista:



Conteúdo do arquivo coveiro_tenebroso.mp3

– Bem, em primeiro lugar, obrigado por ceder esta entrevista, senhor...?

– Meu nome não importa, filhote. Numa alcateia, você é alfa, beta ou ômega, e só. Até um lobo solitário como eu sabe disso. O dente cai, a vista fraqueja, a capacidade de caçar diminui. Mas um bicho é sempre um bicho. Mate antes de ser morto, esse é o segredo de viver bastante tempo.

– O senhor se compara a um lobo, então?

– Você é insolente. Só não lhe dou um corretivo porque é muito mais divertido ver você se cagando de medo de mim. Posso ouvir seu esfíncter se contrair com força. Sinto cada variação dos seus batimentos cardíacos, cada falta de ar ou suspiro contido. Suas pupilas se comportam como as de uma autêntica presa amedrontada, até o suor sai mais azedo. Não fosse o prazer de vê-lo encolhido nessa cadeira, morrendo de medo de um velho fodido, eu já o teria estraçalhado e jogado naquela cova aberta bem ali, que eu deixo sempre prontinha para alguma emergência.

– Desculpe interromper, mas podemos voltar a falar de El Lobo? Sei que já tocamos no assunto, mas somente agora o senhor me deixou gravar a conversa...

– E só deixei porque senti sinceridade quando afirmou não ser homem da polícia nem da igreja, duas raças nojentas que sempre atrapalharam minha vida. Consigo lê-lo claramente, como conseguem fazer os da minha espécie. Já fugi muito nessa vida, mas agora cansei disso. Arrumei um empreguinho que me permite sobreviver, ficar afastado dos humanos e saciar os instintos de vez em quando. Sabia que um homem-lobo tem uma necessidade fisiológica de se transformar? Quem tenta ir contra essa regra da natureza se dá muito mal. Fica doente, enlouquece. É melhor deixar o lobo dar uma passeadinha de vez em quando. Eu me contento em fazer um banquete de defunto de vez em quando. Sou um cara bem modesto.

– O senhor... Come cadáveres?

– Olha pro meu estado, rapaz! Não consigo mais morder carne viva e tenra. O último cara que matei ficou com meia dúzia de dentes fincados no ombro. É difícil para um cara como eu ver os próprios dentes perdidos na carcaça de alguém. Na natureza, isso significa a morte do lobo, lenta e humilhante. Isso foi há mais de dez anos, e foi aí que vi a aposentadoria chegar. Ainda bem que, para quem é meio-a-meio, há alternativas. Larguei a vida nômade nesta terra filha da puta e decidi descansar meu esqueleto em algum lugar. Tentei vários subempregos degradantes na cidade, mas sempre precisava fugir quando o lobo se manifestava. Finalmente consegui esta ocupação que ninguém mais queria, e pude sossegar um pouco. Só preciso enterrar algum defunto de vez em quando, cortar o mato, fazer pequenos reparos. Vivo sozinho aqui, porque todo mundo tem medo deste lugar. Na verdade, eles têm medo de mim. O predador nunca dorme.

– Então o senhor afirma categoricamente ser um lobisomem?

– Olha o respeito, rapaz! Você não gostaria de ser chamado de chicano, então não use esse termo ao se referir a mim. Na próxima vez que fizer isso, arranco a sua língua, para nunca mais ofender outras pessoas.

– Des-desculpe. Não foi minha intenção.

– Não é porque minhas presas estão moles na boca e meu corpo está raquítico, que você pode achar que não represento perigo. Ainda sei comer carne mal passada com garfo e faca, muito bem! Sobre ser um licanthropo, sim, eu sou um. Na lua cheia, solto o bicho e me divirto à vontade neste imenso restaurante a céu aberto. Gosto de coxa, bunda, coração. Uma cavadinha de cova, onde a carne esteja no ponto, e o jantar de gala está servido.

– O senhor afirma, então, praticar necrofagia? É a lua cheia que desencadeia essa prática?

– Eu me transformo quando bem entendo! Só não faço isso agorinha porque ia ficar muito cansado, e tenho sepultura para cavar à tarde. Devorar algo na lua cheia é como um jantar à luz de velas, filhote. Essa lua embeleza tudo o que toca. Só quem enxerga por olhos de lobo sabe do que estou falando. Esse negócio de transformação por causa da lua é besteira de filme ianque. A única alegria que tenho na vida é apreciar uma carninha se desfazendo na boca, aquele gostinho apimentado, forte. É o único momento no qual me sinto vivo de verdade, mesmo estando desdentado e com os pelos caindo, sem ser capaz de andar sobre duas patas como antes.

– E sobre El Lobo, o que o senhor pode falar?

– Moleque apressado, eu já ia chegar lá! Está louco para conseguir a informação e ir embora daqui, não é? Sinto seu estômago revirando aí, de nojo do que falei. Será que você consegue concluir nossa conversa sem vomitar? Sua pele está com um tom meio doentio. Isso porque nem falei dos fluidos que um bom defunto maturado solta.

– Por... Favor... Urgh... Aaaargh...

– Ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha! Eu sabia que você colocaria o café da manhã pra fora! Tudo bem, vamos logo falar de El Lobo, para você poder sair correndo daqui, seu franguinho afrescalhado da cidade. Mas antes você vai limpar essa sujeira toda.

– Tudo... Bem... Ai, Deus do céu!

– Pare de choramingar e ouça, porque isto é valioso. Eu conheço o cara que você procura. Vez ou outra, ele aparece por aqui. É uma merda de um beta que deseja desesperadamente ser um alfa, mas não tem capacidade para isso, porque é muito burro. Troca tudo por uma boa farra. Quando o alfa de verdade manda muito em sua vida, ele some por uns tempos do convívio da alcateia e faz um turismo sexual bizarro para descarregar as frustrações. O filho da puta procura satisfação e vingança. O alfa do bando fode ele no sentido figurado, ele sai por aí e fode algumas ômegas, no sentido literal.

– Mas peraí... Ele ataca mulheres de sua espécie? Existe algum motivo para isso?

– *Você é mais burro do que eu pensava. Ele ataca uma casta inferior à sua. O bicho é o maior filho da puta que eu já conheci nesta vida! Ele não quer simplesmente descarregar as frustrações em cima de alguém, ele quer mostrar que é fodão e mau. Matar pessoas é pouco para ele, sua mente doentia quer mais. Estuprar brutalmente fêmeas ômega dá mil vezes mais prazer aos seus instintos imundos. Ele faz questão de contar suas aventuras a desgarrados como eu, porque isso faz parte da autoafirmação. Quando está longe de casa, é machão e conta vantagem de tudo o que faz; perto da sua alcateia, vira um cachorrinho domesticado com o rabinho entre as pernas. Tudo o que apronta é na surdina e longe do território de seu grupo.*

– *Então estamos falando de um lobis... de um indivíduo que faz parte de um grupo de pessoas como ele, organizado, ao qual deve satisfação de seus atos?*

– *É claro! Caras como eu são exceção à regra. A maioria dos homens-lobo vive em grupo, cada um atuando em um nível da hierarquia. El Lobo é um pau-mandado que não manda em porra nenhuma, tem sempre que se reportar a um alfa de verdade, e isso o deixa puto da vida. Se fosse um humano comum, o chamariam de maníaco sexual ou psicopata. Entre nós, é classificado como um bestializado, daqueles que perdem as estribeiras quando o sangue esquenta. Sabe o que esse maluco faz com as mulheres? Ele as captura, leva para um lugar bem isolado, espanca e estupra, tudo isso na forma humana. Quando o desgraçado está pra gozar, ele vira lobo, ainda dentro da vítima, e rasga a mulher no meio. Morde e arranha como um louco, enquanto está estrebuchando em cima da infeliz atacada. Só a descrição pela boca dele já vira o estômago da gente, imagino então os maus bocados que essas mulheres passaram sob suas atrocidades. Sou um bicho desgraçado, mas tenho meus limites. Esse cara é um monstro, mesmo entre seus semelhantes.*

– *Caralho... Ops, desculpe. É que tudo o que o senhor falou bate com a descrição de uma sobrevivente com a qual conversei rapidamente.*

– *Essa aí que sobreviveu foi forte, porque não é qualquer um que aguenta um tranco como esse. Já me cansei dessa história toda, e agora é hora de você sumir daqui. Só revelei tudo isso porque não gosto dessas paradas, e espero ver alguém dando um corretivo nesse cara. Claro que não vai ser um filhotinho como você, mas quem sabe isso não o leve a chamar uns caras bons de briga pra resolver isso. Agora desliga essa porra de aparelho, que eu vou passar umas informações quentes, no particular.*

– *Tudo bem.*

É, pessoal, eu me caguei todo de medo e vomitei como um louco, mas essa visita rendeu bem mais do que eu esperava. Vou agora confirmar algumas dicas dadas pelo banguela, porque, se elas forem reais, eu estarei numa trilha quentíssima atrás de El

Lobo! Ele citou até uns nomes, o que lançou uma luz sobre esse mistério que venho investigando. Acho que agora vai! Vou pegar a estrada e espero ter novidades em pouco tempo. Aguardem.

Tags: Guatemala, cemitério, lobisomem, necrofagia, cagaço, nojo

Comunicado da Alcateia Global

Nº20100226-1

- Abordagem primária falhou;
- Abordagem alternativa 1 já em andamento;
- Invasão de servidores efetuada com êxito;
- Inserção de provas falsas iniciada;
- Agentes ômega trabalhando em campo nos pontos-chave;
- Rastreamento de mulher suspeita quase completado;
- Permanecer de prontidão e aguardar novas coordenadas da criança e da sequestradora.

A CRIANÇA RAPTADA

Era uma noite agradável, mas a mulher estava aflita. Aflita e cansada. Carregava nos braços a menina adormecida, sentindo-a pesar cada vez mais, conforme o tempo passava.

Não bastasse a exaustão física, estava devastada psicologicamente. Via em cada pessoa um perseguidor, imaginava captores à espera em todas as esquinas, a cada rua atravessada.

Estava enlouquecendo mais e mais, conforme passavam os dias de fuga com a menina, que arrancou do ambiente confortável do qual fazia parte. Inconscientemente, achava justa a punição recebida, mas agora era tarde para voltar atrás. Só restava fugir e fugir.

As pernas doíam de tanto caminhar, os pés tinham bolhas que pulsavam de agonia. O estômago havia se contraído de modo a transformar a fome em simples incômodo, deixando em primeiro plano o tormento da sede, um ressecamento atroz que a fazia imaginar-se a murchar tal qual uma planta abandonada ao sol.

Exaurida de todo o tipo de força, parou sob um toldo velho da loja fechada, sem nem perceber os usuários de drogas que se agrupavam a dois quarteirões dali, crias decadentes da cidade devastada por crime e corrupção. O corpo todo protestava, a mente entregava-se a devaneios escapistas desesperados. A criança dormia um sono convulso, alimentado por medo e cansaço. Então eles vieram.

– Boa noite, senhora. Posso ajudá-la? – o interlocutor viu que a mulher mal percebera sua presença. Tocou de leve seu braço. – Você está bem?

– Saia de perto de mim! – ela sobressaltou assustada, despertando a menina ainda em seus braços.

Iniciaria uma corrida desesperada, mas estacou ao ver uma pessoa alta se aproximar rapidamente, vinda das sombras do outro lado da rua. No seu encalço, outro vulto de passos incertos. A fugitiva apenas fechou os olhos e apertou a criança chorosa contra o peito.

– Não são elas! Maldição! – Fênix gritou ensandecida, frente a mais uma investida fracassada.

Dante chegou logo depois, entendendo de imediato a situação. Por estarem a favor do vento, não conseguiram farejar as duas pessoas diante deles. Apenas o contato visual lhes permitiu ver que não eram Monica e Nazaré aquelas duas.

Casillas havia solicitado que esperassem ocultos enquanto verificava a identidade de seus supostos alvos, por ser a pessoa com menos envolvimento emocional e, por conseguinte, o mais apto a lidar com a abordagem. Somente um segundo antes da chegada da colega afobada havia conseguido entrar na mente da mulher apavorada.

– Estivemos quase uma semana no encalço das pessoas erradas! – a norueguesa esmurrava a parede velha.

Os drogados olharam de longe a movimentação estranha, mas depois de alguns segundos voltaram ao cultivo de seus vícios. A mulher iniciou mais uma vez sua débil fuga, sem ser impedida. Agora Casillas conhecia sua história: cumpriu cinco anos de detenção por assalto e, ao sair da cadeia, descobriu que havia perdido a guarda da filha, que passou a viver com a avó paterna; sequestrou a menina e saiu sem rumo, com a certeza de uma sentença de morte declarada pelo ex-marido, bandido sanguinário. Mais uma presa desorientada em um insano jogo de gato e rato. "Vá e encontre seu destino", pensou o espanhol. Eles tinham muito mais com o que se preocupar.

– E agora? – questionou Dante, o único do grupo a não apresentar ferimentos ou abatimento.

– De volta à estaca zero – completou Casillas, desanimado. – Fênix, sei o que sente e tenho plena consciência das suas necessidades atuais. Prossiga com o que deseja, tem a minha autorização para isso – observou a colega de missão tirar a blusa e caminhar até um prédio abandonado próximo. – Dante, se nos apressarmos, ainda conseguimos pegar o último ônibus até Tegucigalpa.

Novamente aquela sensação estranha. O barulho da escavadeira. O cheiro dos mortos ao redor. A dor dos ferimentos. A luz cegante de um dia que ele não esperava mais presenciar. Não acreditava, mas ainda estava vivo. Foi retirado dolorosamente dos escombros do prédio que sepultou seus inimigos devoradores de pessoas, em meio ao inferno pós-terremoto no Haiti. Sentiu a presença de Fênix, com ferimentos leves, rondando as equipes de salvamento. Casillas, também nas proximidades, padecia de dores terríveis decorrentes dos ferimentos da batalha. Dante, completamente nu em sua forma humana, teve apenas uma reação ao ser retirado dos escombros: cambaleou até uma pilha de concreto e aço onde, no dia anterior, havia encontrado uma criança apavorada, a qual precisou abandonar para enfrentar os sanguinários lobisomens locais. Ninguém. Teria ela sido salva? Haveria alguém simplesmente removido o frágil corpo sem vida do buraco por ele cavado? Nunca saberia. Sentia menos vidas sob os escombros agora. Seu corpo

pulsava com novas sensações e a mente parecia se expandir dolorosamente. Um termo martelava na cabeça, como se insistisse em fazê-lo aceitar sua nova condição: totem-vivo.

Totem-vivo.

TOTEM-VIVO!

E, novamente, Dante acordou sobressaltado, ainda sem acreditar no que estava se tornando. Imortal? Escolhido? Salvador? Ainda achava um fardo pesado demais para carregar.

Casillas digitava a mensagem no *smartphone*, no caminho de volta. Ao seu lado, Dante tentava cochilar, visivelmente desapontado. A mensagem, criptografada e enviada por e-mail, foi bem sucinta:

“Alvo incorreto, não confere com objetivo principal. Alternativa 1 não apresentou resultados concretos. Providenciar alternativa 2 e retornar informativo. ‘D’ em 100%, física e psi, desenvolvendo novas habilidades conforme previsto. ‘F’ em processo de descarga física, analisaremos psi após seu retorno. ‘C’ 40% física e 100% psi. Aguardando novas instruções.”

Fênix pensava apenas que precisava daquela válvula de escape. O gosto de sangue a acalmou. A sensação de carne pulsante e macia a ceder sob seu ímpeto selvagem mostrava que ainda estava viva, a fazia canalizar toda a raiva e frustração através de presas e garras assassinas. Sua vulnerabilidade aumentava ainda mais a adrenalina em seu corpo. Não era um ser imortal, como o colega confuso que afundou sob toneladas de concreto e que viu ser içado dos escombros apenas com arranhões superficiais. Ele poderia ser o maior flagelo aos inimigos destas terras, mas não tinha pulso firme para isso. Isso também a irritava.

Havia aproximadamente quinze drogados naquele beco imundo, e nenhum escapou do demônio de pelagem cinza e marrom sob a forma amalgamada de mulher e lobo. A orgia de destruição e morte durou menos de dez minutos; a criatura que a perpetrou limpou o sangue e os resquícios de carne e pele que se prendiam à sua densa pelagem. Cuspiu pedaços de roupa, vomitou tufo de cabelo e fragmentos de osso. Nem se preocupou com as forças policiais do local, pois sabia que pouco estavam se importando com os infelizes ali retalhados. Para eles, era lixo a menos para recolher periodicamente.

De volta ao prédio abandonado, já na forma humana, se vestiu e seguiu pela noite. Poderia caminhar por toda a madrugada, agora que estava mais calma e alimentada. Não temia nada nem ninguém, e tinha a certeza de que encontraria sua amada filha adotiva, nem que tivesse de rasgar com suas garras todo o império de corrupção e crime das terras que pisava. Cansou de ser sutil. Que tivesse início a incursão derradeira ao império dos Chavez!

(IV) PRESAS SANGRENTAS

Vítima do Crime

Postado em 05 de março de 2010 por dr-glendon

Olá, pessoal.

Segui uma pista quentíssima por El Salvador, onde encontrei dois caras da bandidagem que contaram casos de arrepiar os cabelos a respeito do tal El Lobo. Para fazê-los falar sem correr o risco de ir parar numa vala qualquer, precisei liberar um bom dinheiro para eles, o que esvaziou consideravelmente meu fundo de viagem. A partir de agora, só classe econômica e uma refeição barata por dia.

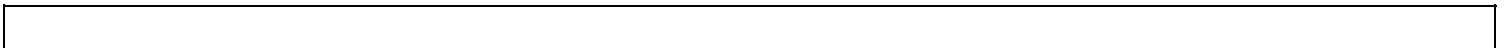
E, como notícia ruim não vem só, fui assaltado no meio da rua, em plena luz do dia. Levaram minha carteira e minha mochila de viagem com notebook, câmera fotográfica, gravador de voz e telefone celular. Resumindo: não só perdi o material valiosíssimo que coletei nas últimas entrevistas, como também alguns endereços e telefones passados pelos meliantes. Estou ferrado, sem dinheiro, sem material de apoio, e ainda tomei umas porradas dos dois filhos da puta que levaram minhas coisas. Policiamento que é bom, nada. Estou à minha própria sorte.

Posto este desabafo digital de uma biblioteca pública. Por sorte, os ladrões não levaram minha carteira de identidade nem o passaporte, que estavam escondidos dentro da minha cueca, junto com mais alguma grana. Acho que vou demorar o novo *post*. Na verdade, eu já deveria estar pedindo carona de volta à Guatemala, onde tem uma pessoa que vai me ajudar de verdade a achar o lobisomem estuprador, mas o vício pela internet foi maior. Não consigo ficar sem ver notícias, boletim do tempo e atualizar o *blog* por muito tempo. É mais forte que eu!

Falando desse contato quentíssimo, acho que agora consigo uma exclusiva com o maluco logo, logo. Aí sim, esta loucura toda vira livro e filme, podem ter certeza! Aí eu coloco uma prévia aqui, como compensação dos áudios que perdi com histórias escabrosas dos figuras que entrevistei aqui. É uma pena a minha memória ser tão ruim, porque esqueci muitos detalhes do que foi contado por eles, e ficaria estranho eu escrever assim, de cabeça, perderia todo o impacto. Só lembro de coisas como um massacre dentro de uma cadeia, uma fuga de lobisomem pelos telhados do centro da cidade à luz do dia, um estupro coletivo em uma faculdade e mortes a torto e a direito, tudo de autoria desse psicopata que estou caçando.

Espero sair vivo desta! Caso não sobreviva, deixo os direitos autorais do meu livro pro meu primo Larry que mora nos Estados Unidos, e as dívidas pro meu pai.

Agora é tudo ou nada! Até!



Tags: puto da vida, assalto, pista quente, sem grana

Comunicado da Alcateia Global

Nº20100305-1

- Abordagem alternativa 1 falhou;
- Ações prioritárias preparadas para abordagem alternativa 2;
- Intensificadas as atividades dos agentes-curinga nos elementos-chave da operação;
- Novos planos individuais do grupo principal encaminhados;
- Prontidão máxima a partir deste momento;
- Prioridade zero para execução de ordens recebidas pelos canais oficiais.

LYSSAVIRUS

– Porra, Justiceiro, eu não tô aguentando esse negócio todo! Quando o Chip convidou a gente pra fazer umas caçadas sangrentas sem perigo de punição, parecia tudo legal. Na prática, essa porra toda tá me deixando louco, cara!

– Hitman, você é um puta dum cuzão mesmo! Já te falei que careta não dá pra curtir cem por cento nosso trampo! Por isso pergunto: pílula azul ou pílula vermelha, “senhor Anderson”?

– Qual a diferença, sonho ou realidade? Você sabe que eu nunca curti essa parada de drogas.

– Cara, escolhe logo uma delas e embarca na viagem! Tá na hora de deixar de ser bicha e começar a fazer coisas espertas. Joga uma destas pra dentro e faça uma festa de quatro de julho na sua cabeça! Os bichões que explodirmos vão parecer fogos de artifício estourando sob um show do Bruce Springsteen. Vamos lá, cara!

– Tá bom, manda a vermelha pra cá...

– *Todos a postos! Vamos despejar os bichos na entrada da fazenda* – o comando veio claro pelo rádio, trazendo a voz firme de Johnny. – *Preparem-se para a ação.*

Justiceiro posicionou os óculos de visão noturna e colocou os fones de ouvido para apreciar o som do *Slipknot* enquanto fazia seu trabalho. Hitman deitou no chão e também pôs os óculos, apontando seu rifle para baixo, sob o efeito da droga sintética que começava a trabalhar no organismo. Eles estavam no alto de um morro íngreme de vinte metros de altura, que envolvia os fundos e parte das laterais da propriedade rural como uma ferradura protetora. Na outra ponta dessa ferradura estava Annie, colega de caçada dos rapazes e vítima frequente de suas implicações. Era a única pessoa da linha de tiro totalmente focada na missão e livre de qualquer tipo de distração.

O trio tinha uma incumbência bem específica na investida desta noite: abater a tiros de rifle e fuzil os licantropos que escolhessem o morro como ponto de fuga. No furgão, parado de ré em frente à porteira da fazenda, Johnny ligava os dispositivos sonoros que feriam a audição dos homens-lobo e eram inofensivos aos humanos. Esse recurso seria muito útil na sua ação: soltar os dois lobisomens das jaulas na parte de trás do veículo. Precisava ser rápido para não dar tempo de reação aos homens da propriedade.

As portas traseiras do furgão foram escancaradas e os dispositivos eletrônicos das trancas das jaulas destravaram. O ancião corpulento saiu do caminho das feras e rezou para tudo dar certo, já correndo para o volante, com uma pistola *Desert Eagle* na mão. Por sorte, tudo correu conforme planejado. O som emitido no furgão irritou as criaturas, impelindo-as na direção da fazenda, que naquele momento era o único ponto de luz na escuridão daquela área rural isolada.

Patas retorcidas golpearam as jaulas, lançando os cativos para a liberdade da noite. Olhos insanos focaram a luz da grande casa no final da estradinha que levava à entrada e o galope alucinado da dupla teve início. Uma baba espessa escorria pelo canto dos focinhos lupinos, encharcando seus peitos inumanos. Os dois infelizes foram capturados pelo grupo de caçadores em investidas anteriores e, submetidos a um processo infeccioso no cativeiro, tornaram-se portadores de uma doença incurável para os homens-lobo: a raiva. Nenhuma vacina faz efeito nessas criaturas, e para elas o desenvolvimento do quadro infeccioso é muito mais acelerado.

– Infectados! – alertou o único homem acordado àquela hora na propriedade, o alfa adulto que comandava os outros seis moradores betas. Estava na cozinha, de onde olhava para fora, após pensar ter ouvido ruídos ao redor da casa.

Instintivamente, todos tomaram suas formas lupinas. Eram duas mulheres e cinco homens. O líder alfa se posicionou do lado de fora, bem em frente à porta de entrada, aguardando a chegada dos invasores cujas mentes revelaram a insanidade típica da doença que todos temiam. Em poucos segundos, as fêmeas tomaram seus postos ao lado dele, as únicas com coragem de entrar em uma batalha onde sabiam que qualquer ferimento as lançaria à condenação de uma doença sem cura, pois nos licantropos a raiva tinha poder de destruição muito maior que em humanos ou outros animais.

O salto do primeiro lobisomem raivoso teve como alvo o macho alfa. Este recebeu o impacto da melhor maneira que pôde, deixando-se derrubar, mas afastando a baba mortífera de perto de si. Uma mordida e seria sua morte. Teria de usar as garras, pois atacar com dentes seria muito arriscado. Rolou com o agressor para dentro da casa, segurando-o pelo pescoço. Os outros moradores, em pânico, fugiram pelos fundos.

O segundo invasor correu alucinadamente na direção de uma das defensoras, mas na última hora desviou sua trajetória e atacou a outra. Isso prejudicou a estratégia de ambas; uma delas golpeou o vazio e a outra conseguiu somente erguer os braços à frente do pescoço, o alvo original do raivoso. Presas afundaram-se em

um antebraço, e a saliva infectada entrou em contato com sua corrente sanguínea. A mulher-lobo, tendo ciência de sua condição, decidiu se sacrificar pelo bem do resto do grupo. Com a mão livre, segurou a nuca do atacante de encontro ao braço mordido, aumentando ainda mais seu tormento, porém, o impedindo de morder os outros. O lobisomem louco passou a arranhá-la, enquanto ela tentava desajeitadamente torcer seu pescoço e derrubá-lo. Sua companheira entrou em ação, dilacerando seus tendões das patas traseiras com garras afiadas, diminuindo assim sua mobilidade. O atacante urrava de dor e, finalmente, conseguiu se livrar do abraço que restringia a ação de suas presas, rolando no chão como um verme. Nesse momento já não tinha pleno movimento das pernas, então usou garras e dentes contra a outra loba. Porém, antes que tivesse tempo de causar qualquer dano, a mulher-lobo condenada mordeu-o furiosamente no pescoço, matando-o em poucos segundos. Um invasor anulado.

Os quatro moradores fugitivos tomaram o rumo do morro e iniciaram a escalada de fuga. Não sabiam ter sido atraídos para uma armadilha armada pelos caçadores, que iniciaram uma saraivada de tiros de grosso calibre sobre os lobisomens. Hitman gargalhava e atirava a esmo com seu fuzil, apenas desperdiçando munição na casa e em pontos sem movimentação. Justiceiro conseguiu abater apenas um homem-lobo, que chegara perigosamente perto de si, devido à falta de pontaria do caçador em terreno tão irregular e com alvos velozes e imprevisíveis. Por sorte, o grupo tinha Annie, que deu conta dos restantes, matando-os com tiros precisos em pontos diferentes do terreno. Eles esperaram mais alguns minutos para ter certeza de que ninguém mais seguiria por aquele caminho, conforme Johnny ordenou.

O líder alfa quebrou todos os móveis da grande cozinha por onde entrou violentamente, atracado com o inimigo. A dor das garras fincadas em seus ombros foi ignorada, pois toda a sua atenção era direcionada à bocarra salivante e ameaçadora do invasor. Ele ainda segurava o pescoço do lobisomem ensandecido e batia sua cabeça contra qualquer superfície ou objeto que encontrava pela frente. Lançou-o contra a pia, espatifando-a com o crânio lupino; derrubou um armário sobre o oponente, quebrou mesas e cadeiras sob seus pesos desconhecidos. As investidas, aliadas à pressão de seus dedos poderosos sobre o pescoço grosso do oponente, fizeram com que este sucumbisse e desmaiasse. Zonzo pelo esforço e sentindo pela primeira vez a dor dos ferimentos, pegou um cutelo jogado entre outros utensílios de cozinha espalhados pelo grande cômodo. Com vigor, atacou o

pescoço do oponente que voltava à consciência; o golpe não o matou imediatamente, mas o deixou mortalmente ferido. Quando deu o golpe final, a cabeça do lobisomem raivoso rolou pelo piso, separada do corpo. Tal movimento teve um efeito inesperado: gotículas de saliva voaram pelo ar e algumas delas atingiram o globo ocular do líder da casa.

Desesperado, correu para o cano da pia destruída, de onde saía um jorro de água. Ainda na forma lupina, tentando fazer uso do fator de cura mais acelerado, lavou os olhos desesperadamente, mesmo tendo certeza que a absorção pelo globo ocular dos fluidos infectados acontecera. Uivou de agonia, sabendo qual seria seu destino. Recuperando-se de sua lamentação, procurou sobreviventes, como um bom alfa. Deparou-se com as fêmeas que confrontaram o outro, uma deitada no chão, de costas, na forma humana, enquanto a outra se debruçava sobre a companheira com contornos de lobo.

“Ela também foi infectada?” – questionou mentalmente o líder.

A resposta veio na forma de ferimentos terríveis no braço humano, esticado para o alfa.

– Por favor, não me deixem acabar agonizando como os dois loucos que vieram até aqui – disse a mulher, em tom de súplica.

– Ela está certa – disse o homem, após rápida transformação. – Iara, faça o que deve fazer. Vá com as garras direto nos corações, e não sofreremos. Não adianta tentar contra argumentar! Sou seu líder e decido que não teremos um fim indigno sob o vírus da raiva! Faça-o agora. Avise o senhor Chavez deste ataque. Os inimigos estão cada vez mais perto e são ardilosos em suas estratégias. É preciso fazer algo. Esta é minha última ordem.

Outro uivo de lamentação foi ouvido no momento que precedeu a dolorosa execução dos companheiros pela mulher-lobo sobrevivente. Após isso, uma corrida ensandecida levou a mensageira ao território de Julio Chavez para que fosse notificado da baixa de seus principais generais daquela região. Outro duro golpe ao velho alfa exausto.

– Isso foi um uivo? – questionou justiceiro, do banco traseiro do furgão, onde sacolejava por causa da estrada irregular de terra. – Não devíamos voltar e terminar o serviço?

– Não é necessário – respondeu Johnny, do banco do passageiro. – Lobisomem raivoso faz um estrago do caralho. Quem sobrevive, pega a doença e

morre em, no máximo, uma semana. Com sorte, infecta outros da sua raça nesse meio tempo.

– O Chip acertou novamente – falou Annie, ao volante. – Ele tem sido essencial nas nossas missões, dando dicas infalíveis que mostram o local exato onde vivem os lobisomens. Meus parabéns, senhor Johnny, seu sobrinho é muito inteligente.

– Sim, eu sempre soube que esse negócio de computador do moleque um dia seria útil. Estou orgulhoso dele!

– A colher não existe... – murmurou Hitman, do banco traseiro, ainda sob efeito da droga.

– Ora, cale a boca, seu filho de uma puta! – vociferou o velho, lançando também um olhar reprovador ao outro jovem.

NEGOCIAÇÃO NOTURNA

O carro sem emplacamento manobrou sobre o mato de dois palmos de altura. Os faróis permaneceram acesos, a única fonte de luz no breu desolado da madrugada. Dois homens desceram do veículo, barba e cabelo bem cortados. Compartilharam um isqueiro e se sentaram no capô do veículo, pois já conheciam os procedimentos daquela negociação e tinham disciplina para aguardar pacientemente.

Às suas costas, o negror da estrada de terra que serpenteava até a cidade mais próxima, a três quilômetros de distância, ladeada por alguns casebres miseráveis. À frente, fantasmagoricamente iluminada pela luz amarela dos faróis velhos, a floresta ameaçadora. Os homens procuravam disfarçar, mas ambos tinham pavor daquele lugar. Depois de mais três rodadas de cigarros e medos silenciosos, o negociador chegou. Como sempre, surgindo sem ser percebido. Seguindo outro costume, exibiu um sorriso misterioso, de alguém que se diverte com alguma piada secreta.

– Boa noite, senhores. Vamos logo ao que interessa? – os fumantes concordaram silenciosamente. Um deles foi até o banco traseiro e voltou com uma maleta. – Não vou nem conferir o dinheiro, pois confio na honestidade dos meus clientes. O que acham de darmos uma olhada na mercadoria?

O outro homem que permanecia sentado no capô, extremamente incomodado com o interlocutor posicionado nas sombras ao lado do carro, pegou a chave do bolso e foi até o porta-malas. Ao abri-lo, sussurros abafados de dois homens feridos e amordaçados escaparam como uma última súplica. Os prisioneiros foram retirados do veículo e desamarrados. Um deles, com menos ferimentos da surra sofrida, correu para a floresta. O outro, livre da fita colante da boca, tentou negociar.

– Por favor, soldado, vocês estão cometendo um erro! Nós não somos traidores! Alguém plantou aqueles documentos nos nossos computadores! – Ajoelhado, o militar não fazia jus à sua patente perante um subalterno. – Existe algum trabalho de sabotagem acontecendo aqui e aquele técnico de computação sob meu comando estava prestes a descobrir a origem dos agitadores, mas houve um serviço de contra inteligência mais rápido e sofisticado que nós – perante o sorriso do desconhecido e a indiferença dos outros homens, ele se desesperou. – Julio Chavez sempre foi um aliado, por anos mantivemos uma convivência pacífica e rentável. Por que eu iria querer quebrar esse pacto agora? Há alguém

desestabilizando internamente nossas fileiras para enfraquecer toda a unidade construída ao longo dos anos!

– Acho melhor vocês irem – falou calmamente o negociador. – Meus limpadores já estão prontos para entrar em ação.

Sem pensar duas vezes, a dupla tomou os assentos do carro e manobrou em direção à estrada. O motorista acelerou como se um demônio estivesse nos seus calcanhares – o que não era algo muito fora da realidade. No banco do passageiro, o soldado à paisana remoía uma incômoda dúvida: e se fosse verdade o que o prisioneiro dissera? O trajeto de volta foi silencioso, preenchido apenas por pensamentos acerca de como seriam as coisas dali para frente, em meio a tantas incertezas que precedem a troca de poder.

O predador farejava avidamente, tão imóvel quanto a pedra ao lado da qual permanecia sentado. Lobisomem com características herdadas do lobo mexicano, estava totalmente à vontade naquela mata escura. Sua mata. Conhecia cada recanto daquela imensa área despovoada, motivo de temor para os moradores das cercanias, chamada de *El Bosque del Diablo*. Com orgulho, sabia que boa parte dessa fama se devia à sua atuação violenta na região.

Mesmo estando longe, seu faro apurado captou cheiro de escapamento de carro, suor, cigarro. Suas longas orelhas se moveram. Um clique, um ranger de dobradiças. Depois de um tempo, serpentearam pelo ar odores de sangue, urina e medo. Ingredientes deliciosos trazidos pela brisa que batia contra seu focinho de lobo. Somente seu treinamento de muitos anos o fez permanecer imóvel, mesmo tendo uma ânsia animalesca de correr de encontro às presas apavoradas. Um alfa sabe o momento certo de atacar. Passos, discussão.

A carne passou correndo desesperadamente à distância de um salto, seguindo a favor do vento. Deixou passar, pois gostava de dar uma boa dianteira e apreciar a emoção da perseguição. Lá longe, perto do carro, o outro condenado parecia argumentar pela vida, mas todos sabiam ser inútil. Pisar na bola com os dois lados do acordo de cooperação criminosa era morte certa. Os casos mais importantes mereciam um serviço VIP.

O carro dos militares partiu. Um minuto depois, o jipe do negociador tomou uma trilha para fora do palco sangrento, afinal, sua parte do trabalho estava concluída. O líder traidor permaneceu imóvel, a chorar desesperadamente. Uma presa fácil para o segundo predador que já se aproximava dele sorrateiramente.

Alguns segundos depois, o uivo prolongado dos dois lobisomens rasgou a madrugada, trazendo ainda mais temor aos condenados.

Finalmente, o lupino decidiu sair do seu estado de espera. A vítima já tinha uma boa dianteira e estava preparada para seu ato final – a adrenalina deixava a carne mais saborosa. Seria mais uma caçada memorável. Muitos achavam que ele não deveria fazer esse tipo de serviço, que não era digno da sua posição, mas isso não importava. Nada rivalizava o prazer indescritível de caçar à noite. Seguindo a trilha do medo, o terrível caçador noturno partiu em galope contido, já ouvindo ao longe seu colega a rasgar carne e partir ossos.

"Eu tenho que escapar! Caralho, porque fui me meter nessa enrascada?" – o fugitivo amaldiçoava cada segundo que passou auxiliando o comandante na sua investigação independente, a respeito das suspeitas de falsas provas plantadas no submundo do crime. Nunca tinham visto tantos ataques furtivos, traições, conspirações e quebras de acordo em tão pouco espaço de tempo.

Os pulmões ardiam, as pernas doíam. O técnico de informática da polícia se arrependia amargamente de ter se descuidado dos exercícios de condicionamento físico em troca de muito café e sedentarismo. Para piorar sua situação, um resfriado minava ainda mais suas forças e dificultava sua respiração por bloquear as vias nasais.

Seu único combustível para seguir em frente era o medo, profundo e enlouquecedor. Queria somente fugir da ameaça invisível perpetrada pelos homens que o tinham espancado e entregue aos bandidos ocultadores de cadáveres. Conhecia muito bem a fama dos homens de Julio Chavez e de seus filhos, apesar de duvidar de muitas coisas que falavam por aí. Por via das dúvidas, era bom não ser apanhado, fosse a ameaça um homem, um lobo ou um demônio.

Depois de muito tropeçar às escuras, finalmente chegou a um ponto do terreno onde, após ligeira elevação, as árvores se espaçavam o suficiente para permitir certa luminosidade. A lua insinuou-se sobre a vegetação rasteira pontilhada de árvores menores, de maneira a permitir um vislumbre inesperado. O fugitivo, ofegante e já exausto, conseguiu enxergar uma abertura na elevação de terra. Parecia uma espécie de toca que permitia a passagem de uma pessoa a engatinhar. Haveria algum animal ali? Daria a sorte de ser um respiradouro de alguma tubulação de esgoto? Não tinha tempo para conjecturar a respeito, nem disposição para assumir nova corrida.

Juntou rapidamente alguns ramos e gravetos para disfarçar a entrada. Abaixou-se e entrou, imaginando o cheiro de terra úmida que sentiria, caso conseguisse usar o olfato. Sua visão também era prejudicada, a escuridão de breu o envolvia, quase palpável. O medo de quem vinha atrás era maior do que algo que pudesse aguardá-lo à frente. Tinha esperanças de ir até o final do pequeno túnel e esperar, mesmo que fosse por uma semana inteira, a fim de tentar fazer as coisas esfriarem e poder sair dali.

Suas mãos e joelhos amassavam terra úmida, desagradável ao toque. Por diversas vezes sentiu a presença de insetos e vermes sobre a pele, mal tendo tempo de afastá-los, o sentimento de urgência suplantando a repulsa. Qualquer noção de tempo fora embotada pelo horror escuro e abafado, portanto, o jovem torturado não sabia precisar quanto durou sua fuga até alcançar a câmara.

Ele não conseguia identificar o tamanho exato do espaço no qual o túnel desembocou, apenas sentia que era menos abafado, mais espaçoso, com uma pequena corrente de ar insinuando-se no alto da sua cabeça encharcada de suor. Sentou-se, apoiando as costas na parede mais próxima, escavada na terra. Procurava controlar a respiração insanamente acelerada, a pulsação agonizante do coração, a coceira por todo o corpo, provocada por terra grudenta, pequenos seres abjetos e suor abundante. Afora seus próprios sons emitidos, ouvia uma espécie de chiado discreto, além da insinuação de algo como um escavar ou arrastar baixo, vindos de todas as direções. Pupilas dilatadas tentavam, em vão, captar algum resquício de luz que pudesse dar forma aos seus temores. Seriam insetos maiores, como besouros? Ratos, talvez?

Tossiu convulsivamente e vomitou. Decidiu prosseguir, pois o pânico começava a assaltá-lo ao imaginar-se acuado em um beco sem saída, sendo devorado vivo por milhares de criaturas com seus dentes afiados e tenazes implacáveis. Levantou-se devagar, com receio de bater a cabeça, e conseguiu ficar de pé sem problemas. Seguiu tateando a parede, em um reconhecimento cego até atingir uma grande rocha, alguns passos depois, que parecia obstruir o caminho. Não queria refazer todo o trajeto de volta, então decidiu contorná-la, sentindo na pele da mão a superfície áspera, protuberante e de formato arredondado.

Repentinamente, tropeçou em uma saliência rochosa perto dos tornozelos e caiu. Para seu desespero, seus braços não encontraram o chão. O tórax pousou dolorosamente sobre o que parecia ser a borda de um buraco, e mãos desesperadas tatearam o nada. No fundo da abertura, dezenas de patas fincaram-se nas paredes verticais e serviram de meio de fuga para os ratos ali presentes. O jovem sentiu o peso, maior do que desejava, de cada animal que se apoiou sobre seu corpo para

escapar. Vomitou novamente e assoou o nariz com as mãos, sentindo-se extremamente sujo.

Recuou um pouco, e só então recebeu o golpe final: um odor de podridão vindo do poço macabro, não percebido anteriormente por conta da deficiência provisória de seu olfato. "Deus do céu, é aqui que eles escondem os mortos!", pensou desesperado, em meio a lágrimas. Um rosnado à frente chamou sua atenção, uma fera se aproximava pelo que parecia ser outro túnel. Um único pensamento perturbador passou por sua mente exausta: um lugar escavado na terra com diversas saídas; estava encurralado em uma toca de lobo!

Como tinha sido saboroso seguir aquela trilha! O cheiro do medo impregnava a passagem do moleque, como se fosse uma maldita versão de João e Maria e sua trilha de pão na floresta. Mas, desta vez, a ameaça não era a bruxa malvada, e sim o próprio lobo mau! O predador caminhava calmamente sobre quatro patas, afinal, a presa tinha tomado a pior decisão possível, infiltrando-se em um lugar fechado que conhecia tão bem. Das centenas de pessoas que havia devorado e escondido os ossos na toca, o garoto era um dos menos perspicazes. Iria prolongar ao máximo seu sofrimento pela simples maldade de poder fazê-lo impunemente. Era o lobo dominante do terreno, inteligência e selvageria em nível máximo, bem diferente do imbecil do seu colega que já devorava como um demente o militar nos limites da mata. Desde antes da investida tentava manter contato mental com ele, mas depois da transformação se tornava totalmente irracional, não havia chance de comunicação. Odiava isso.

O lobisomem farejou a entrada da toca, pela qual o garoto se arrastou. Daria a volta e entraria por uma das outras aberturas disponíveis, de modo a chegar por um caminho inesperado e assustar ainda mais a presa. Foi até o buraco cavado entre um conjunto de árvores e começou a avançar, fazendo o máximo de barulho possível. Guinchos de roedores denunciavam a presença das testemunhas impotentes do que estava por vir. Ao irromper pela câmara, na quase completa escuridão, pôde vislumbrar o rapaz deitado perto da borda do poço das ossadas, apavorado, já sentindo sua presença.

Antes de correr e saltar para cobrir a distância de seis metros entre os dois, o homem-lobo estacou e farejou o ar. Freneticamente, inspirou e expirou repetidas vezes, fazendo seu faro enviar um turbilhão de novas informações ao cérebro pleno de inteligência humana. Pela terceira entrada da toca chegava uma leve corrente de ar trazendo odores externos, incomuns ao ambiente. Tequila, cigarro, dois tipos diferentes de perfume barato, suor de três homens. Havia invasores rondando o

local! Com certeza amigos dos condenados, numa tentativa de salvá-los, mesmo que isso significasse ficar em rota de colisão com os Chavez e com os militares corrompidos. Rapidamente, a criatura voltou à forma humana, com um sorriso nos lábios.

– Socorro! Ajudem! Estou preso aqui! – queria atrair os bisbilhoteiros à sua armadilha escavada na terra.

– Socorro! Socorro! – o técnico de informática atônito, porém, com um fio de esperança, acabou embarcando inconscientemente no simulacro do ardiloso licantropo.

Dois segundos depois, novamente na forma lupina, o lobisomem saiu da toca por onde entrou e tomou o caminho da entrada dos invasores, com sentidos apurados a vigiar todos os lados. Seguiu pelo terreno exatamente acima das escavações por onde teria visão privilegiada do ponto de conflito. Já matara seis homens de uma vez naquele mesmo local, e por isso a presença de outros três não o intimidava. Seria uma noite de matança memorável, para contar a toda a família.

Perscrutou a entrada, mimetizado nos arbustos de uma elevação próxima. Ouvia o garoto a gritar ensandecidamente lá dentro. Os homens deviam ter entrado na toca, visto que não havia ninguém nas proximidades. Aproximou-se sorrateiramente, farejando da maneira mais silenciosa possível. O moleque continuava a gritar e sua voz estava mais próxima, impedindo-o de ouvir as respirações e batimentos cardíacos dos outros. Apenas o faro lhe valia nesse momento e dizia estar cada vez mais próximo dos odores nojentos que conhecia tão bem dos humanos. Avançou mais um pouco, pronto a morder calcanhares desesperados na passagem que não permitia manobras arrojadas para homens armados arrastando-se de quatro.

Em uma fração de segundo, tudo aconteceu ao mesmo tempo. A presa original parou de gritar, permitindo-lhe levantar as grandes orelhas peludas e se dar conta de que não havia respirações no túnel. Olhos ameaçadores captaram duas peças de roupa – camisetas, talvez – jogadas no meio da passagem, das quais se desprendiam os cheiros enganadores carregados pela brisa. Por último, um clique distante, seguido de um estrondo e um projétil de grosso calibre a penetrar sua grossa pele e se alojar perto da base da coluna.

Soltando um urro animalesco, o lobisomem retrocedeu tomado por dores terríveis. O tiro não havia anulado seus movimentos, mas estes causavam pontadas agonizantes na região atingida. A mente humana da fera analisava estratégias possíveis: pela distância do tiro, o atacante usava um rifle de longo alcance; estava

na direção oposta à do seu aliado irracional, o que dificultava uma ação conjunta de cercar e atacar; sabia muito bem manejar a arma, pois tentou inutilizá-lo logo no primeiro tiro; dadas as circunstâncias, restava apenas a velha tática dos lobos, de fugir em trajetos improváveis, com movimentos bruscos e repentinos.

Saltou de lado, iniciando uma corrida sobre duas patas e estranhou não ouvir outro estampido. Mudou o trajeto em noventa graus e caiu sobre quatro patas, indo ainda mais rápido e permanecendo o mais abaixado possível. Deu um salto para trás, mudando o trajeto em cento e oitenta graus, e nesse momento foi alvejado na coxa. Impressionado por ter sido atingido em meio a movimentos tão difíceis, decidiu fingir que correria para a proteção de árvores localizadas a sete metros e mudaria novamente a direção, saltando para uma pequena formação rochosa mais adiante, que proveria proteção momentânea.

Mais uma vez, chamou mentalmente o companheiro, na esperança de tê-lo como auxílio, mesmo que demorasse certo tempo para se deslocar até ali. Correu, tomado de dores, executando com sucesso o primeiro movimento da finta. Ao mudar de rota como planejado, seu olho foi perfurado e o cérebro explodiu sob o impacto do tiro de rifle. O primeiro Chavez caía em batalha.

Gosto de sangue, restos de carne humana entre os dentes e enroscados nos pelos. Chamada do amigo, muito alta, na cabeça. Perigo! Corre, corre!

Estrondo longe. Pólvora. Estômago pesado. Muita carne na barriga. Difícil correr. Outro estrondo. Respiração ofegante. Comida demais. Ódio. Matar. Matar!

Pare. Cheire. Ratos. Sangue de lobo. Fareje. Não-lobo por perto. Fareje mais. Amigo morto. Cheiro forte não-lobo. Toca. Pele-falsa-homem. Presa dentro. Não-perigo.

Barulho deste lado, perto. Vento na árvore. Barulho outro lado, longe. Inimigo! Corre para ele!

Raiva, raiva, raiva! Olhe. Um homem. Sozinho. Assuste. Pare perto, de pé. Urre!

Dor! Boca. Gosto de sangue. Cuspa a garra metálica. Difícil arrancar. Tosse. Sangue.

Mais dor! Olho espetado. Arranque outra garra metálica. Dor, dor, dor! Urre. Vontade de fugir. Brilho prateado no olho bom. Barulho muito alto.

Casillas guardou no coldre a pistola automática e procurou pelas duas facas de arremesso ensanguentadas. Limpou-as rapidamente em um pano e colocou-as na mochila. Sempre era bom poupar munição e recuperar as armas. Aquele último licantropo fora bem fácil de matar. Não era à toa que esse tipo de ser irracional estava em extinção no resto do mundo. Estúpidos demais, sem estratégia, sem noção dos riscos. Só existiam ainda nesta terra-sem-lei da América Central. Seria mesmo proveitoso se a Alcateia Global pudesse trazer alguma organização para esta região selvagem de homens-lobo bárbaros.

Satisfeito, o espanhol abandonou o equipamento mais pesado (óculos de visão noturna, colete à prova de balas, provisões, rifle) e seguiu em caminhada somente com uma mochila nas costas. O deslocamento pela mata durante muitas horas não seria problema para ele, afinal, já estava totalmente recuperado fisicamente. Já o garoto chorão dentro da toca ficaria à sua própria sorte, afinal, a missão não tinha espaço para o resgate de um reles peão daquele intrincado jogo de xadrez.

O primeiro licantropo abatido rendeu boas informações para a missão, apesar de tê-lo exaurido mentalmente. Não foi fácil para o agente adotar três linhas mentais paralelas para entender as estratégias do homem-lobo enquanto varria sua mente atrás de informações importantes, ao mesmo tempo em que precisava definir suas próprias estratégias para anulá-lo assim que possível. Ler os pensamentos de um oponente tinha suas vantagens, e Casillas era mestre em utilizar esse tipo de recurso para antever movimentos.

A investigação levada a cabo por Caroline rendera bons frutos. A agente da inteligência havia conseguido mapear as principais ações do grupo de Bruno Chavez em El Salvador, e viu nessa atividade de queima de arquivo um bom ponto de ataque. Como não tinham tempo para esperar novas solicitações espontâneas desse serviço, contaram com Caroline para também plantar provas que incriminassem militares e policiais corruptos. Entrar nos servidores de dados e e-mails dessas instituições foi simples, e a partir daí foram espalhadas evidências falsas de traição, enquanto agentes ômega infiltrados no submundo espalhavam boatos que batiam com o que os documentos plantados mostravam. Daí até os homens ligados ao crime tomarem conhecimento, foi consideravelmente rápido. Depois disso, foi só deixar o agente telepata de sobreaviso na área e aguardar a nova execução de delatores.

O grande golpe de sorte foi o adicional de terem Bruno Chavez agindo diretamente nessa execução. Apreciador de caçadas, sempre que podia fazia parte dessas atividades, mesmo sendo contra as ordens do pai. O velho Julio odiava

atitudes insubordinadas dos filhos, como Bruno agindo tal qual um simples soldado, ou Rafael a atribuir a seus generais responsabilidades que ele mesmo deveria assumir.

Bruno, antes de receber o projétil mortífero do atirador que antecipava seus movimentos, forneceu informações valiosas armazenadas nos recônditos de sua mente, extraídas com habilidade por Casillas. Monica Chavez, após o sequestro da criança no Brasil, contatou por telefone a irmã Marília, solicitando ajuda para voltar à América Central. Sabendo da morte dos caçadores aos quais Monica havia sido entregue por Rafael em troca de uma trégua com os inimigos dos licantropos, Marília pressionou o sobrinho a fornecer um meio de transporte seguro para o retorno de Monica.

Essa conexão aérea foi fornecida por aliados colombianos de Rafael que pegaram Monica, a criança e um médico brasileiro na fronteira da Amazônia. A menina estava em estado de saúde muito delicado, mas conseguiu se recuperar. Todos se admiraram com sua capacidade mental, visto que não sabiam que uma criança autista pudesse ser peeira. Já em terras hondurenhas, Monica rompeu com todos, inclusive as irmãs beta, ainda magoada por ter sido utilizada como moeda de troca pelo sobrinho temeroso de conflitos contra caçadores experientes, sem ver oposição dos outros parentes a esse arranjo.

A partir daí, com Nazaré já recuperada e o médico deixado à própria sorte, seguiu seu próprio caminho, e Bruno não soube mais nada a respeito das duas. Isso dava a certeza de que a sequestradora não estava abrigada com Rafael, nem com as irmãs com as quais morou no passado. Ainda restava checar Maria, Julio e Cesar, apesar deste último ser muito pouco provável, visto o histórico de seus atos em família. Os dados foram passados a Caroline pelos canais tradicionais logo que o agente se viu em local seguro. A brasileira aguardava mais levantamentos de dados para definir os passos do grupo, e Fênix estava a caminho de mais uma coleta de informações, enquanto Dante aguardava novas ordens, escondido em local estratégico.

Porrada na Guatemala

Postado em 10 de março de 2010 por dr-glendon

Tenho colecionado mais hematomas e concussões do que cartões postais nesta viagem maluca pela América Central.

Como escrevi num *post* anterior, estou na reta final da caçada a El Lobo, quase posso sentir o cheiro de pelagem e sangue (no sentido figurado, lógico, porque não viro bicho que nem ele). Depois de tanto acreditar/desacreditar nessa busca por lobisomens, finalmente tenho fé que alcançarei meu objetivo. Mas o assunto hoje não é esse.

Este *post* é para relatar um negócio que vi aqui na Guatemala e que me deixou puto. Estou digitando de um computador velhão em outra biblioteca pública, suspeito até que seja um 486, de tão lento que é.

Voltei à Guatemala, pois sei que aqui conseguirei os meios para atingir meu alvo. Estava eu em uma rua de uma cidade qualquer (pelo bem da investigação, é melhor não citar nomes), quando me deparei com uma cena revoltante. Uma mulher, de aspecto frágil e aparência de esgotamento físico, entrou em um bar e comprou uma garrafa de água. Ela levava uma menina pelas mãos. O dono do bar olhou para essa menina, que aparentava uns dez ou onze anos, e percebeu que não era filha da mulher que a acompanhava, elas eram muito diferentes.

O canalha, então, ofereceu uma grana para a mulher dar a criança pra ele. É isso mesmo que você leu: ele queria comprar a menina! Filho da puta nojento! A mulher ficou sem ação e a criança parecia alheia a tudo o que acontecia ao redor, tinha o olhar parado e vazio. Acho até que ela tinha algum problema de cabeça.

Eu estava entrando no bar para beber alguma coisa, depois de ter parado na calçada para pedir uma informação de endereço, e tive oportunidade de acompanhar toda a cena. Meu sangue ferveu! Comecei a bater boca com o filho da puta, porque aquilo era imoral demais pra eu simplesmente ignorar. Ameacei chamar a polícia e o cara riu da minha cara. A mulher, sentindo cheiro de encrenca no ar, saiu de fininho, arrastando a menina de forma até bem rude.

Perdi o controle, peguei uma garrafa de vidro em cima do balcão sujo e quebrei-a na cabeça do desgraçado! A partir daí, foi um tremendo pandemônio. Dois caras que estavam lá bebendo foram defender o sacana, aí foi cadeirada, soco e pontapé pra tudo quanto era lado. Ainda consegui dar um cacete em um deles, um baixinho barrigudo. O outro, mais novo e mais forte, me deixou com um olho roxo e arrancou dois dentes da minha boca.

Quando vi que não aguentaria os socos desse maluco, corri de lá rapidinho, porque morto não conseguiria atingir meu objetivo. Filhos da puta! Percebi que o mundo tem mais monstros do que eu desconfiava, e muitos deles nem precisam virar lobisomem pra fazer maldades!

Não é à toa que surgiu do nada na cidade da Guatemala aquele buraco no chão, que até engoliu um prédio. Isso aí é uma porta do inferno mesmo, pra levar tudo embora. Por mim, podia surgir um buraco maior ainda e sugar todo este lugar de merda, onde tudo é corrupção e putaria!

Então é isso aí. Agora eu estou todo dolorido, banguela, ainda puto da vida. Eu nem deveria me dar ao luxo de desviar minha jornada para postar isto no *blog*, mas precisava desabafar. Essa vida de paladino da justiça não é pra mim!

Agora é certo: o próximo post será sobre o encontro com El Lobo. Até mais!

Tags: Guatemala; porrada; pedofilia

PENSAMENTOS DE UMA CRIANÇA AMEDRONTADA EM FUGA

Ainda bem que eu aprendi a fazer uma conchinha na minha cabeça e entrar nela sempre que quero. Fora da minha cabeça o mundo é muito ruim, as pessoas ficam gritando umas com as outras e se machucando. Eu estava com sede e cansada, e a mulher que anda comigo falou que ia me dar um negócio pra beber. Por que as coisas nunca dão certo? Ela tentou pegar uma água pra me dar, mas uns homens começaram a gritar e a gente correu. Tenho muito medo de gente que machuca os outros. Também não gosto de grito, faz meu coração pular no peito. Quando acontece um negócio ruim, eu me escondo na conchinha. Dentro dela, não ouço grito, não sinto frio nem dor, minha barriga não dói. Só não dá pra ficar para sempre. Às vezes eu tenho que sair pra comer ou fazer um favor a Monica. Eu fui fazer cocô e saiu só água e doeu também. Eu estou fraquinha, não aguento mais fugir, mas a Monica falou que a gente está quase chegando. Eu só precisava fazer um favor pra ela. Tem um lobo fortão andando por aí, eu senti ele na minha cabeça. Ele tem uma conchinha na cabeça dele também, só que ele fica lá o tempo todo. Eu queria ser que nem ele, ficar sempre dentro da conchinha. Tentei falar com ele, mas não me ouve. Será que é surdo da cabeça? Ele é preocupado que nem a Monica e está cheio de medo que nem eu. Será que ele tem alguma pessoa pra dar comida e água a ele? Se eu encontrar com ele um dia, a gente vai conversar bastante, que nem eu fazia com a loba no mato. Será que ele consegue me levar de novo pro mato? Aqui onde a gente está só tem gente nervosa e fumaça fedida. E a loba minha amiga? Nem lembro mais como ela é. Muito triste. Um dia eu pensei que tinha ouvido ela lá longe, mas era só um bicho nervoso mordendo umas pessoas, não era ela não. Ela é boazinha e alegre, pega fruta e peixe pra mim. Será que ela tá bem?

DOG EAT DOG

Benito Bandit chegou para mais um dia de trabalho no seu Pontiac Trans Am 1977 caindo aos pedaços, com suspensão levantada, procedimento adotado por ele por se cansar de estragar o carro rebaixado em terreno tão irregular. Repassava as tarefas que o aguardavam naquele dia. Era responsável pelas compras e controle dos funcionários da Danceteria Blue Moon, o que numa segunda-feira queria dizer muito trabalho. Seu automóvel preto passou pelo primeiro portão de ferro às dez e meia da manhã, apenas cinco horas depois da saída do último cliente.

Parou o carro em frente a outro portão, ao lado da guarita de vidros escuros. Destravou o porta-malas, desligou o motor barulhento e desceu. De trás das grades do segundo portão, quatro seguranças armados acompanhavam com atenção os movimentos dos dois colegas saídos da guarita ao lado do recém-chegado. Um deles revistava-o gentilmente, enquanto o outro checava o conteúdo do porta-malas e do interior do veículo. Procedimento padrão.

Benito não se importava com a paranoia de segurança do chefe, chegando ao cúmulo de obrigar todos os funcionários a morarem no mesmo condomínio fortemente vigiado, um reduto do “Grande Irmão” do Panamá. Ele pagava muito bem e não implicava com os subalternos, desde que tudo corresse bem. Bastava cada um fazer o seu trabalho corretamente e não sair da linha, e todos permaneceriam felizes. Praticamente não via Cesar Chavez, afinal, este era um homem de hábitos noturnos, e durante o dia ficava ausente, provavelmente descansando e cuidando de suas criações. Benito fazia os pedidos da ração para cães de grande porte e da carne, tudo em grandes quantidades, para os chamados “garotos do subsolo”. O homem das compras se achava um privilegiado, por ser um dos poucos a conhecer o local de cativeiro das pessoas que se tornavam lobisomens e lutavam na arena. Isso era um voto de confiança de Cesar.

A revista foi finalizada. Os seguranças deram um sinal positivo aos de dentro, e o segundo portão começou a deslizar horizontalmente para permitir a entrada do funcionário. Benito foi em direção ao carro e o veículo veio ao seu encontro, impulsionado por uma explosão violenta. O resultado da ação do artefato explosivo controlado à distância foi a morte instantânea de todos os homens próximos, além de danos permanentes nos portões e em parte dos muros. Ninguém pensou em vistoriar a parte de baixo do veículo, onde Justiceiro tinha instalado o equipamento que conhecia bem.

O estrondo ensurdecedor foi ouvido ao longe pelos moradores da vila mais próxima, distante alguns quilômetros do local do ataque, mas estes continuaram com seus afazeres rotineiros. Quem teve possibilidade, saiu para visitar parentes ou tratar de negócios longe dali. Todos sabiam ser prudente não fazer parte dos acontecimentos acerca do Blue Moon, atos violentos do passado deixaram isso bem claro.

O furgão chegou em dois minutos, apenas o tempo de deixar a elevação na estrada de onde Johnny vigiava a entrada com binóculo de grande alcance, e chegar ao alvo. Annie, Hitman e Justiceiro desceram e passaram pelo portão destruído pela explosão.

– Porra, cê colocou um monte de explosivos na charanga velha, hein? – comemorou Hitman. – Foi tudo pelos ares!

– Comigo a parada não é brincadeira, não – vangloriou-se o perito em armamento do grupo, enquanto desviava de pedaços irreconhecíveis de concreto, aço e cadáveres sangrentos. – Parar carro nas ruas do centro pra dar um rango na amante dá nisso. Se não roubam, colocam uma bomba que acaba com qualquer esquema de segurança!

– Nada está definido ainda – Annie apontava para o prédio principal, distante cinquenta metros do muro arruinado pelo qual avançavam. – Temos de passar pelo espaço aberto do estacionamento, e deve haver mais três ou quatro seguranças lá dentro, segundo as informações do Chip.

– Esta belezinha aqui vai nos ajudar com isso.

O rapaz com a caveira no peito empunhava uma bazuca. Preparou-a para atirar e assumiu uma postura de modo a absorver o coice violento da arma. O projétil alçou voo até a grande porta de entrada do térreo, causando grande destruição. Dos três homens que já empunhavam armas para defender seu local de trabalho, dois morreram instantaneamente. O terceiro, mais afastado no grande salão, fraturou os dois braços e teve o estômago perfurado pela chuva de concreto e estilhaços.

A última linha defensiva tinha caído, sem baixas do lado dos caçadores. Gritos de euforia foram proferidos pelos dois integrantes masculinos do grupo de ataque. Eles posicionaram seus fuzis nas costas, pendurados pelas correias, pegaram facas de caça e começaram a correr pelo estacionamento em direção ao alvo.

– Que porra vocês estão fazendo? – Annie também corria, mas empunhava seu fuzil de modo a poder usá-lo imediatamente, caso fosse preciso.

– Cê não entende nada do negócio – Hitman balançava a faca enquanto corria, como se estocasse e fatiasse um inimigo invisível à frente. – Com a faca, a gente vai mais rápido na corrida!

– Nerds filhos de uma puta! Tudo é brincadeira pra vocês?

Não houve resposta. Eles pisaram os restos da parede do térreo, não sem antes observar que todos os vidros daquele lado da construção se quebraram ou apresentavam trincas. O que outrora foi o salão principal da danceteria era agora um amontoado de escombros. O único sobrevivente da explosão foi friamente morto a facadas e juntou-se aos seus colegas feitos em pedaços na contagem de mortos.

– A segurança caiu – transmitiu a garota pelo radiocomunicador.

– Procurem o galpão de bebidas e mantimentos nos fundos do terreno, fora das instalações da danceteria. É lá que vocês vão achar o acesso que procuramos, segundo o mapa recebido. E sejam rápidos! Não quero que isso aí dê merda.

– OK, Johnny. Faremos o serviço e o encontraremos na frente do portão destruído – interrompeu a comunicação. – Para o galpão!

– Sim, senhor! – ironizou Hitman, visivelmente alterado pelas drogas.

Chegaram à construção de aço isolada, com portões fortemente trancados. O caçador de roupas pretas tirou da mochila militar os dispositivos necessários, instalou-os na porta e inicializou o contador. Todos se abrigaram ao lado das paredes laterais do galpão e, após a explosão, ainda precisaram forçar o que sobrou da porta para poder entrar. Precisaram usar lanternas para enxergar o caminho dentro do quadrilátero escuro. Havia diversas caixas empilhadas ao longo dos quatro corredores altos de estantes visíveis, o material mais próximo dos portões também danificado pela explosão, enchendo o chão de diversos tipos de bebidas alcoólicas.

– Que desperdício de uísque e tequila, hein?

– Hitman, pare de falar merda e continue com a busca!

– E quem falou que você é a comandante?

– Vamos resolver essa parada no braço, seu *junkie* de merda?

– Calem a boca, caralho! – gritou Justiceiro. – Vamos logo com isso, que não podemos demorar! Procurem qualquer coisa que possa ser uma passagem para o subsolo.

Durante quase vinte minutos, eles procuraram aberturas que pudessem levar aos níveis inferiores, mas não havia portas ou alçapões visíveis. Annie decidiu ir até as salas no primeiro andar, onde aparentemente ficava o armazenamento de documentos dos negócios de Cesar Chavez. Alguns chutes na porta trancada deram acesso ao interior. Gavetas foram reviradas. Um grande armário de aço no fundo foi arrombado e revelou-se uma porta disfarçada que levava a uma espécie de elevador de dimensões reduzidas. Ela entrou sozinha, pois só cabia uma pessoa ali, e acionou o botão para descer.

O ruído baixo e grave do motor, o espaço minúsculo com paredes metálicas lisas e a sensação de descer quilômetros dentro da terra, dada a demora em chegar ao fundo, tudo isso causava uma crescente sensação de incômodo na caçadora. A iluminação fraca da caixa de metal e os tremores durante a descida também não auxiliavam em nada para acalmá-la. O ar foi ficando difícil de respirar, abafado, um cheiro de terra escavada tornou-se forte. Quando o pequeno elevador tocou o chão, Annie se assustou e soltou uma pequena interjeição. À sua frente, somente um quadrado negro, silencioso e ameaçador.

Ela suava frio e se envergonhava de sentir tanto medo. Estava só, na iminência de encarar um inimigo invisível em um ambiente totalmente desconhecido. Colocou os óculos de visão noturna e checkou a acessibilidade do *spray* de pimenta, da faca e das granadas no seu equipamento. Tentou usar o radiotransmissor, mas estava sem sinal, e amaldiçoou seu erro por não ter notificado a existência do elevador anteriormente. Empunhou o fuzil, sentindo o colete de proteção apertar incomodamente, os itens pesarem demais nos bolsos das calças e no cinto. Em seu íntimo, não desejava prosseguir, mas o fez. No seu conceito, missão recebida era missão cumprida.

Analizou rapidamente o corredor. Era uma passagem de aproximadamente dois metros de largura por três de altura. As paredes eram de tijolo e o chão de concreto grosseiro, áspero e mal acabado. Havia umidade em todo o ambiente, era difícil respirar, o tom verde da sua visão noturna era opressor. Avançou quase dez metros, até encontrar uma curva à esquerda. Pronta para atirar ao mínimo movimento ou som, espiou o novo caminho e enxergou, a aproximadamente dois metros de distância, uma porta de ferro com um grande cadeado a trancá-la. Devia ser ali o lugar que procuravam. Chip, através de monitoramento de satélite – e também do próprio Chavez –, notou grande movimentação de caminhões neste galpão durante a noite. O local de aprisionamento dos lobisomens da rinha, atividade descoberta recentemente pelo especialista em tecnologia do grupo, devia mesmo ser ali.

Pensou em voltar e avisar os colegas, mas achou melhor prosseguir com o reconhecimento sozinha, não só por causa da perda de tempo ao trazer todos por um caminho tão restrito e precário, mas também pela pouca ajuda que eles ofereceriam. Em suas técnicas de combate aprendeu que, por mais numeroso que seja o inimigo, se o ataque for em um ambiente de dimensões reduzidas, é possível contê-lo e tentar equiparar as forças. Se uma horda de lobisomens irrompesse por aquela porta, no máximo três deles conseguiria avançar de uma vez sobre ela naquele corredor, e teria armamento suficiente para dar conta deles. Destruiu o cadeado com tiros de fuzil e abriu o trinco. Antes de empurrar a porta, ligou um aparelho na sua cintura que emite ruídos ultrassônicos em uma frequência incômoda aos lupinos. Isso tiraria um pouco da concentração dos licantropos que pudessem estar ali presentes. Esperou alguns segundos, abriu uma fresta da porta, lançou para dentro uma *flashbang* e fechou novamente. A granada não letal, cujo intuito é desorientar o alvo através da supressão temporária das capacidades auditiva e de visão, explodiu no interior do cômodo.

Só então a caçadora chutou a porta e analisou visualmente o recinto, preparada a enfrentar os inimigos. Era uma espécie de antessala de quatro metros de largura e comprimento, totalmente vazia. Annie amaldiçoou mentalmente o desperdício da *flashbang*. À esquerda havia uma grande mesa de madeira rústica. Ocupava toda a parede daquele lado e tinha sobre sua superfície diversas vasilhas de alumínio similares às aquelas usadas para servir ração a cães de grande porte. Pendurados sobre ela, diversos modelos de máquinas de choque. À direita, alguns bastões com laços repousavam encostados em um canto, e de um prego na parede pendia um molho de chaves grandes. A garota se dirigiu à grade de ferro no lado oposto ao que adentrou o recinto. Encontrou um interruptor na parede ao lado e acendeu as luzes fracas do outro cômodo. Tirou os óculos, olhou através das barras grossas e viu uma espécie de prisão com celas gradeadas, similares a jaulas, dos dois lados do largo corredor.

Percebeu movimentações discretas na carceragem, havia prisioneiros ali. Em uma avaliação visual rápida, contou nove deles. Conseguiu ver o semblante apenas dos mais próximos, todos jovens, com feições de sofrimentos e as mãos sobre as orelhas. Annie desligou o aparelho de ruído. O que faria agora? Seriam esses os lobisomens da arena de lutas? Seus pensamentos foram interrompidos com o som do elevador subindo. Ela deu um salto, o susto quase fez seu coração pular do peito. Seria algum dos seus colegas? Seria alguém contra-atacando? Só havia uma coisa a fazer: posicionar-se no corredor à frente do elevador e verificar quem era.

Cautelosamente, fez o caminho de volta e ficou de pé a um metro da abertura por onde baixaria a caixa metálica, os óculos de visão noturna recolocados sobre os

olhos. Barulhos vindos de cima indicavam que o elevador iniciava novamente sua descida, mas o movimento foi mais rápido do que o esperado. Com estrépito, a caixa atingiu violentamente o chão, deformando-se e lançando pedaços sobre a garota. Sobre o objeto metálico retorcido, o cabo de aço de sustentação se enrolou como uma grande serpente. Estava rompido.

Annie recuou, espantada, ainda tentando avaliar a situação. Sentiu as pernas molhadas e imediatamente fez uma análise da sua integridade física. Havia sangue nas calças. Procurou cortes causados pelos fragmentos do elevador, mas aparentemente não tinha sido ferida. Só então percebeu os restos humanos espalhados ao redor, entre eles a cabeça de Hitman e um torso com a caveira estampada. Não teve tempo de entrar em choque ou imaginar o que havia acontecido, pois ouviu um som terrível que gelou sua espinha: algo mais deslizava pelo fosso do elevador, fazendo cair uma cascata de terra.

Um dilema assaltou-a durante um segundo: ficar e alvejar o que quer que viesse por ali ou abrir fuga e se refugiar entre as grades da prisão? Nesse tempo, seu discernimento não levou em consideração coisas como honra militar e bravura durante combate, apenas a autopreservação gritou em sua mente que corresse para a possibilidade de segurança, atrás das grades. E foi o que fez. Já ouvindo uma fera assassina urrar através da abertura do fosso, correu insanamente, fechou a porta de ferro e percebeu que não havia tranca do lado de dentro. Empurrou uma mesa sobre a imensa folha de ferro, de modo a dificultar sua abertura.

Sabia que isso não seria suficiente para segurar o ser e pegou o molho de chaves com mãos hesitantes. Arrancou os óculos, que atrapalhavam a escolha da chave certa, e tentou desesperadamente encaixar a primeira delas na fechadura da grade de segurança. Já ouvia passos no corredor. Tentou a segunda chave, e esta também não serviu. Um golpe ecoou na porta de aço e a mesa a manteve fechada. A terceira chave não funcionou. Novo golpe, e lascas de madeira da mesa voaram pelos ares.

– É a chave com a lingueta mais comprida! – gritou em espanhol uma das garotas encarceradas.

As mãos de Annie tremiam, todas as chaves pareciam ter o mesmo tamanho. A mesa estava se esfacelando sob os golpes do grande lupino, e já havia uma abertura suficiente para a passagem de um braço inumano. A garota tentou mais uma chave, e o resultado continuava sendo negativo.

– Me dê as chaves! Eu me solto e abro essa grade! – a mesma prisioneira se manifestou novamente.

A caçadora hesitou. Teria mesmo ajuda daqueles infelizes? Todos eles a observavam com olhos ansiosos, através das grades de suas terríveis moradias. Deixou cair o molho de chaves. Maldição! Como saberia quais já haviam sido utilizadas? A mesa finalmente cedeu e Annie percebeu que precisaria lutar cara a cara com a fera. Em um último ato desesperado, chutou o conjunto de chaves para o interior da carceragem. A sorte estava lançada. A porta foi escancarada com violência.

O lobisomem, imenso, parecia ocupar toda a abertura da porta com suas presas pingando saliva espessa, olhos arregalados e insanos. O fuzil empunhado sem técnica ou pontaria cuspiu projéteis a esmo, resultado de puro pavor e instinto de sobrevivência. Ele recuou, apesar de não parecer gravemente ferido com o ataque, e isso permitiu que Annie avançasse até o batente, ainda atirando. A criatura correu até a curva do corredor e foi seguida por uma granada lançada com agilidade. Um segundo antes da explosão, a garota fechou novamente a porta de aço e segurou-a com as próprias costas. Ofegante, empunhou novamente o fuzil e esperou por um novo ataque.

Estrondo e barulho de desmoronamento. Tentou usar novamente o radiotransmissor, que continuava sem sinal. Do lado de fora, urros amedrontadores, abafados. Do lado de dentro, a jovem prisioneira tinha deixado sua cela, mas em vez de cumprir o prometido, estava libertando seus companheiros de prisão, alguns deles já metamorfoseados. Annie se viu presa em um cubículo no subsolo, com lobisomens a ocupar as duas saídas deste, sem saber o que fazer. O ar pareceu sufocá-la, o suor era frio e pegajoso, seu equipamento começou a pesar demais. Pela primeira vez em suas caçadas, teve certeza de ser destroçada impiedosamente.

Johnny voltava com o furgão após ter saído do ponto de encontro e rodado por alguns minutos. Precavido, logo que deixou seus soldados no local de ataque, manobrou o veículo até a estrada e ficou no acostamento, de modo a poder enxergar quem vinha nos dois sentidos, e também controlar a rua do Blue Moon, perpendicular ao seu local de observação. Manteve contato com os rapazes pelo rádio, e ficou impaciente por eles ainda não terem achado o esconderijo dos lobisomens. Segundo as informações que receberam de Chip por e-mail, a entrada para a prisão subterrânea dos bichos ficava no galpão, mas eles estavam lá havia meia hora, e nada de terminarem o serviço. O chefe da equipe queria uma ação de no máximo vinte minutos.

Quando viu pelo retrovisor um carro esporte vindo da direção da cidade, ligou o motor e se afastou, sem perder de vista o recém-chegado. Era apenas um

homem, num Porsche, e foi direto para a entrada destruída. Johnny seguiu em frente para não levantar suspeitas, mas passou uma mensagem de rádio ao garoto apelidado de Justiceiro, avisando do visitante indesejado. Eles ficaram a postos para liquidá-lo prontamente. Hitman apresentou uma fala arrastada, tudo levava a crer que estava mais empenhado em esvaziar garrafas do que em procurar por passagens subterrâneas dentro do galpão. Isso o deixou furioso. Para piorar a situação, Annie estava incomunicável. "Era só o que me faltava, perder a única pessoa que leva as coisas a sério nesse bando de filhos da puta inconsequentes!" – pensou.

Imaginando já haver um novo cadáver nativo no terreno, fez um retorno na estrada e voltou ao seu ponto de observação.

Parou o furgão perto da entrada do Blue Moon, atrás do Porsche com a porta do motorista escancarada. Um vulto imenso atravessou a frente do galpão, rápido como um raio, e o ancião sentiu seu sangue gelar.

– Jesus Cristo! – gritou, enquanto dava ré cantando pneus.

Pisou fundo no acelerador, quase capotando ao fazer a curva que dava acesso à estrada. Era um lobisomem o ser a se movimentar com tanta agilidade. "Eles que se virem com o bicho, agora é cada um por si!" – o velho caçador atingiu seu limite. "Foda-se a dívida de amizade com Vansing, vou voltar para os Estados Unidos!" Já na segurança do asfalto, a toda velocidade, olhou pelo retrovisor para checar se não estava sendo seguido. Tudo limpo. Quando voltou os olhos para frente, seu cérebro precisou de alguns instantes para entender o que presenciava: um projétil gigante, de forma indefinida, a voar contra o para-brisa.

O licantropo tinha saído da vegetação marginal e saltado de frente para o veículo em alta velocidade. Encolheu as patas traseiras, abaixou a cabeça e protegeu-a com os braços poderosos. Uma imensa bola de pelos com mais de duas centenas de quilos atingiu violentamente o vidro dianteiro e avançou na direção do motorista. Não o atingiu em cheio, mas cumpriu com seu intuito de tirá-lo de ação. Johnny sofreu fraturas no braço direito, na clavícula e em algumas costelas, nesse mesmo lado. O estrago só não foi maior porque o banco cedeu com o impacto, e os dois foram lançados para a parte traseira do furgão. O veículo perdeu o controle e capotou três vezes antes de parar, na vegetação ao lado do asfalto. Com dores extremas e diversas hemorragias pelo corpo, o caçador ainda tinha os sentidos alertas.

Algo perfurara seu pulmão e cada respiração era uma imensa agonia. Tentou mexer as pernas e adivinhou fraturas expostas entre as pontadas horríveis que

sentia a qualquer movimento dos membros inferiores. Cuspiu sangue e dentes com raiz. Estava com o rosto voltado para o teto do veículo, que agora repousava sobre a terra revolvida. Uma insinuação de movimento ao seu lado o fez tentar virar a cabeça e certificar-se do que era, mas seu crânio parecia rachado ao meio, tamanho o tormento sentido. A respiração pesada, somente alguns segundos depois identificada como não sendo a sua, ficou cada vez mais próxima. Um líquido quente e viscoso gotejava sobre sua nuca. O rosnado baixo, próximo ao seu ouvido, delatou a natureza do seu algoz.

"Jesus Cristo, o bicho me pegou! Maldita hora que fui concordar em assumir esta missão, em nome da amizade. Caralho, que dor, que dor! Vansing, você vai me pagar quando eu encontrá-lo no inferno! Me mata logo seu cão desgraçado, eu não aguento mais essa dor!"

Em vez de acabar com o sofrimento do homem de forma rápida, o licantropo apenas aplicou-lhe um soco poderoso nas vértebras próximas ao pescoço. O resultado foi o cessar da respiração do ancião, alguns momentos de agonia adicional antes do tão esperado fim. "Malditas gerações Y e Z!" – foi o último pensamento lúcido em meio ao tormento do caçador.

A fera arrancou a porta traseira e partiu na direção da danceteria. Sua ação estava apenas começando.

Annie usou a matemática para tomar sua decisão: mais valia enfrentar um único lobisomem feroz do que se arriscar entre uma quase dezena de outros recém-libertos. Abriu a porta de ferro e seguiu em direção aos corpos dos colegas. Acendeu a lanterna antes de virar à direita no corredor, onde ficava o elevador. Houve um desmoronamento parcial do ponto onde a granada explodiu. Estaria a criatura em meio a toda aquela terra? Revirou rapidamente alguns escombros e só encontrou pedaços de Hitman e Justiceiro. Iluminou o fosso e percebeu marcas de garras profundas, diferentes das que a criatura deixou ao descer por ali. O lobisomem fugiu. Restava somente a alcateia do outro lado da grade.

– Moça, não atire, por favor – era a voz da mesma prisioneira da conversa anterior, vinda do corredor às suas costas. – Não queremos lhe fazer mal. Você é a nossa esperança de escaparmos daqui.

Desconfiada, com a arma sempre pronta para ser usada, Annie dobrou novamente o corredor e decidiu ouvir o que a interlocutora magra e maltrapilha tinha a dizer. Ao fundo, oito lobisomens hesitavam em sair pela outra porta, que dava para um lugar desconhecido pela caçadora. A prisioneira, em um espanhol

repleto de sotaque, mas suficientemente compreensível pela estadunidense com alguma fluência no idioma, explicou a situação dos enclausurados.

Os mais velhos – ela se incluía nesse grupo –, na casa dos vinte anos, foram capturados, ainda crianças, na época em que Cesar fez sua limpeza étnica no Panamá. Os mais novos, ainda adolescentes, já nasceram na prisão e eram filhos de Cesar com prisioneiras beta. Somente os machos lutavam na arena, as fêmeas serviam unicamente para procriação e diversão sexual – como no caso da própria garota que falava, uma ômega cuja única serventia naquela existência cruel era "aliviar" os lutadores presos. O comandante daquela pequena alcateia amedrontada abusava, agredia e matava conforme seus torpes caprichos. Entre seus funcionários, nenhum era licantropo, ele não confiava nos de sua espécie, resultado de experiências passadas com seus familiares – odiados mortalmente por ele.

Annie ouvia o relato corrido com apreensão, sempre vigiando o fosso e a carceragem. Poderia ser um artilho do grupo, para ser entregue com mais facilidade ao grupo, mas não tinha outra escolha a não ser oferecer seus recursos bélicos aos lobos aparentemente mais apavorados que ela. Seguiu com a garota para o local das celas, mas ordenou que os lobisomens dali formassem a linha de frente na fuga, enquanto a caçadora dava cobertura.

A garota, chamada Ana, abriu a outra porta e seguiram por um novo corredor escuro, uma curva ampla que tinha diversas outras portas na sua extensão. Era o acesso aos diversos pontos de entrada da arena. Os licantropos eram tomados por tremores e gemiam baixo. Dois deles urinaram no chão. Aquele caminho significava para eles sofrimento e morte. Pela primeira vez, desde o início de suas atividades, a caçadora percebeu que tais criaturas eram, em seu âmago, meros humanos, com sentimentos e expectativas. Odiava cada vez mais o dono do Blue Moon. Ana abriu uma tranca pesada de outra porta de ferro, e todos hesitaram ao ver a abertura para o pátio circular com marcas antigas de sangue. Focinhos farejaram freneticamente o ar, buscando indícios da presença do opressor. Nada.

Como um único organismo vivo, o grupo seguiu hesitante, cada um assumindo um ponto de observação. Os machos mais fortes formaram um arco na vanguarda do deslocamento. O restante fechou um círculo sobre Ana, mantendo protegida a mais fraca deles. Annie seguia na retaguarda, vigiando as arquibancadas atrás deles, mas sem perder a admiração por aqueles seres miseráveis e ao mesmo tempo altivos, irmãos de sofrimento a unir forças por um bem comum, uma noção de conjunto que nem os caçadores possuíam.

As duas fêmeas beta se destacaram do grupo e correram até um ponto do muro alto. Uma se apoiou sobre as patas traseiras, posicionou as dianteiras no

muro e deixou a outra escalar seu corpo para poder ter acesso ao topo e verificar o estado do arame farpado e da cerca eletrificada. Um farejar, um toque tenso. Desligada. Imediatamente, a examinadora arrancou o máximo que pôde dos cabos pontiagudos, ignorando a dor dos ferimentos, e se acorcorou sobre o topo largo. Os outros começaram a escalada pelas costas da colega de alcateia e foram içados pela outra fêmea até o alto, de onde pulavam. Ana e Annie foram arremessadas com agilidade pelo último licantropo na arena e depois aparadas pela loba do topo e pelos outros nas arquibancadas. Um salto solitário no muro, um novo auxílio, e os dois últimos alcançaram os colegas.

O clima ainda era tenso, pois não sabiam como sair dali. Desconsideraram os elevadores dos convidados, péssimo meio de fuga. Por sorte, havia também escadas de emergência, e por elas seguiram às pressas, o mesmo grupo compacto. A fêmea ferida deixava uma trilha de sangue após a sua passagem. Foram subindo os degraus, ganhando os níveis superiores. Galgaram todos os subsolos, segundo as placas iluminadas por luzes de emergência. O beta mais fraco ia sempre um lance de escadas à frente, farejando e notificando o grupo. Nada de Cesar. Teria a caçadora ferido tão mortalmente o poderoso lobisomem a ponto de fazê-lo abrir fuga sem represálias?

A apreensão era crescente. Chegaram ao térreo e não havia porta de saída. Até onde a escada levaria? "Irmãos, cheguei ao primeiro andar, e há aqui uma porta destrancada" – comunicou o batedor. O medo geral era quase palpável. Aqueles indivíduos somente se mantinham firmes graças ao grupo formado, uma união que Cesar sempre evitou com o cárcere. O único combustível para suplantar o medo era a confiança nos irmãos da alcateia recém-criada.

Avançaram ainda hesitantes, e sentiram novamente o cheiro do odiado opressor, ainda sutil, e outro cheiro, de um indivíduo desconhecido. Em seguida, ruídos de luta chegaram aos ouvidos lupinos. O sangue dos guerreiros ferveu, e viram naquela luta a chance de suas vidas. Correram por corredores labirínticos e salas escuras até encontrarem a origem do barulho, logo atrás de um painel móvel, que foi imediatamente destruído pelos lobos da frente. Era o reservado para deficientes, no banheiro do primeiro andar. Correram todos para fora onde, de fato, ocorria o enfrentamento. Annie ficara para trás, junto com a ômega, e foi a última a chegar ao ambiente da danceteria reservado ao pop rock, agora totalmente destruído.

Viu, com grande admiração, o imenso lobisomem castanho engalfinhado com outro um pouco menor, de pelagem cinza e marrom, no centro do recinto. Este último levava clara desvantagem na luta, e só foi salvo da morte pela chegada da

alcateia. Os lobos mais jovens, de pelos eriçados, rosnando e babando de puro ódio, começaram a rodear Cesar. Parecia estar tudo perdido para ele, mas um alfa experiente sabe agir rápido e tirar proveito do ambiente.

Saltou por cima do oponente quase desacordado, escapando da investida de dois indivíduos que o atacaram pelas costas. Posicionado sobre as patas traseiras, com as costas bem próximas de um canto, restringiu o alcance do ataque dos inimigos. Fez uso de restos de cadeiras e mesas a seus pés e atirou pedaços pontiagudos de madeira nos mais próximos com força descomunal, ferindo seriamente três deles com perfurações nos olhos e pescoços. A portadora do fuzil tentou mirar, mas havia muitos aliados no caminho e não queria feri-los. Sentia-se parte daquele grupo de desesperados.

Nova onda de ataque veio na forma de mordidas e arranhões pelos cinco licantropos restantes do grupo, e a prioridade era minimizar ao máximo o poder de defesa de Cesar. Braços e pescoço foram os alvos e, por instantes, a estratégia do grupo funcionou, mas o colosso lupino estava disposto a sobreviver a qualquer custo. O lutador solitário caiu de costas no chão e começou a empurrar os oponentes com as patas traseiras e se livrou de três dessa maneira, um deles lançado violentamente sobre Annie e a ômega, derrubando-as com o impacto. Dos dois restantes, uma era a fêmea ferida pelo arame farpado com presas sobre seu pescoço; outro, um beta bastante agressivo que arranhava seus músculos do braço esquerdo e fechava mandíbulas poderosas sobre seu pulso. A prioridade era a defesa do ponto mais vital. Segurou o pescoço da fêmea com a mão livre e apertou com toda sua força, até senti-la afrouxar a pressão exercida. Em um golpe rápido, visou o coração com presas afiadas. Uma primeira tentativa atingiu apenas algumas costelas. A dor no braço esquerdo era imensa. Nova tentativa e o tórax foi perfurado mortalmente. Ela caiu.

Os outros três arremessados anteriormente já retomavam a postura ofensiva quando Cesar se levantou rapidamente, segurou a nuca do lobisomem aferrado ao seu braço com a mão livre e bateu-o insanamente nos outros. Um dos mais jovens se livrou da investida e saltou sobre a cabeça do alfa. Porém, sua pouca técnica de combate foi fatal. O lobo maior fez um movimento rápido da cabeça para cima, pegando desprevenido o novato e fechando mandíbulas sobre um braço e pescoço, dilacerando-os. O outro atacante finalmente conseguiu decepar a mão esquerda de Cesar, mas foi igualmente eliminado com ferimentos de presas no pescoço. Dos dois restantes, um recebeu um soco poderoso no focinho e caiu desnortado sobre Ana, e o outro mordeu o quadril do poderoso oponente, mas teve o crânio esfacelado com golpes de um punho tão pesado quanto uma marreta. Ana e o seu

companheiro foram estraçalhados com unhas e dentes ensandecidos logo em seguida.

Mal Cesar levantou a cabeça das carcaças sangrentas dos últimos fugitivos, recebeu quatro tiros de fuzil nas pernas e no abdome. Annie mirou a cabeça do monstro caído, mas foi impedida pela outra criatura que aparentemente se recuperara do ataque inicial, e arrancou a arma das suas mãos. Desnorteada, a caçadora viu a fera de pelagem cinza e marrom se aproximar do lobisomem mortalmente ferido. Ao redor, uma cena de total carnificina: os jovens mortos e feridos voltavam todos à forma humana, revelando em sua fragilidade a devastação dos golpes do lobisomem dominante daquele território. Não havia o que fazer por eles e, pela primeira vez em muitos anos, a estadunidense chorou. Ficou ajoelhada no chão, as pernas banhadas em sangue, as mãos cansadas sobre os olhos. Sua integridade física estava preservada, mas mentalmente havia desmoronado.

“Agora podemos retomar de onde paramos, cão maldito!” – as emissões mentais da norueguesa chegavam ao crânio de Cesar como farpas. “O que você sabe sobre o esconderijo de Monica?”

“Sei que ela é uma fêmea suja e inútil, como todas vocês! Não perco meu tempo com perdedores.”

“Você é a vergonha da nossa espécie! Onde está sua irmã?”

“Você é fraca, e eu ia acabar com você facilmente. Nem me pegando de surpresa e ferido você conseguiu equiparar suas forças. Só me derrubou porque chegou a cavalaria. Eu sou o cara que matou o grande Lugano Chavez! Sou soberano nos meus domínios!” – olhou para o ponto sangrento do braço, de onde a mão foi arrancada. – “Nunca mais vou virar lobo. Merda!”

“Chega de contar vantagem. Vamos direto ao assunto, antes que morra. Do que você tratava na Costa Rica? É lá que está Monica?”

“Parece que vocês da Alcateia Global têm enfiado seus focinhos no rabo dos outros por aí, além de sabotar e fugir” – cuspiu grande quantidade de sangue. – “Já que são assim tão espertos, se virem, filhos da puta! Entrem no território das bruxas, se tiverem coragem!”

“O que existe lá? Que bruxas são essas, que tanto temem?”

“Paga pra ver, cadela! Você acha que vou entregar de bandeja uma informação dessas pra vocês, logo os sacanas que entraram no meu território como ratos e foderam os meus negócios. Pode me matar logo, porque de mim você não conseguirá mais nada.”

A petulância do moribundo drenou todo o controle racional de Fênix. O pescoço de Cesar foi dilacerado a dentadas. Seu corpo foi terrivelmente retalhado. A loba só parou quando nada mais era reconhecível da anatomia do inimigo, já na forma humana, após a morte se apresentar de forma tão selvagem. Annie, banhada em sangue e prostrada no chão, não tinha ânimo para se mover. Sabia ser a próxima a tombar sob a força mortal da fera. Passos ecoaram no recinto arruinado. Ela cerrou as pálpebras com força, torcendo para a morte ser rápida e indolor. Barulho de cacos de vidro a rodopiar sobre o piso. Silêncio.

Foi deixada sozinha, o único ser vivo no salão repleto de cadáveres. Sozinha. Essa palavra fazia um sentido muito mais amplo para a garota que, tinha certeza, era a última remanescente do grupo de caçadores. Duas dúvidas assolavam sua mente: o que faria dali em diante e, principalmente, por que teve sua vida poupada?

SAHASRARA

"É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo" - pensou Dante, em meio à mata selvagem. - "Não sei como ainda não enlouqueci".

Caminhando sobre as patas traseiras de sua forma lupina, tinha a sensação de estar mais alto, mais forte. Parou e olhou para si, da melhor maneira que a cabeça de lobo permitia. Os braços e pernas ainda eram longos e finos, cobertos de pelos grossos e negros. O tórax era estreito, se comparado aos homens-lobo de origem norueguesa, mexicana e ibérica que conheceu recentemente, criaturas imponentes e de grande ferocidade. Tateou as orelhas longas e deslizou as palmas negras pelo focinho fino e também longo. Tudo como sempre se lembrava.

Coçou distraidamente a pequena juba posicionada atrás da cabeça, tentando descobrir por que se sentia tão diferente, ao mesmo tempo tão inferior aos colegas de missão, sentindo dentro de si tamanha energia. Reiniciou a longa caminhada entre a densa folhagem sobre quatro patas, posição na qual não precisava se esforçar para ter um deslocamento silencioso. Enquanto ganhava os metros, e estes se transformavam em quilômetros, embebia-se de milhares de sensações e deixava os pensamentos fluírem, ligeiros e selvagens.

Os novos sentidos e habilidades ainda causavam certo estranhamento. Reconhecia cada animal no raio de quilômetros, mesmo sem ter contato auditivo, visual ou olfativo com eles. Seus pelos eriçados atuavam como receptores sensitivos da magnífica natureza ao redor e seus sentidos recentemente ampliados nada deixavam escapar. A brisa lhe trazia informações do clima, o solo contava histórias do passado e do presente, sobre morte e vida. O vulcão Momotombo a leste, nas margens do Lago Manágua, mesmo inativo deixava clara sua natureza destrutiva, tal qual um terrível gigante a ressonar em pesada hibernação. Podia sentir as emanções sobrenaturais das ruínas de *Leon Viejo* a oeste, sítio que o atraía instintivamente, desde quando pisou nas terras da Nicarágua.

Tais poderes, adquiridos abruptamente à custa de sacrifícios pessoais durante a missão que levava a cabo com os companheiros da Alcateia Global, seriam vitais na tarefa de rastreamento que conduzia sozinho e – não tinha vergonha de admitir –, amedrontado. Simplesmente sabia que precisava chegar só às ruínas, quando sugeriu tal manobra aos companheiros, com uma confiança nunca reconhecida em si, surgida do nada. Casillas sugeriu que fosse à Guatemala para confrontar Maria, mas Dante preferiu esta locação, apesar de pouco provável. Sentia-se como uma

marionete de seus próprios instintos, o instrumento de uma consciência imensa e incontrolável, o *alter ego* de uma divindade primordial e poderosíssima.

Decidiu avançar por longa extensão de terreno inabitada. Um dia inteiro se passou, a marcha contínua e incansável levou-o às proximidades do seu objetivo. Sentiu fome apenas nesse instante, após sentar-se em uma clareira escura e úmida para definir nova estratégia. Fez uso da vantagem natural sobre todos os outros irmãos lupinos e se alimentou de frutos e raízes, afinal era herbívoro como o lobo-guará do qual herdou características básicas. Não ter de caçar comida era um grande alívio, pois preservava forças, concentração e também mantinha o elemento-surpresa, elemento que poderia vir a ser importante na investida a acontecer em breve.

O sítio arqueológico que procurava estava a apenas cinco quilômetros de distância. Já podia sentir cada um dos seres vivos a rodear os pequenos muros remanescentes de uma das primeiras capitais espanholas no continente. Passou a língua pelos cantos da boca, de modo a retirar o excesso de saliva e espuma, resultado da transpiração causada pelo clima quente e úmido da região.

Reiniciou a caminhada. Pararia somente quando tivesse em seu poder o que viera buscar.

León Viejo é um local singular. Construída pelos espanhóis, a cidade foi abandonada em 1610 por causa de terremotos e da erupção do Momotombo, que sepultou suas construções. O que se ocultou com o tempo foi a frequente presença de licantropos nesta região e sua aliança aos espanhóis, quando da chegada destes. Os livros de História relatam a execução *por perros* de indígenas revoltosos na praça pública do local, quando então era uma cidade dos europeus. Essa é a versão oficial, pois, na verdade, esses homens foram destroçados por lobisomens, e não por cães, nesse acontecimento brutal. O sítio se esvaziou, mas as energias que atraem os homens-lobo permaneceram. Por conta disso, esse era um lugar de refúgio para um poderoso lobo alfa local, cansado da luta. Julio Chavez, ao saber das ocorrências cada vez mais frequentes de ataques no seu território e da presença de um pequeno grupo de lobos forasteiros, decidiu se afastar da capital onde morava.

Acompanhado de um pequeno grupo de segurança, acampou nas proximidades dos pequenos muros e expulsou os poucos moradores da região. Ali, livrou-se do pânico claustrofóbico da cidade, cada vez mais crescente, a sensação da iminência de uma ameaça que pudesse surgir no alto de um prédio, na virada de

uma esquina, no abrir de uma porta qualquer. Pelo menos ali conseguia ver, ouvir e farejar plenamente, sendo assim o abandono dos luxos do seu império um preço justo a pagar.

Antes de partir, comunicou aos filhos tal ação como uma saída estratégica, manobra para possibilitar o reconhecimento do inimigo de um ponto de ataque que ele desconhecesse. Pura mentira, que ele nem sabia ser convincente perante Rafael e Bruno. Estava exausto e apavorado. Sabia quem estava por trás de tudo aquilo: a Alcateia Global. Entendeu como um grande erro ter entrado em conflito com a organização anos atrás, quando seus representantes o procuraram de modo pacífico, propondo ajuda mútua na preservação dos homens-lobo da região, bem como na manutenção do anonimato da espécie. Julio, porém, sentiu-se ameaçado e, como líder selvagem, recusou o acordo mandando de volta as cabeças decapitadas dos mensageiros. A guerra havia sido declarada, quase dez anos atrás.

Desde então, todas as investidas da Alcateia foram rechaçadas com violência desmedida, uma demonstração de poder selvagem, a defesa de um território construído sobre sangue, opressão e criminalidade. Agora, porém, graças à irmã ômega que sempre desprezou, os algozes estavam em seus calcanhares, desta vez em uma missão suicida e altamente danosa. O império construído com tanto esforço agora se esfacelava. Julio não estava preparado para essa situação.

Tudo o que desejava era poder se afastar de todo o estresse da vida de imperador do crime de diversos países instáveis e corrompidos. Não tinha mais o ânimo doentio de estar na frente de batalha, como fazia Bruno em El Salvador, nem confiava cegamente nos seus subordinados a ponto de delegar-lhes todas as responsabilidades, como fazia Rafael em Honduras. Não se afastou ainda das atividades por não ver os filhos como líderes alfa natos, eles pareciam apenas betas acima da média, indisciplinados, despreparados para tamanha responsabilidade.

A noite veio, os guardas se transmutaram para manter a ronda sob a forma lupina. Julio, apesar de estar no único lugar da Terra onde sentia suas energias renovadas, continuava apreensivo. Estava entre as ruínas de León Viejo havia três dias, mas nessa noite parecia ter certeza que encontraria seu destino. O homem mirou o céu repleto de estrelas. Seria peso na consciência o que sentia? Preencheria o vazio sentido, depois de tanto tempo buscando apenas poder e riquezas? O pior de tudo era ter de guardar tudo isso para si mesmo, afinal, um grande líder alfa não pode demonstrar fraqueza. Essa situação o devastava.

Repentinamente, um uivo sobrenatural ecoou no escuro, vindo não se sabe de qual direção ou a que distância. Todos os presentes tremeram de medo. Rapidamente, os doze guardas se agruparam ao redor de Julio. Oito dos melhores

betas do país e quatro alfas de outras regiões tinham sido destacados para a tarefa de dar apoio e segurança ao grande comandante do submundo do crime na América Central. Mesmo apavorados, mantiveram suas posturas de defensores do líder, prontos a atacar quem representasse ameaça. Estavam no meio de um descampado, distantes algumas dezenas de passos de qualquer trecho da vegetação ao redor, junto aos restos de uma construção com menos de um metro de altura. De pé, olhavam em todas as direções, farejavam o ar sem parar e levantavam as orelhas para captar qualquer vestígio de som. Sem vento, sem ruído de insetos ou animais notívagos. Silêncio mortal.

De um ponto mais distante da mata, surgiu o lobisomem-guará. Vinha andando calmamente sobre quatro patas e seus passos não emitiam som, mesmo quando pisava em folhas ou galhos. Encarava o grupo sem piscar e sua silhueta se destacava do cenário de fundo, como se seu corpo emitisse um tipo de luminosidade incomum. Os lobisomens rapidamente formaram duas linhas de seis indivíduos entre o recém-chegado e o chefão, uma parede viva sólida e ameaçadora. O forasteiro parou a dez metros de distância e se levantou, parecendo mais ameaçador em sua postura bípede.

“Identifico o indivíduo na forma humana entre vocês como Julio Chavez. Exijo uma entrevista. Nada me impedirá de fazê-lo” – a mensagem mental fez todos os seus pelos do corpo se arrepiarem. “Vocês querem viver ou morrer?”

Corações dispararam, corpos tremeram. Doze mentes avaliavam qual seria a pior punição: abandonar um posto de alta confiança de um homem poderoso ou enfrentar um ser cuja simples presença incutia o mais instintivo e profundo medo? Todos sabiam que o licantropo diante do grupo não era comum, e se sentiram infinitamente inferiorizados ante sua grandeza.

– Você realmente existe... – Julio afastou para os lados seus protetores e caminhou na direção de Dante. – O grande totem está no meio de nós!

Inquietos, os subalternos aguardavam ordens, pois não sabiam mais como proceder. Dante enxergava claramente cada linha de pensamento, lia cada emoção. E o que percebia em Julio Chavez o surpreendeu. Esperava hostilidade, mas se deparou com algo muito diferente.

– É uma honra estar na sua presença – os guardas sentiram-se desconfortáveis ao ver o líder baixar a cabeça a um licantropo. Sem se virar, falou para seus homens. – Vocês podem voltar para casa. Eu ficarei aqui. Não se preocupem comigo.

Os homens-lobo hesitaram por um instante. O que acontecia ali? Estavam todos estupefatos com a cena improvável testemunhada em meio ao silêncio de uma noite na qual o tempo pareceu parar. “Vão!” – ordenou o brasileiro, e só então eles pareceram sair de um transe e partiram numa corrida ansiosa, na direção dos veículos estacionados em uma rua de terra ali perto. Quatro camionetes deixaram León Viejo, e seus ocupantes nunca mais pisaram aquelas terras.

“Levante a cabeça” – a sensação do brasileiro era totalmente nova e desconfortável. Nunca tinha sido alvo de tamanha devoção.

O agente da Alcateia Global esqueceu o motivo real de estar ali. Uma situação totalmente inesperada apresentou-se, e algo como eletricidade, porém, mais intenso, percorreu todo o seu corpo. Aquele lugar era realmente especial, e o homem diante de si ativou mais uma porta de conhecimento. Lembrou-se de uma frase dita por Casillas, no início da missão no Haiti: “é uma jornada de conhecimento que você terá de fazer por conta própria, na prática perceberá alguns dons incomuns, revelados aos poucos, conforme for precisando deles”. Sua fome de autoconhecimento era maior que a necessidade de localizar Nazaré e Monica.

Deixando os pensamentos inseguros de lado, o lobisomem se concentrou em Julio Chavez e algo similar a um impacto o atingiu. Passou a enxergar pontos luminosos no corpo do seu interlocutor: uma grande esfera verde a pulsar com vivacidade no peito, o azul a queimar na garganta, vermelho na base da espinha, um ponto laranja abaixo do umbigo, outro amarelo na barriga. Na testa, uma forma luminosa azul clara indicou um caminho que Dante já conhecia, o meio que aprendeu a usar para ler mentes. Porém, foi no topo da cabeça, através de um colorido único no formato de mil pétalas, que encontrou um caminho novo. Não era simplesmente o acesso a sentimentos e pensamentos de um semelhante, aptidão que já havia adquirido antes; era o caminho para tocar a energia vital, o que rege todo o resto do organismo. Focalizou sua mente nesse ponto e deixou-se engolfar pelo turbilhão de informações ali contidas. O homem oferecia sua essência voluntariamente e, por isso, o acesso ao seu âmago deu-se sem esforço. Não foi o ato simples de ler pensamentos e emoções. Por um segundo, ele efetivamente foi Julio Chavez.

Vivenciou tudo, como se fosse a sua própria vida. A infância feliz, o contato inicial com as histórias do passado do totem-vivo, a curiosidade sobre o assunto junto aos anciãos propagadores de conhecimento. A adolescência inquieta, necessidade frequente de buscar ser o melhor, abrir mão de alguns prazeres da vida para se dedicar a treinamentos extenuantes, tudo para honrar o nome de Lugano Chavez, o grande patriarca. As caçadas iniciais, primeiras lutas, o prazer de fazer

parte de uma alcateia e de oferecer o seu melhor a ela. Os conflitos internos, o assassinato do pai e do irmão mais velho pelo traiçoeiro Cesar. A atribuição inesperada de líder da alcateia, o peso do mundo sobre seus ombros. Decepção com diversas pessoas próximas. Renúncia a muitos desejos pessoais. Ferocidade excessiva para conseguir suplantar inseguranças. Deixar de ser ele mesmo, pelo nome da família.

Uma experiência incomum de Julio acabou sendo de grande valia para a missão em andamento. Ele teve contato rápido com uma fada dos lobos, muitos anos atrás, durante uma viagem pelo México. Era um reconhecimento de algumas terras da região fronteira do país, que avaliava como futuro aumento de território. De modo brusco, uma anciã invadiu sua mente e ordenou que saísse de lá e nunca mais voltasse. Não foi uma comunicação telepática comum, e sim um comando no próprio subconsciente, impossível de ser questionado ou combatido. Nazaré não tem a experiência da velha peeira, mas já tentou contatar Dante por essa via e foi ignorada, confundida com um devaneio qualquer. O brasileiro já sabia como localizá-la.

O foco da vivência passou para as informações sobre o totem-vivo coletadas em todas as suas décadas de existência. O interesse de Julio pelo tema fez com que acumulasse conhecimento do assunto em uma totalidade indisponível em qualquer outro indivíduo vivo.

Quando no auge do seu desenvolvimento, o totem se torna imbatível entre os seus iguais. Somente terá vulnerabilidades perante um humano totalmente descrente de sua condição, empunhando arma formada da liga mais pura, forjada por magia ancestral que somente as bruxas Amazonas conhecem.

Em sua última vinda, durante a Idade Média, auxiliou seu povo, disperso e perseguido pela Igreja Católica. Foi a única luz na Idade das Trevas, o responsável por preservar sua raça, aquele que orientou os desgarrados a usar o disfarce de humanos fiéis às crenças opressoras da época. Depois de cumprida sua missão, sumiu sem deixar vestígio.

Há sete pontos de energia no planeta Terra que atraem o totem-vivo, pois eles sempre promovem grandes mudanças na sua vida: um ponto específico da Amazônia; as proximidades do Lago Xolotlán, hoje chamado de Lago Manáguas; uma região ao norte do Canadá; quase todo o território da Grécia; os fiordes noruegueses; um lugar ainda desconhecido do continente africano e o interior da Austrália.

Alguns seres místicos se revelam no decorrer da sua jornada, são de grande auxílio e devem sempre ser ouvidos. Após alcançar determinado nível de maturidade, o totem passa a reconhecer outras espécies de metamorfos sob o disfarce de humanos comuns. Tal habilidade é essencial para sua sobrevivência, pois muitos deles serão hostis e só desejarão sua destruição.

A essência do totem sempre reencarna quando grandes mudanças se aproximam, e a preservação da espécie dos homens-lobo depende unicamente dessa entidade. O receptor precisa abrir mão de sua individualidade em prol do bem maior de todos os lobos do planeta. Se permanecer aferrado a ela, não suportará o dom recebido e simplesmente sucumbirá. O totem-vivo é o salvador de seus semelhantes, e não pode desejar afastar de si tal responsabilidade.

Dante, incomodado, fez cessar o fluxo de vivências experimentado. A palavra “salvador” o incomodou profundamente. Sentiu-se blasfemo, indigno, não se reconheceu nas descrições absorvidas. Precisava meditar a respeito de sua real condição. O caminho de volta ofereceria o tempo necessário para isso.

– Por favor, não vá ainda – disse Julio, ao ver que o lobo, com olhos de fogo e uma nova luminosidade sobre o corpo, se preparava para partir. – Peço encarecidamente o privilégio de um último desejo.

O licantropo encarou novamente o homem que o havia auxiliado a alcançar mais um passo evolutivo. Palavras não seriam mais necessárias, ele já sabia como proceder. Julio tirou rapidamente as roupas e tomou sua forma de imenso lobisomem. Postou-se diante do totem e aguardou. Em um movimento incrivelmente rápido e eficaz, a garra negra do guará esfacelou aquele coração cansado da luta. O alfa não suportaria os novos tempos a se aproximarem, a queda de seu império e o declínio de sua família. Preferiu partir como um lobo orgulhoso, que finalmente encontrara o sentido para a vida nos seus últimos instantes de existência. Em um último ato de agradecimento, Dante enterrou seu corpo entre as ruínas, no solo vulcânico com tantas energias emanadas. Já podia partir.

(V) FERIDAS ABERTAS

CORAÇÕES E MENTES

Rafael Chavez chegou ao Aeroporto Internacional Daniel Oduber Quirós no primeiro voo do dia. Odiava aviões, acordar cedo e pisar as terras das bruxas amazonas, mas aquela mulher sempre acabava convencendo-o a fazer coisas que não queria. Apesar de todo o esforço para estar com ela, e do jeito como o tratava, para ele valia a pena.

Antes de deixar Honduras, checou as novidades no território junto aos seus generais. Tudo dentro da normalidade: conflitos e mortes no submundo, nada de especial. Ele não se importava com os seus concorrentes, desde que cada um tivesse sua parte das riquezas ilegais e deixasse a do outro quieta. O velho Julio Chavez espumava de ódio por causa disso, o chamava de fraco, incompetente, ameaçava tomar de volta o território cedido ao filho. Rafael ouvia as reprimendas em silêncio, aprendera que era mais simples deixar o ancião latir e rosnar à vontade do que tentar contra argumentar. O velho tinha tentado contato com ele nas últimas semanas, mas foi ignorado.

O filho rebelde era adepto da política do menor esforço. Gostava de deixar os outros trabalharem por ele, queria poder relaxar quando bem entendesse. De que valia ter poder e não utilizá-lo em benefício próprio? Muito se falava no meio criminal a respeito de ser passado para trás por alguns de seus homens de confiança, através de desvios de dinheiro e até mesmo acordos com rivais. O chefe de Honduras simplesmente dava de ombros. Não gostava de briga de cachorro grande, e evitaria conflitos sempre que pudesse.

Pegou um táxi no aeroporto e deu o endereço da casa nas proximidades da cidade de Liberia, alugada especialmente para o encontro furtivo. O motorista disse que ficava a, aproximadamente, dez quilômetros, mas poderia demorar um pouco, porque tinha um último trecho de estrada de terra. O jovem não se importou com isso. Parou de pensar em negócios e se deixou envolver pela excitação de imaginar o dia de prazeres intensos que teria pela frente. Muitos achariam imoral o fato de ser amante da tia. O pai, por exemplo, enlouqueceria, não somente pela questão dos laços familiares, mas também por ter na sua cama uma desgarrada da grande alcateia, a irmã rebelde que construiu um pequeno império independente na Guatemala. Rafael se orgulhava por ter a melhor amante da América Central em seus braços, apesar de não poder contar vantagem disso entre seus amigos, pois precisava de sigilo em relação a esse relacionamento.

Só não ficava à vontade com o jeito dominador de Maria Chavez. Sempre se sentiu comandado, desde a iniciativa da tia em propor-lhe um relacionamento íntimo e clandestino, até a maneira como ela o dominava nos jogos sexuais que praticavam. Ele era um alfa como ela, mas na sua presença parecia apenas um cãozinho domesticado. Chegou até a influenciá-lo em algumas decisões sobre seu território e, mais de uma vez, tirou proveito de seus recursos da marginalidade para conseguir algo. Isso não importava, ele sempre via compensações no prazer oferecido pela fêmea selvagem.

O táxi ganhou velocidade na estrada. O trânsito estava tranquilo, havia apenas uma dúzia de automóveis circulando àquela hora. De súbito, outra tia lhe veio à mente. Monica. Lembrou-se da ômega oferecida aos caçadores em troca de desistirem de fazer carreira na América Central. Novamente, a política do menor esforço. Com isso, Rafael evitou um conflito desnecessário com os matadores de lobisomens e ainda se livrou de um peso morto. Pensou, coisa nunca acontecida antes, nos sentimentos da tia dada como um coelhinho a cães famintos. *Ódio e medo, humilhação de ser tratada como um objeto descartável, o velho ressentimento de não ter os poderes com os quais os outros da família haviam sido agraciados.* Não imaginou, sentiu efetivamente. Solto alguns botões da camisa, estava com calor. *Rancor incontrolável no coração, ódio contra o mundo e todas as criaturas vivas, isso me queima por dentro, me faz faltar o ar.* Extremamente incomodado com a mudança súbita de humor, abriu a janela mais próxima do banco de trás ocupado por ele e deixou o vento bater no seu rosto. Isso trouxe algum alívio.

Não queria mais pensar em coisas desagradáveis, mas novamente Monica invadiu seus devaneios. No passado, quando ele acreditava ter se livrado de tal peso na sua vida, veio o telefonema no meio da madrugada. Tomou conhecimento da morte dos caçadores estadunidenses em terras brasileiras e da necessidade de volta imediata da tia, que tinha arrumado uma confusão séria com membros da Alcateia Global e vinha fugida, usando uma criança como refém-escudo. *Eles estão atrás de mim, a loba norueguesa nunca me perdoará por sequestrar sua cria adotiva.* Olhou desconfiado através do vidro traseiro, pois tinha a desagradável sensação de ter os perseguidores de Monica nos seus calcanhares. Nada, apenas um tráfego leve e moroso.

Lembrou-se de como teve de contatar seu agente duplo do Haiti para que este conseguisse um voo clandestino junto a alguns contatos dele na Colômbia. Permitiu o pouso do avião em Honduras, apenas para não ter de pedir favores a outras pessoas. Quando o trio foi entregue – surpreendeu-se ao ver um médico a acompanhar a tia e a sequestrada –, forneceu uma casa para eles no subúrbio,

somente pelo tempo da criança se recuperar da doença que apresentava, e expulsou a ômega ressentida de seus domínios assim que foi possível. *Maldito, ele me abandonou novamente.* Olhou os campos na margem da estrada para tentar se acalmar. E pensar que ela ainda deixou-lhe a incumbência de dar cabo da vida do médico! Um absurdo ter de se descartar o lixo dos outros! Ele concordou, porque queria se livrar logo da parente indesejada. A última coisa que desejava era gente da Alcateia Global nas suas terras.

Suando frio, fechou os olhos e pousou a cabeça no encosto do banco, buscando diminuir o mal-estar repentino. O carro entrou na tal estradinha de terra até a propriedade rural providenciada por Maria. Não conseguia relaxar. Olhou novamente para trás e viu um automóvel deixar a estrada e tomar o mesmo caminho pelo qual seguia. Podia não ser nada, mas precisava tomar algumas precauções assim mesmo.

- Ei, amigo – falou ao motorista. – Mudei de ideia.
- A gente tá quase chegando, é logo depois daquela curva.
- Não tem problema. Me leva até a conchinha.
- O quê?
- Você ouviu o que eu falei! Aquela dentro da minha cabeç...

O líder criminoso de Honduras parou de falar e analisou mentalmente suas últimas frases. Conchinha na cabeça? Só queria um lugar seguro para se refugiar, até ter certeza de que estava tudo bem. *Tá muito frio e eu tô com fome. Minhas pernas tão doendo de novo. Me ajuda, ME AJUDA! Cadê você, loba?* Gritava através de ondas cerebrais nomes desconhecidos e, em desespero, tocou mentes familiares que ignoraram seus pedidos de socorro. Desesperança, impotência, descrença. *Tô com muito medo. Vou voltar pra dentro da minha cabeça. Na minha conchinha, nada de ruim vai me acontecer. Lá, tudo é bonito e colorido...*

– Ei, acorda, bela adormecida! O que aconteceu? Você parece meio doente – Maria beijou seus lábios. – E está gelado!

– Não é nada, não. Eu só dei uma cochilada rápida, porque tava zoadado. Cê sabe que eu não gosto de avião – Maria já tinha dado dinheiro ao taxista, então ele desceu e entrou no jardim da chácara, em companhia da amante. Procurou o carro misterioso, mas não o encontrou. – Por que desta vez o encontro é na Costa Rica? Este lugar não traz boas lembranças aos nossos.

– Ah, querido, é só para variar o território. Você viu como é bonito aqui? – ela parou na varanda ampla e apontou para o terreno todo florido e salpicado de

árvores frutíferas. – Você sabe o quanto as novidades me excitam... Entre!

– Tá, o velho papo de território. Não querer os encontros no seu nem no meu, tranquilo. O que tá sob a jurisdição do meu pai, OK, cês são tretados faz tempo. Mas, porra, na terra das bruxas? Eu curti muito mais quando a gente esteve em Belize ou no México.

– Não esquentar a cabeça, que está tudo arrumado. Seu pai anda desconfiado de todos ultimamente, e só aqui eu tenho certeza que estaremos tranquilos. Ele morre de medo das amazonas!

– E quem não morre, né? – entrou e trancou a porta. – Bom, chega de papo e vamos logo ao que interessa.

Deu um beijo ardente em Maria no meio da sala de estar e começaram a arrancar as roupas de forma apressada, enquanto caminhavam agarrados até o quarto. Lá, o empurrou com força, fazendo-o cair de costas na cama de casal com lençóis floridos. A velha postura dominadora, mesmo ele sendo muito maior que ela. Ainda com as calças, Rafael devorou com os olhos as curvas femininas nas quais gostava tanto de se aventurar. Coxas firmes, quadril largo, cintura fina, ombros... *ombros largos e fortes... braços... roliços, rígidos... ameaçadores?*

Algo estava muito errado. A cama, antes confortável, parecia ter tufo altos de grama e pedras. A iluminação do cômodo diminuiu drasticamente, e só era possível vislumbrar de modo débil a silhueta a se aproximar. *Ele está chegando. Meu Deus, não deixe ele me fazer mal. Ele é muito grande, não vou conseguir reagir, cheira a tequila e suor azedo. Que nojo!* A sombra opressora se aproximava vagarosamente, e Rafael sentiu o horror mais intenso da sua vida, que parecia querer fazer seu coração estourar, contraía dolorosamente seus músculos. A respiração se tornou um sôfrego soluçar, pois chorava desesperadamente. Lágrimas deformavam mais ainda a visão da ameaça sem rosto. *Não vou conseguir escapar! Não vou conseguir! Alguém me ajuda, pelo amor de Deus!*

Apoiou-se nos cotovelos para se levantar e fugir, mas recebeu um soco no rosto que fez sua nuca bater com força no chão. Uma explosão de dor invadiu seu crânio. Cuspiu alguns dentes e sentiu o sangue morno a inundar sua face. *Está arrancando minhas roupas. Que dor de cabeça! Não enxergo direito, preciso ver como fugir. Ai, meu pescoço! Não consigo respirar. Estou sufocando, sufocando. Meus olhos vão saltar... Preciso lutar, tirar a mão dele do pescoço. O braço parece de aço, preciso arranhar, bater, qualquer coisa. Preciso respirar! Não consigo, não consigo!* Só lhe restou chorar mais desesperadamente, sob o aperto do agressor.

Não, não, não, por favor não! Ai, Senhor, ele vai me estuprar. Meu Deus, me ajude, misericórdia! Sentiu entre as pernas a agonia da estocada impiedosa, tal qual espada em brasa a devastar suas entranhas. Um avanço abrupto, o choque do corpo imenso sobre o seu, a agonia de um invasor a abrir caminho à força no seu interior. Um recuo violento, a sensação de ter todos os órgãos internos arrancados através de uma única abertura sangrenta.

E o ciclo imoral se iniciou novamente. Avanço, recuo. Urros hediondos de prazer. *Vou morrer!* Avanço, recuo. *Tenho que empurrar, tirar ele de cima de mim. Como é pesado. Não sai, não sai!* Avanço, recuo. Teve os pulsos dolorosamente presos contra o solo. Avanço, recuo. A agonia parecia não ter fim. *Me mata logo, seu mostro!*

Ele parou, graças a Deus. Será que vai embora? Não vou conseguir andar. Alguém vai me achar aqui, no terreno baldio? A respiração do agressor se tornou mais intensa, depois parou, o ar preso em pulmões estáticos. Conseguia sentir o pulsar intenso do grande corpo sobre o seu. *O que está acontecendo? Não, vá embora, vá embora! Não está satisfeito ainda?* Teve início, então, a insanidade. Um gorgolejar, unido a estalos terríveis, agrediu sua audição. *Está se mexendo de novo. Não, por favor! Parece um verme nojento, a pele se mexe toda. O que é isso?* Ossos a se romper, suas fraturas expostas a picar como ferrões de vespas imensas. *A baba no meu rosto, vou vomitar. O que está acontecendo com a cara dele? Oh, não, não! Ele é um lobo!* Os pelos grossos irromperam da nova pele, abrindo caminho de encontro ao corpo frágil e repleto de chagas da vítima.

O aperto nos pulsos aumentou, ouviu seus ossos estalarem. Os braços foram forçados em posições antinaturais e tornaram-se também fragmentos doloridos de osso quebrado. Gritos. *Dentro de mim... está aumentando! Dor, dor, dor! Pior ainda! Vou morrer de tanta dor! Santa Madre, não pode ser verdade! É impossível! Por que está acontecendo comigo? Deus me ajude!* Não aguentou o tormento e buscou o único meio de escape que encontrou: refugiou-se no canto mais obscuro da sua mente, abraçando a insanidade como uma benção que desligou seus centros nervosos e mandou a dor embora. A doce escuridão da ignorância, o abandono do intelecto, a renúncia ao mundo cruel da realidade.

A escuridão se adensou e engoliu a vítima barbarizada. Quando a luz voltou, era emoldurada por bandagens e gesso. *Não consigo me mexer. Dói abrir os olhos, dói respirar.* Dor sempre presente, a pulsar em cada corte, cada osso fraturado, cada fragmento traumático da mente desequilibrada. *Um moço me perguntando sobre o ataque. Não, não quero lembrar! Mas preciso falar, quem sabe assim a dor passa...* Sua boca, afligida por gostos horríveis e com dentes faltando, proferiu

palavras sem sentido. *Ele está na minha cabeça. Não, não me viole desse jeito. Não vou aguentar!* Sua mente foi tocada, revirada e finalmente jorros de emoções e cacos de lembranças saltaram para uma cabeça alheia. Sentiu novamente a horrenda sensação de ser invadida e usada. Gritou, urrou, gemeu, chorou. O rapaz fugiu, a enfermeira chegou. Uma picada. Bendita morfina e seu gélido abraço confortador.

– Ei, pessoal, o garotão tá acordando!

– Abre o olho, filho da puta!

– Calma, calma, temos todo o tempo do mundo.

– O cara apagou por horas. Não temos todo o tempo do mundo! Só nos foi cedido o dia de hoje.

Rafael, totalmente desorientado, abriu os olhos. Vestia apenas uma calça jeans, e ainda estava na mesma cama onde todo o sofrimento se iniciou. Levantou a cabeça pesada e dolorida, reconheceu Monica e a criança ao lado do leito. Como elas tinham ido parar ali? Aliás, onde estava? Sua mente estava vazia. Tremia. Virou a cabeça e viu Maria parada do outro lado, os braços cruzados e um semblante ainda mais rígido que o da irmã. Lembrou-se do encontro frustrado. O que estava acontecendo ali? Sentou-se na cama, os braços fracos e as pernas dormentes, e só então notou a presença de um quinto ocupante no quarto. Rafael recuou, temendo a presença do homem, reflexo pós-traumático de vítima de abusos. O desconhecido, moreno, de cabelos compridos presos em um rabo de cavalo, usava uma camiseta preta com imagens e dizeres que lhe causaram arrepios: era uma estampa da banda *Cannibal Corpse*, com o subtítulo *Living Dissection*. Tinha muito medo e ainda sentia dores. As lembranças da violência sobre seu corpo ainda era muito recentes. Seu corpo? Seria uma alucinação o que sofreu? Por que, então, foi tão real?

– Boa noite, senhor Rafael Chavez! – falou o rapaz, sorrindo. – Ou prefere ser chamado de El Lobo? – o homem na cama teve um sobressalto. – Você não me conhece, mas eu o conheço muito bem. Saudações, meu nome é Roberto Gómez Villagrán, mas pode me chamar de Dr. Glendon!

– Seu porco imundo! – Monica cuspiu no rosto do sobrinho.

Tentando ignorar o terrível mal-estar, Rafael começou sua metamorfose. Não suportaria ser humilhado por aquela ômega e aquele roqueirinho franzino! Nem Maria seria capaz de segurá-lo. Sentiu o formigar típico do início da

transformação, e logo as dores da remodelagem corporal. Por um motivo desconhecido, porém, desfez o processo. Novamente enviou o comando mental ao corpo, porém não surtiu efeito. Mas isso não importava, decidiu acabar com os presentes na forma humana mesmo. Iria saltar primeiro sobre o cabeludo, um chute bem dado no peito e... Não conseguia se mexer! Permanecia sentado na cama, braços adormecidos a pender inutilmente ao lado do corpo.

– Essa Nazaré só me dá orgulho! Aprendeu certinho o que te ensinaram, hein? Travou o bicho na hora, e nem precisamos pedir nada!

– Ei, Villa, pare de falatório e vamos logo ao que interessa – Monica repreendeu o jovem. – Abre o jogo pro *cabron*!

– Tá bom, tá bom. Vamos ao momento de explicações? – as duas mulheres concordaram, contrariadas. – Pois bem: em primeiro lugar, vamos conhecer o trio que farejou suas pegadas por quase toda a América Central. Monica, essa você conhece bem, é a ômega que sua família tanto despreza, mas que é ótima em rastrear homens-lobo. Ela ajudou bastante nos momentos de localizar pistas entre os licantropos nativos, quando as investigações "tradicionais" – fez um cômico sinal de aspas sobre a cabeça, com os dedos indicador e médio das duas mãos – chegavam a becos sem saída.

Rafael começou a sentir as costas doerem e as pernas formigarem ainda mais, não conseguia se mexer. Só lhe restou continuar a ouvir.

– Nossa querida Nazaré, a criança que você várias vezes chamou de retardada, é apenas autista. Ela tem um intelecto magnífico, e você teria descoberto isso facilmente se tivesse se dado ao trabalho de basicamente notá-la, enxergá-la como algo mais que "o peso trazido por Monica". O único problema que tem é se trancar em si mesma, quando acha que o mundo aqui fora é cinza demais. É dela a conchinha na qual você quis entrar, quando viu nosso carro logo atrás, na estrada. Ela é uma peeira, tipo especial de ser humano que eu pensava que nunca iria conhecer. Ela não só consegue estabelecer comunicação mental com os lobos, como também influenciá-los, capacidade ainda em desenvolvimento. Gostou de experimentar um pouquinho do seu dom, prendendo-o à cama? Sem ela, muitas das entrevistas em campo nem teriam rolado. Foi útil principalmente com a malandragem do território do seu pai, que não queria abrir o bico de jeito nenhum.

“Você é um lobo ruim” – comunicou-se mentalmente a criança. – “Mas eu nem tenho mais medo de lobo ruim agora”.

– Isso mesmo, querida. E, por último, mas (modéstia à parte) não menos importante: eu! Sou um ômega também, sabia? – Rafael franziu o cenho em um

misto de medo e menosprezo. – Você não curte muito essa "casta inferior", né? – novamente os gestos representativos das aspas. – Eu tenho um dom bem interessante. Consigo extrair memórias e sentimentos da cabeça dos de nossa espécie. Não só isso: também tenho a capacidade de projetar isso na mente dos outros, como se vivenciassem os acontecimentos de verdade. Para não enlouquecer, precisei me tornar um cara insensível aos sentimentos e sofrimentos alheios. Imagine viver dores e angústias de outras pessoas, como se as minhas já não fossem suficientes.

– Para de enrolar, porra! – Monica estava impaciente.

– Calma aí, este é o momento pelo qual esperei por meses, quero saborear cada instante, como se fosse o Coringa explicando ao Batman amarrado seus planos diabólicos e como o aparato ao qual está preso vai matá-lo. A diferença é que El Lobo não vai se safar dessa.

– Nós estamos aqui para vingar Madalena, lembre-se do nosso trato – um sentimento de urgência afligia a sequestradora.

– E também pelo safado sair por aí estuprando fêmeas ômega apenas por satisfação pessoal – Maria, acionada pelo trio na reta final das investigações, atraiu Rafael para esta cilada por achá-lo o maior monstro entre os monstros a governar aquele subcontinente. – Mesmo entre nós, isso que fez é imperdoável.

– OK, meninas. Mas vou deixar bem claro quem foi Madalena, porque esse sacana não vai morrer sem saber o estrago que causou a todos nós. Mulher fogosa, linda, divertida e inteligente. A pessoa mais alegre que conheci. Ela morou comigo dois meses, os mais felizes da minha vida de merda, quase derreteu o bloco de gelo que tenho no peito. Porém, era livre demais para se amarrar a um cara sem graça como eu. Todo mundo tem os seus defeitos, e o dela era ser ninfomaníaca. Me deu um pé na bunda para poder embarcar em outro lance. Queria variar, e o nome do sortudo da vez era Monica Chavez, que tinha conhecido em uma de suas mochiladas malucas por aí. Conheci sua tia quando ela foi ajudar Madá a pegar alguns pertences no meu “apê”. Se eu tivesse um ego, com certeza estaria muito ferido naquele momento, mas a única coisa que pude pensar foi "é feinha, mas deve ter alguma qualidade". Outro relacionamento curto.

– Foi a ela que recorri, quando você me chutou da sua casa, *perro* – Rafael encolheu-se, tremendo. Seus movimentos estavam voltando. – Corri para o México, território fora da influência da família, onde havia alguém com quem podia contar. Mas, ao ligar para o celular de Madalena, foi uma amiga dela quem atendeu e me contou do ataque – Monica não suportou manter a máscara de rudez

e desatou a chorar. – Só... Só me restou co-correr para a moradia da outra única pessoa que eu conhecia na cidade.

– É isso aí. Achei bizarro o pedido de abrigo, mas aceitei Monica na minha casa. Tínhamos em comum o pé de Madalena no nosso rabo e compartilhávamos a mesma dor da novidade. Fomos ao hospital, e só eu tive coragem de vê-la pessoalmente, ou o que sobrou dela. Monica ficou na recepção, cuidando de Nazaré. Os médicos tinham avisado que estava em coma, nas últimas. Mas isso você vai entender melhor. Bem-vindo à pele de mais uma vítima!

Novamente El Lobo encarnou o corpo de outra pessoa. Se sentia pior a cada vez que isso acontecia. *Ai, eu odeio transar em público, mas esse cara me deixa louca!* O carro estava estacionado em uma viela do bairro industrial, em um domingo à noite. Tudo deserto. Os vidros escuros forneciam privacidade suficiente, mas ela ainda se sentia incomodada, o que não a impediu de sentar no colo do belo rapaz ao volante. Um beijo demorado, mãos afoitas a deslizar sobre pele arrepiada. *Vem pro banco de trás, lindo.*

Mal se moveu e cacos de vidro e jorros de sangue quente atingiram seu rosto. Uma garra medonha dilacerava o pescoço do amante e uma cabeça de lobo se fazia visível do lado de fora, pela janela do motorista. O monstro a fitava com olhos frios, nem prestava atenção ao homem que rasgava.

Um homem-lobo! Quanto sangue! Preciso fugir! Ela escapou pela porta do carona, correndo descalça pela rua escura. O movimento frenético das pernas rasgou a barra do vestido justo e curto. *Ele o matou! Ele o matou!* Virou a esquina e cortou o pé em um pedaço de ferro que despontava da calçada. *E agora? Ele está perto, sinto a respiração. Preciso falar com ele.* Ela mancava e deixava um rastro de sangue no chão. Quando olhou para trás, o demônio lupino já exibia seu contorno ameaçador na rua mal iluminada. Sem forças e com dores intensas no ferimento, teve de parar. *Por favor, sou uma da sua espécie.* A fera parou a dois passos de distância, de pé, e a encarou do alto do seu porte intimidador. *Eu sei, ômega, e é por você que vim até aqui. Esta noite vou me esbaldar em suas carnes, vou mostrar quem é o superior aqui.*

O olhar maníaco, a baba a escorrer pelos cantos do focinho, a respiração ofegante, indício claro da excitação do animal, fizeram o coração da vítima gelar. *Não, não, não, não, não!* Ela adivinhou as intenções do maníaco e, desesperadamente, voltou a correr, mesmo ciente de não ter a mínima chance.

Não demorou muito para ser derrubada sobre a calçada suja e irregular, seu rosto a raspar sobre concreto e terra, pele e sangue a tingir o chão. Garras

impiedosas rasgaram o vestido e suas costas. A dor incomensurável da penetração forçada, uma abominação inumana a rasgá-la ao meio. O desespero da agonia humilhante e o nojo da violência extrema sofrida arruinaram a sanidade da mulher. *Vou morrer de tanta dor, não suporto mais!* Enquanto o monstro ofegava sobre seu corpo, ela bateu sua própria cabeça contra um pedaço pontudo de concreto do chão, autoflagelação desesperada em busca de alívio. Três golpes vigorosos foram necessários para arrancar sua mente da nuvem de tormentos que a envolvia. Lentamente, escorregou para o abrigo escuro e apertado da inconsciência, oferecido pelo crânio esfacelado. Ali ficou por muito tempo, até algo familiar tocar sua mente destruída, sugando o que restava dos estilhaços de lembrança. Não havia mais por que continuar respirando, então veio a inexistência.

– É terrível estar na mente de uma pessoa no seu momento de morte, sabia? – Villagrán suspirou. – Ela era uma devassa, transava com um monte de gente, mas isso era uma escolha dela! Podia ser uma puta, mas ninguém tem o direito de brutalizá-la desse jeito. Saí do hospital pronto a cometer qualquer loucura, para fazê-lo pagar. Levantei todo o meu dinheiro do banco, pedi alguns empréstimos entre amigos e parti na caçada a El Lobo – deitado de lado, Rafael tremia e babava, olhos arregalados e vazios. – Monica topou me acompanhar, afinal também não tinha nada a perder. Seria mais difícil com Nazaré junto, mas encaramos o desafio mesmo assim. Só não pirei no meio do processo porque tinha o *blog* para servir como válvula de escape, um pseudônimo para mostrar o que estava fazendo, e mesmo assim parecer outra coisa.

– Ele enlouqueceu, Villa – Monica estava bem mais calma, após sentir o doce gosto da vingança.

– Eu faço questão de ir com isso até o fim! – respondeu o mexicano. – Vou tirar várias fotos do filho da puta para colocar no *blog*. “Vejam só o grande El Lobo catatônico com as calças todas borradas depois de sentir na pele parte das maldades que cometeu”. Fica bom, não fica?

– Ei, onde estão Nazaré e Maria? – Monica correu para a sala. A dupla estava tão envolvida no castigo final do seu objeto de ódio que não percebeu a saída das duas.

Quando os dois olharam pela janela frontal da casa, viram o carro alugado no aeroporto, o mesmo que usaram para perseguir o táxi de Rafael na estrada e iniciar o bombardeio mental, partindo a toda velocidade. Nele estava Maria, sozinha. Não adiantava ir atrás dela, pois tinha proteção das forças locais. E a criança? O jardim da frente da casa estava deserto. Correram para a cozinha, e de lá para a porta dos fundos, onde um grande espaço gramado se estendia até a cerca de madeira que

delimitava a propriedade, a cinquenta metros de distância. Nazaré estava de pé, suas mãos apoiadas na cerca, e olhava atentamente para além das ripas de madeira pintadas de branco, para uma grande extensão de terra vermelha pontilhada de vegetação que se estendia até onde seus olhinhos alcançavam.

– Tá vindo...

Villagrán e Monica se aproximaram da menina, sem entender direito o significado da frase. De quem ela falava? Mesmo com a quietude do local isolado, postaram-se ao lado de Nazaré e também observaram a paisagem. Esqueceram-se da fuga de Maria e do farrapo humano largado no quarto. Minutos depois, naquele lusco-fusco de fim de tarde, o licantropo surgiu. Corria sobre as quatro patas a uma velocidade realmente impressionante, levantando poeira com sua passagem. Estava a uma grande distância, mas os alcançaria em breve. Três pares de olhos se arregalaram, uma mistura de espanto e admiração. Quando saltou por sobre a construção de madeira e pisou o gramado da propriedade rural, a criatura deparou-se com apenas um espectador.

– Caralho, eles chegaram, eles chegaram! – no interior do quarto, Monica entrava em pânico.

– Por que você não entrega a Nazaré e pede desculpas? Quem sabe eles te deixam ir numa boa?

– Você é um filho da puta feito de pedra mesmo! Eu aqui, quase tendo um infarto, e você falando em devolver a criança como se fosse um livro emprestado! Vamos dar o fora daqui, porra!

– E El Lobo? Vamos deixá-lo vivo, depois de tanto trabalho?

– Olha pra ele! O maldito virou uma casca vazia depois de experimentar tanto sofrimento! Nossa Madalena tá mais que vingada. Vamos!

A ômega, assaltada pelo horror, correu para a porta da frente, nutrindo a esperança do licantropo no terreno dos fundos se contentar em ter a peeira de volta e esquecer a vingança. Esperava dos agentes da Alcateia Global a misericórdia que negou ao sobrinho naquele dia.

Villa olhou rapidamente pela janela da cozinha e ficou impressionado com a cena. O grande lobisomem, agachado, estava a um passo da criança. Apoiava as patas dianteiras no solo, entre as pernas dobradas. Nazaré esticou o braço esquerdo e afagou o focinho comprido, como se aquele poderoso ser, uma autêntica máquina de matar, fosse um inofensivo bicho de estimação. No início de escuridão daquele

dia a se encerrar, apenas vultos eram visíveis, mas a vibração emanada pelo toque da criança era quase palpável, ondas de energia sobrenatural a rasgar vigorosamente o ocaso. Por um instante, o mexicano teve pena de todos os mortais privados de tal testemunho e se sentiu um privilegiado por estar ali. Involuntariamente, seus poderes entraram novamente em ação, ele captava o máximo que podia daquele encontro. Duas mentes iluminadas em pleno reconhecimento, expandindo-se e evoluindo. Mais uma vez, a missão de resgate ficou em segundo plano.

Novamente o trio da Alcateia Global atuava como um grupo, depois de se deslocarem para a Costa Rica após suas ações-solo de enfrentamento dos Chavez e o levantamento de pistas decorrente disso. Dante, com seus dons mentais expandidos após o encontro com Julio Chavez, finalmente conseguiu rastrear Nazaré no norte do país. Identificaram a área rural despovoada como o palco de sua ação final, para alívio de todos, afinal a experiência em trechos urbanos não mostrava bons resultados.

O trio veio pelo aeroporto internacional, assim como o fez Rafael Chavez, porém, seis horas mais tarde. Casillas definiu uma estratégia básica adotada em alcateias: um indivíduo do grupo apareceria por um lado do alvo, espantando as presas e deixando-as vulneráveis ao ataque-surpresa do resto do grupo, os verdadeiros atacantes.

Dante foi destacado para a manobra enganadora, dada sua facilidade em percorrer agilmente grandes distâncias, e também pelo seu dom sobrenatural de fazer-se notar pelos seus semelhantes. Para poder desempenhar tal papel, fez uma volta ampla pelos campos desabitados, de forma a chegar à casa pelo lado oposto da via que conduzia ao aeroporto, rota de fuga mais óbvia para quem tentasse escapar.

Fênix, ainda a menos equilibrada do grupo – principalmente agora, com a tensão que precede o ataque ao seu objeto de ódio –, foi destacada para cobrir a rota menos óbvia. Embrenhou-se, sob sua forma lupina, nos campos localizados às margens da estrada de terra que conduzia à casa alugada por Maria, porém, no sentido oposto ao que desembocava no asfalto. Uma manobra inteligente de Casillas, deixando-a em um ponto menos provável de confronto, um ás na manga para o caso de sua selvageria desmedida ser necessária como plano B. A norueguesa não gostou da ordem, mas acatou a definição do líder.

Casillas, por sua vez, parou o carro alugado no acostamento da estrada principal e ficou de campana, próximo ao ponto onde a estrada de terra encontrava com a via de condução ao aeroporto. Encostado ao veículo, como se este servisse de escudo e ponto de apoio, empunhava um rifle. Aguardava atento por qualquer um do grupo de sequestradores e não pretendia fazer prisioneiros. Um veículo que ia no sentido de Liberia, porém, atrapalhou o bom andamento da sua tarefa.

– Ei, amigo, precisa de ajuda com o carro? – gritou um ancião, de dentro de uma camionete caindo aos pedaços, parada perigosamente na pista oposta.

– Muito obrigado pela gentileza, mas estou bem – respondeu impientemente o espanhol –, apenas aguardo alguns amigos.

– Ainda bem. Aqui, você não vai encontrar serviço de auxílio. O governo não acha necessário. Boa noite.

Casillas acenou, desesperado, pois essa pequena distração custou-lhe o ataque-surpresa planejado. Um veículo escuro veio à toda da direção vigiada e, inesperadamente, não foi no sentido esperado. Fechou perigosamente a camionete do senhor prestativo, quase causando um acidente, e seguiu queimando pneus em direção à cidade de Liberia.

– Maldição! – o espanhol não quis correr o risco de alvejar o veículo do ancião.

Bateu no teto do seu carro em protesto, jogou a arma no banco traseiro e assumiu o volante. Em uma manobra brusca, fez um giro de cento e oitenta graus e seguiu no encalço da fugitiva, que já sabia ser Maria, após se esforçar para alcançar a mente da motorista do outro veículo. Nessa prospecção mental, conseguiu entender todo o arranjo para punir o chefe de Honduras, e também o motivo de orientar sua fuga para a cidade mais próxima e menos provável, para deixar o país.

"E, mais uma vez, as coisas saem do meu controle" – pensou o perseguidor. "Terei de improvisar nesta nova abordagem, tendo em vista a ajuda inesperada que Maria providenciou."

Monica sentia-se ridícula, mas seu instinto de sobrevivência falou mais alto. Na garagem da casa encontrou apenas uma bicicleta e, com ela, seguiu pela rua de terra sem iluminação. Assim que chegasse à estrada, pediria carona e seguiria para qualquer lugar longe dali. Fervia de ódio pela irmã egoísta e sua fuga com o único automóvel disponível, porém, ignorava o fato de ter abandonado Villagrán pelo

mesmo motivo: identificar uma ameaça e abandonar tudo para salvar a própria pele.

Em pouco tempo, estava cansada e com dor nas pernas, mas continuou a pedalar com vigor. Os meses de privações durante a busca do maníaco, depois reconhecido como seu próprio sobrinho, deixaram-na calejada. Aprendeu a comer pouco, andar muito, suportar sol e chuva. Para a sorte de Nazaré, Villagrán acabou por se afeiçoar a ela (fato incomum), e nessas andanças ele carregava e protegia a criança, sempre que necessário. Por Monica, ela teria sido descartada logo no início da jornada de investigações.

Em uma curva fechada da estrada secundária, uma sombra surgiu da vegetação e chocou-se com a roda dianteira da bicicleta. Monica foi ao chão, ferindo os dois braços, mas não se importava. Eles haviam-na encontrado, e sua vida chegaria ao fim. Em vez dos urros animalescos esperados, ouviu apenas ganidos, algo totalmente inesperado. Levantou-se rapidamente e sua visão precária em meio à escuridão lhe trouxe alívio: tinha atropelado um cão. O pobre animal não parava de ganir e estava com uma pata traseira no ar, como se a tivesse quebrado.

Com ânimo renovado, Monica chutou o cachorro nas costelas com gosto, pegou a bicicleta e retomou sua fuga. O sangue dos braços escorria para suas mãos e deixava o guidão pegajoso. Sentia pequenas pedras entre os dentes ao rangê-los nervosamente, e cuspiu algumas vezes tentando se livrar do desagradável gosto de terra. Aquele inferno precisava acabar, não aguentava mais a tensão.

Como surgida do nada, uma figura pavorosa mostrou-se no meio do caminho, quando estava a apenas alguns metros de distância da ciclista. Novamente a bicicleta foi ao chão na tentativa de desvio do obstáculo inesperado, e Monica sentiu dores no ombro, quadril e joelho do lado direito, partes tocadas pelo solo áspero da beira do caminho. Levantou-se desajeitadamente, engalfinhada com o quadro do meio de locomoção já bastante odiado por sua vulnerabilidade, e conseguiu ver o que causou o novo acidente. Uma mulher muito velha, de cabelos volumosos e compridos, a encarava com olhos arregalados. Usava um conjunto de trapos largos e desordenados fazendo as vezes de vestido.

“Eu a seguro.”

— Segura, é? Vamos ver, sua velha louca!

Monica pegou no chão uma pedra do tamanho do seu punho e atirou-a na anciã, acertando-a no rosto. A mulher recuou cambaleando, as mãos sobre o lugar atingido. Mal teve tempo de se recuperar e recebeu novo golpe, dessa vez na

cabeça, com um pedaço de pau. Caiu de joelhos, os braços a descer lentamente. Sangue escapava em profusão do olho perfurado e do supercílio igualmente atingido pela pedra.

– E agora, sua filha da puta? – Monica gritou, ensandecida. Preparou-se para um novo ataque, mas um ruído na mata desviou sua atenção. – Não, não, nãããão!

A fera de pelagem espessa, cinza e marrom, era pavorosamente familiar. Fênix. A mesma criatura que, meses atrás, teve de desistir de um ataque contra a ômega dos Chavez por vê-la usando Nazaré como escudo. A besta assassina que viu sua cria adotiva, muito doente, febril, ser arrancada dela na Amazônia, para servir de garantia a uma mulher vil e sem escrúpulos. E agora as duas estavam frente a frente.

A norueguesa decidiu abandonar seu posto de vigilância definido por Casillas quando sentiu o cheiro da inimiga em fuga. Correu pela mata por quilômetros, ultrapassando o alvo que escapava paralelamente pela rua de terra, e estava pronta a atacá-la de frente. Porém, algo a paralisou, uma indução inexplicável pressionando sua mente, forçando-a a permanecer imóvel na mata. Por uma ironia do destino, a brutalidade de Monica tirou de ação a anciã que impedia o ataque de sua algoz através de poderosos comandos mentais.

Fênix avançou sobre a vítima paralisada. A loba selvagem, faminta de vingança, ávida por sangue e destruição, devorou o resto de humanidade da mulher com a qual compartilhava a existência. Não restava nada além de morder, arranhar, mastigar. Arrancaria os pés da vítima, para impedi-la de fugir. Preservaria ao máximo sua vida, queria vê-la sofrer cada instante, sentir cada laceração, ver cada pedaço vermelho gotejante ser arrancado de si. A cabeça pulsava, os ouvidos captavam cada bombeamento de sangue fervente pelo vigoroso coração lupino. A excitação do instante que antecede o desabar da máquina destrinchadora sobre a carne viva e tenra a fez espumar, grande quantidade de saliva escorria pelos cantos da bocarra. De pé, Fênix abriu os braços e liberou o animal hediondo para promover a maior carnificina de sua existência.

Tudo ficou vermelho. A mulher-lobo, cega de ódio, não se importou com sua deficiência temporária. *Morder a carne, beber o sangue.* Uma profusão de líquido quente molhava o focinho e o peito. *Arrancar os braços, não, as pernas primeiro.* Músculos rígidos como rocha. *Cheiro de medo.* Orelhas abaixadas rente à cabeça, ouvidos moucos, preservados da inutilidade dos gritos da presa. *Espalhar seus pedaços por todos os lugares.* Cheiro de urina misturado com suor repleto de medo. *Comer a carne, o coração por último.* Um empurrão na sua mente. *Cheiro diferente, tudo vermelho.* Um chacoalhão na sua mente. *Cheirar, cheirar, cheirar.*

Dante. Sua mente envolta em uma película inquebrável, flutuando impotente. *Nazaré?*

Quando retornou à realidade dos sentidos, a norueguesa ainda permanecia de pé com os braços abertos. Seu corpo inumano todo dolorido, resultado do esforço de ir contra sua natureza, um freio do subconsciente para os instintos assassinos. Sentia muita sede, havia salivado em excesso. A visão foi retornando aos poucos, como se estivesse em um ambiente com farta iluminação e, no momento seguinte, fosse lançada em trevas profundas. Monica ficou visível na periferia da sua percepção visual, mas o foco estava na dupla à sua frente.

Dante, sobre quatro patas como um portentoso lobo de guerra, carregava nas costas a pequena peeira. Estava muito magra, abatida, mas seus olhos emitiam a luz da felicidade. Segurava-se firmemente à juba do lobisomem-guará e sorria.

"Você viu que agora consigo segurar lobo pela cabeça? Aprendi faz pouco tempo. Vim correndo com o lobão porque você ia machucar minha amiga."

A fera desabou, restou somente a mulher. Prevaleceu o instinto maternal daquela que nunca carregou uma criança no ventre, mas que soube amar e proteger a menina ao mesmo tempo tão frágil e poderosa. Instintivamente de volta à forma humana sem nem sentir as dores da transformação, pegou Nazaré no colo. Não se importava por ter sua mente invadida e seus atos de vingança frustrados. O motivo de estar ali era, primordialmente, ter aquele corpo magro entre os braços.

A mulher nua sentiu os bracinhos ao redor do pescoço ainda tenso compensando todos os sentimentos ruins de frustração, raiva e vazio dos últimos tempos. Como da vez que seu irmão a resgatou de um abismo depressivo anos atrás, em uma cabana rudimentar na Noruega, se sentia amparada, valorizada.

"Você não tá com frio? Tá pelada" – a preocupação da menina era autêntica.

"Na Costa Rica? Acho que não" – riu Fênix. – "Venho de um lugar muito mais gelado. Vou levar você à minha terra, para conhecer o que é frio de verdade".

"Posso levar minha amiga também? Ela é boazinha, me dá refrigerante".

Pela primeira vez depois de ter voltado do seu estado de paralisia delirante, a mulher-lobo prestou atenção a Monica, que já escapava pela estrada, deslocando-se sorrateiramente, o mais rápido que seus ferimentos permitiam. Encarou severamente o colega brasileiro, cobrando alguma atitude. Ele, de pé, balançou negativamente a cabeça lupina.

"Síndrome de Estocolmo" – salientou Dante, e isso despertou a percepção real daquela situação.

Nazaré, apesar da rudez dos atos e das provações impostas, adquiriu certo grau de afeição pela captora. Matar Monica poderia causar um trauma profundo na criança, e sendo ela uma pessoa autista, os danos poderiam ser irreversíveis. Com uma sensação desagradável fazendo-a queimar por dentro, Fênix concluiu ser necessário manter a sequestradora viva. Mais uma vez, a consciência da mulher refreou os instintos da loba. Apesar de tudo, a norueguesa se sentiu feliz por ainda ser capaz disso.

"Vamos voltar à propriedade. Há um rapaz nos esperando, e outro Chavez para decidirmos sobre seu destino. Também precisamos auxiliar a senhora ferida. Depois disso procuraremos Casillas."

As ordens de Dante foram prontamente atendidas, e sua companheira de missão voltou à forma lupina. Levou Nazaré nos braços, e o mesmo fez o outro com a idosa inconsciente. Fênix notou uma mudança radical no brasileiro e concluiu que os encontros com Julio Chavez e Nazaré o fizeram evoluir bastante. Nada restava do rapaz inseguro com o qual discutiu no Haiti, que tinha inclusive posto em dúvida sua condição de totem. Ele era especial, de fato. Iniciou a missão como um filhote assustado e estava próximo da sua conclusão como um semideus.

Chegaram ao imóvel e encontraram o jovem de cabelos longos na sala de estar. Ele ainda demonstrava um medo reverencial em relação aos lobos. Dante sugeriu que transferisse à percepção da norueguesa o momento do seu encontro com Nazaré, no terreno dos fundos, pois com certeza ela apreciaria o sentimento único vivenciado ali. Villagrán usou seus poderes e Fênix saboreou cada sensação, sentindo-se grata pela oportunidade de um momento tão único, a simbiose do totem e da peeira, ambos evoluindo juntos em um pequeno instante, iluminação instantânea como a professada no zen-budismo. Amou ainda mais a criança, admirou ainda mais o homem-lobo.

Rafael continuava catatônico, e Dante imaginava o que deveria ser feito dele. Alguns Chavez caíram em batalha e seria melhor para os planos de expansão da Alcateia Global a morte do chefe de Honduras. Porém, o licantropo se sentia mal ao ter de dar cabo da vida de uma pessoa naquela situação, por mais abjeta que fosse. Chegou à América Central disposto a eliminar qualquer um, mas agora tinha outra visão do mundo e de seus iguais.

Nazaré ajudava os outros dois no atendimento à anciã. O olho perfurado estava em um estado terrível e o crânio parecia fraturado. Os três procuravam ajudar da melhor maneira possível, mesmo sabendo ser necessário levá-la ao hospital. Como explicaria essa situação?

Os pensamentos gerais foram interrompidos pelo tropel vindo da frente da propriedade, diversos cascos em choque com a terra dura da estrada. Um motor de carro se juntou à sinfonia de ruídos, logo depois. Fênix e Villa foram até a janela da sala e se depararam com a incrível visão: mulheres de cabelos muito compridos, alguns soltos, outros presos em tranças, montavam cavalos enormes e se aglomeravam ao redor da entrada da casa. Entre elas, o carro de Casillas.

“As bruxas Amazonas...” – pensou a mulher-lobo.

“Meça suas palavras, loba!” – a aspereza da carga mental recebida a fez recuar. – “Mais respeito, porque você está no nosso lar”.

Villagrán tremeu ao vê-las desmontar e entrarem na casa, em um grupo compacto. Diversas armas eram visíveis entre os longos vestidos, como katanas e machadinhas. Nas faces rudes, a altivez da verdadeira autoridade ali presente. As peeiras da Costa Rica vieram resolver seus assuntos pendentes com aqueles licantropos.

TERRITÓRIO INDEPENDENTE

Villa, sentado no piso da sala e com a cabeça doendo, observava com admiração as mulheres ao redor. Havia louras, morenas, negras, adolescentes, adultas, idosas. Todas usavam vestidos e cabelos longos, pareciam uma mescla de hippies com sacerdotisas pagãs, com o adendo de carregarem armas como guerreiros medievais. Eram extremamente organizadas e não trocavam uma palavra entre si. Não precisavam. Eram todas peeeras poderosas, com dons mentais privilegiados. O mexicano descobriu isso da pior maneira ao tentar ler algumas mentes, quando o grupo entrou na casa, e ser repellido por elas com rajadas telepáticas que o levaram ao chão, quase desacordado.

Ao conseguir discernir novamente os acontecimentos ao redor, percebeu que algumas delas saíram para levar a anciã ferida a algum local onde pudesse ter o atendimento adequado. Rafael foi jogado rudemente sobre o sofá ali perto, uma casca vazia a respirar e salivar debilmente. Uma dupla de amazonas cuidava dos cavalos lá fora e outras três permaneciam em um quarto com Maria e Monica (trazidas com o numeroso grupo que escoltou Casillas de volta à casa). Outro trio permanecia com Nazaré, Fênix e Dante no terreno dos fundos.

Na cozinha, uma mulher corpulenta de cabelos totalmente brancos, aparentando estar na casa dos cinquenta anos, tinha uma conversa particular com Casillas. Era o encontro das duas autoridades no local: a comandante das mulheres que mantiveram do seu território os ferozes vizinhos licantropos e o líder da investida de campo da Alcateia Global, a maior entidade secreta mundial de identificação e controle de sua espécie. O restante das mulheres guerreiras se espalhou pelas redondezas mantendo a vigilância. Villagrán não conseguia ouvir a conversa dos líderes e não ousava tentar outra sondagem psíquica, então se limitou a esperar, incerto sobre seu destino.

– Senhor Casillas, muito obrigado por abrir sua mente à minha leitura. Isso nos fez ganhar um bom tempo em relação ao entendimento das suas atividades – falou, com voz calma e grave, a mulher sentada à mesa.

– Estou à disposição para o que for necessário para resolvermos tudo – respondeu o agente especial.

– Devo dizer que já temos um conflito de interesses aqui. Fazemos questão de manter a criança chamada Nazaré conosco – não foi preciso ler a mente do espanhol para notar seu desconforto. – Temos mantido o máximo número de nossas semelhantes neste território seguro, desde a grande batalha contra os lobos,

décadas atrás. Se quiser entender melhor nossa visão a respeito disso, pode varrer minha mente.

Com um agradecimento silencioso demonstrado por um gesto de cabeça, Casillas adentrou áreas de lembranças que necessitariam de muito tempo de conversa verbal para ficarem claras. Ficou impressionado ao conhecer a extensão dos poderes das peeiras, de como elas comandam com total facilidade licantropos alfa, com nível médio de dificuldade os betas e a dificuldade de influenciarem ômegas, por conta de seus dons mentais mais evoluídos. Confirmou finalmente uma informação da qual não tinha plena certeza: que as peeiras, por serem humanas comuns agraciadas com um dom – como os homens-lobos aleatórios, nascidos em famílias de não-licantropos –, sofreram preconceito por parte dos demais homens-lobo, sendo, inclusive, combatidas por eles durante muitas gerações. Indefesas, normalmente solitárias, pereceram aos montes, até decidirem se unir e combater seus agressores. Isso culminou na grande batalha citada pela líder há pouco, onde finalmente definiram a Costa Rica como seu território seguro, exterminando todos os licantropos da região e mantendo-os a distância desde então. Formaram uma sociedade matriarcal e guerreira, onde as mulheres tomam todas as decisões e cuidam da segurança das famílias. Preferem as zonas rurais para viver por ser mais fácil manter seu estilo de vida incomum longe dos olhos dos curiosos.

Sempre que tomam conhecimento da existência de alguma nova peeira, buscam trazê-la para o país para garantir sua segurança. Algumas não aceitam o convite e seguem em uma vida autônoma, tendo sua opção respeitada pelas amazonas. Maria, apesar de ser uma mulher-lobo, sempre manteve bom relacionamento com esse grupo, enviando a elas mulheres com esse dom que chegassem aos seus domínios. Por conta desse bom relacionamento, as peeiras aceitaram seu pedido de acesso ao seu território proibido para ajudar a irmã Monica na sua vingança final contra o desprezível sobrinho, cujas atividades pervertidas ninguém da família tinha conhecimento. Havia, porém, negociações necessárias para alinhar todas as expectativas em relação ao destino das pessoas envolvidas nas ações dos últimos meses, todas ali presentes.

– Vocês são realmente irredutíveis em relação à guarda da criança, correto?

– Sim, senhor.

– Entendo perfeitamente essa posição após tomar conhecimento do seu lado da história. Devo, porém, expor alguns pontos a respeito de tal decisão – Casillas apresentava uma tranquilidade autêntica, mesmo estando em uma situação completamente desfavorável, em território hostil. – Nossa aliada de codinome

Fênix possui laços afetivos com a menina e não abrirá mão de estar junto dela. Além disso, a criança acabou adquirindo certa afeição por Monica, sua captora, e afastá-las pode piorar, e muito, seu quadro emocional.

– Estamos cientes disso. Nossa pequena irmã já compartilhou seus sentimentos conosco e sabemos de todas as suas ânsias e desejos. Somos mais honestas entre nós do que os lobos o fazem, senhor Casillas, sem querer ofendê-lo, nem aos seus semelhantes – a voz da líder mantinha-se calma. – Aceitaremos as duas em nossas terras, mesmo sendo contra nossa maneira de proceder. Mas uma coisa precisa ficar clara: Monica foi hostil com uma de nossas anciãs-vigias, e assim que Nazaré abandonar o vínculo emocional doentio que mantém com ela, a ômega será julgada por seus atos. Perfuraremos seu olho e causaremos as mesmas sequelas que nossa anciã vier a ter em decorrência desse ataque.

– Acho justo. Por vezes, também somos adeptos do olho por olho, dente por dente.

– El Lobo também ficará aqui. O sangraremos até a morte, e seus ossos irão para o nosso memorial de guerra.

– Isso é mesmo necessário? Mesmo depois de ter sua mente destruída pelas lembranças de suas vítimas?

– Sim. Seres horrendos como ele devem estar sempre ao alcance de nossos olhos para que não nos esqueçamos do mal que deve ser combatido – seguiu-se uma pequena pausa, quebrada pela concordância silenciosa do interlocutor. – Maria terá liberdade para voltar às suas terras. Você leva embora o restante dos machos. Sua missão aqui acabou.

– Agradeço sua bondade. Uma última questão: com o esfacelamento do império dos Chavez, é grande a probabilidade da Alcateia Global retomar os planos de expansão do seu alcance na América Central. Podemos tê-las como colaboradoras nesse processo, caso seja necessário?

– Não brinquem com a sorte. Quero deixar claro que esta invasão em nosso território somente foi tolerada por termos identificado um indivíduo muito especial em seu grupo. Espero honestamente que ele traga iluminação aos seus, e que vocês finalmente possam alcançar um novo nível evolutivo, abandonando velhos preceitos nocivos a outros seres vivos. Vão em paz.

– Puxa, cara, muito obrigado pelo convite em participar da Alcateia Global!
– Villagrán se sentia muito satisfeito, como não o fazia há muitos anos.

– Aqui não é lugar para falarmos disso – retrucou Casillas, em tom de repreensão, olhando para as poltronas mais à frente, no avião quase vazio que seguia para o México. – No momento mais oportuno falaremos sobre isso. Mentalmente. Agora, eu preciso descansar.

Dante, em um assento no outro lado do corredor, olhava pela janela. Não sabia como se sentia, apenas tinha certeza de que era algo totalmente novo. Despediu-se da norueguesa e da criança pela qual nutriu instantaneamente tanta afeição, pensando na situação delicadíssima de ter duas inimigas mortais a conviver em território hostil para ambas. Deixou para trás o olhar de admiração das outras peelas e o medo indisfarçável das irmãs Chavez. Porém, não era somente isso que havia deixado para trás nas terras da América Central, tinha a sensação de não existir mais aquele Dante amedrontado e inseguro do começo do ano. Era cada vez mais plural, o homem morria aos poucos, dando lugar ao totem. Agora tinha certeza de quem era, do que deveria fazer. Estariam as pessoas mais próximas prontas para isso? Sua mente vagou até as terras brasileiras onde Caroline, a agente de inteligência que tanto os auxiliou durante toda a missão, esperava um filho seu.

– Puxa, só agora me lembrei do blog! – o mexicano bateu na própria testa. – Preciso atualizar sem falta, explicar certinho o destino de El Lobo.

– Está maluco, rapaz? Isso aí é passado! Você agora tem muitas outras obrigações, e não terá tempo para superficialidades como essa – Casillas, como líder nato, pareceu ter convencido o novato a focar na sua nova carreira.

– Se bem que, deixando o conteúdo parado bruscamente em um *post* onde se falava sobre o iminente encontro final com El Lobo, pode-se criar uma aura de mistério... Quem sabe o blog não vire uma lenda da internet, motivo de milhares de especulações sobre o destino do misterioso Dr. Glendon? Vamos ver no que dá...

FIM

AGRADECIMENTOS

E mais um Fúria Lupina vê a luz da lua cheia! Como ninguém se faz sozinho, escrevo estas linhas de agradecimento às pessoas que colaboraram para o resultado final do livro.

E começo dentro de casa: muito obrigado a Janaina e Angelina por permitirem, sem ciúmes ou reclamações, que estes licantropos chegassem à nossa convivência diária e clamassem por minha atenção. Serei também eternamente grato aos meus irmãos de sangue que sempre acreditaram neste projeto. Mônica e Silvio, vocês viabilizaram tudo isto, desde o primeiro parágrafo escrito há alguns anos. *Thanks!*

Um escritor não vive sem leitores beta, daqueles supercríticos e exigentes, sem temor de abalos na amizade por conta de observações pertinentes a respeito de um texto. Para este livro, convoquei o quarteto fantástico composto por: Mônica Medeiros (sempre presente!), Adriana Cabral (que se envolve para valer em uma leitura e enxerga detalhes minuciosos incríveis), Sandra Torres (grande entusiasta do Fúria Lupina e, por conta disso, uma excelente puxadora de orelha) e Tânia Souza (a dama do horror e seus descaminhos sombrios a serviço dos lobos, para minha felicidade). Valeu mesmo, vocês ajudaram muito! Escritores, nunca fiquem sem um grupo de leitores beta isentos e inteligentes, isso é essencial.

Neste processo de criação houve uma pessoa de muita paciência e extremo talento, cuja árdua tarefa foi dar cara ao livro e ao lobisomem-guará da trama. Fiquei muitíssimo satisfeito com o trabalho prestado por Carolina Mancini, e espero ter a disponibilidade de seu lápis habilidoso em projetos futuros.

Obrigado a todos os entusiastas dos licantropos, dos quais recebi um apoio muito maior que o esperado, e a quem sempre procuro fazer jus com meus livros. Agradeço também aos não adeptos do horror e mesmo assim leitores de Fúria Lupina, por enxergarem nas histórias coisas além da tradicional carnificina dos lobisomens. Obrigado aos que vaiaram, cuspiram e atiraram pedras, pois até vocês têm importância no processo de amadurecimento de um autor, afinal, são o flagelo que impulsiona o cavalo de batalha para frente, calejando, fortalecendo.

Também não posso deixar de citar aqui a Editora Literata (casa editorial responsável pela versão impressa do livro), personificada no Eduardo Bonito. Fui muito bem recebido!

Um grande abraço a todos, e até a próxima!

SOBRE O AUTOR

Alfer Medeiros é o pseudônimo de **Alexandre Jorge Ferreira Medeiros**, português radicado em São Paulo desde a infância. Apreciador de expressões culturais como literatura, música, cinema e quadrinhos, através dos quais obteve a inspiração para criar sua primeira obra literária. Analista de sistemas por profissão, adotou a escrita por pura paixão pela fascinante expressão artística das letras.

Secretamente mantém uma criação de lobisomens e, na série de livros [Fúria Lupina](#), mostra ao mundo o resultado de tal empreitada. Também decidiu diversificar os negócios investindo em um estabelecimento incomum, chamado [Livraria Limítrofe](#), onde a magia dos livros é parte integrante da sua inusitada rotina. Sempre que o tempo permite, se aventura em antologias de contos na companhia de outros irmãos de letras, para variar ainda mais sua escrita.

CONTATO:

www.AlferMedeiros.com.br

alfer.medeiros@gmail.com

UM CHAT PÓS-CRÉDITOS

AcOnItUm diz:

Ei, caçador! Vc tá aí??? Tá melhor???

Chip diz:

to
ainda n acredito q eles morreram
n sei o q fazer

AcOnItUm diz:

E a Annie?

Chip diz:

consegui arrumar passagem pra ela
essa semana ela volta pra ca

AcOnItUm diz:

Ei, vamos fazer uma atividade. Faz uma busca de imagens na internet e procura pela capa do disco “The Number of the Beast”, do Iron Maiden.

Chip diz:

iron maide?????/// n curto essa barulheira

AcOnItUm diz:

Vai lá, cara. É sério, abre e analisa a imagem!!!

Chip diz:

n sei o q vc quer com isso ms vou confia
já achei
e tipo o inferno
tem um carinha no meio do fogo
tem um diabo manipulando ele por umas cordas, tipo marionete
ms e daí??????

AcOnItUm diz:

O que mais? Acredita em mim, é importante você falar tudo o que achou da capa do disco...

Chip diz:

tá si faco pq vc e amigo
tem uma cavera
acho q tem em todo disco, ne
essa cavera tá manipulando o diabo
q nem marionete tb
pra q tudo isso??????????

AcOnItUm diz:

É bom ter entendido a imagem. Vamos entender seu significado nesta nossa conversa. Leia com atenção, porque é sua única chance de sacar o que tá acontecendo.

Chip diz:

ta

AcOnItUm diz:

O carinha manipulado pelo demônio desse desenho representa seus amigos caçadores de lobos

Chip diz:

q porra e essa????????????????????

AcOnItUm diz:

Apenas leia!

O diabo é vc. Remotamente, mandou seus colegas para os confins da América Central, sempre com dicas quentes de lugares para matar as criaturas.

Chip diz:

q isso
ajudei mto eles
n sou diabo n

AcOnItUm diz:

Calma aí, e acompanha meu raciocínio. A “caveira” se chama Eddie, e é o mascote da banda. Mas isso não vem ao caso. No contexto que eu quero te passar, essa caveira sou eu, manipulando você.

Chip diz:

q porra e essa cara????????????

AcOnItUm diz:

É isso aí. Vou me apresentar decentemente. Quando nos conhecemos nas redes sociais, falei que era um cara da Alemanha, simpaticante pela caça aos licantropos e conhecedor de alguns pontos estratégicos na América. Te passei várias dicas quentíssimas pra vc ficar com moral com a sua galera. Vc passava as coordenadas, eles se davam bem e até pararam de te achar um babaca. Todos tavam felizes, inclusive eu.

Chip diz:

porra aconitum você n e meu amigo cara??????
e tudo q a gente aprendeu junto????????
e todo nosso papo sobre varias coisas q a gente ria pra caramba

AcOnItUm diz:

Tudo mentira! Sabe quem eu sou? Vou te dizer:

Sou da América do Sul, lugar que vc acredita só ter índio e gente burra. Sou uma mulher, que vc entende como aqueles bichos inferiores e incapazes que não ligam pra vc. Sou cega, e mesmo assim dou de dez a zero em vc, seu lammer fracassado, que pega receitas prontas na internet e grita aos quatro ventos que é um hacker fodão. Vc é esse diabo da capa, todo metidão com seu tridente, quando na verdade é só um bonequinho sendo manipulado por alguém competente de verdade.

Chip diz:

q q c tá falando????????

AcOnItUm diz:

Foi fácil te achar por aí, fuçando coisas sobre lobos, armas, avvistamentos de criaturas. Sou de uma organização que monitora esse tipo de coisa o tempo todo. Cruzamos suas informações com as que já tínhamos de Vansing e Guent, aí foi fácil ver que vc fazia parte da nova geração dos caçadores.

A partir daí, foi só invadir seu computador (com moleque punheteiro é moleza: vírus em site pornô), manipular seus resultados de buscas, monitorar suas comunicações e, por fim, fazer amizade com você, disfarçado de simpaticante da sua causa.

Vc, seu otário, fez tudo o que eu quis nos últimos meses, colocando seus amiguinhos delinquentes pra fazer o trabalho pesado para a minha organização. Eles foram pra cova por SUA causa. E você vai pra cadeia por MINHA causa. Isso é pra aprender a não fingir ser o que não é.

Chip diz:

vo pega esssa converssa e denuncia vc

AcOnItUm diz:

Não vai, não. Eu acesso sua máquina remotamente. Desabilitei printscreen, copiar/colar, etc. Já apaguei todo o nosso histórico de conversas. Meu acesso à net é todo mascarado, meu IP é fake. Nem vou entrar em termos mais técnicos, porque você não ia entender mesmo.

Chip diz:

vc tá fdida vo te pega

AcOnItUm diz:

Não vai, não. Aliás, a polícia é que vai te pegar. Eles já receberam uma denúncia anônima, com todas as merdas que vocês fizeram na Jamaica e em Porto Rico, antes da gente se “conhecer”. Os dados da conta do Vansing também. Vc vai em cana, malandrão, e sua amiga Annie tb. Só estou te falando tudo isto porque queria te deixar molhando as calças, antes de ser pego pelos tiras.

Chip diz:

FILHA DA PUTAAAAAA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

AcOnItUm diz:

Bem, vou nessa, já me diverti bastante às suas custas. Obrigada por ajudar minha organização com mão de obra barata. Aliás, esqueci de dar mais um detalhe: é uma organização de homens-lobo. Nunca fale “lobisomem”, é feio. Já apaguei meus rastros no seu computador e corrompi os arquivos de sistema necessários para ele não conseguir reiniciar. Não se preocupe, os técnicos da polícia vão ler seu disco sem problemas para pegar as provas que eu plantei. Vou desligar sua máquina agora. Lembre-se: quando o homem tá indo, o lobo já tá voltando. Tchau, babaca.